

Ernesto Bozzano

Comunicações mediúnicas entre vivos

Do original italiano

Delle comunicazioni medianiche tra viventi



Conteúdo resumido

Nesta obra Bozzano faz a análise de uma classe de fenômenos mediúnicos curiosa e pouco explorada: a possibilidade de comunicação entre os espíritos encarnados, ou “os vivos” como nos denominamos em nosso plano material.

Através da investigação científica, o autor apresenta e esclarece as seguintes questões: Os vivos podem comunicar-se pelos médiuns? Então é possível a uma pessoa viva desdobrar-se em duas partes: corpo de um lado e espírito de outro? Mas se aceitarmos isso não estaremos retrocedendo às superstições de um passado morto, que o desenvolvimento das Ciências superou há muito?

Demonstra o autor que é necessário investigar as reais possibilidades e os limites em que se pode desenvolver a ação telepático-mediúnica entre pessoas vivas, auxiliando, desta forma, a demonstração da autenticidade espírita das comunicações análogas com as entidades de mortos.

Sumário

Um estudo de Psicologia integral	4
Introdução	8
1ª Categoria – Mensagens experimentais no mesmo apartamento	10
2ª Categoria – Mensagens mediúnicas entre vivos e à distância.....	25
Subgrupo A - Mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas imersas no sono.....	27
Subgrupo B - Mensagens transmitidas inconscientemente ao médium por pessoas em estado de vigília	43
Subgrupo C - Mensagens obtidas por vontade expressa do médium.....	54
Subgrupo D - Mensagens transmitidas por vontade expressa de pessoa distante	95
Subgrupo E - Casos de transição no momento da morte ou na agonia	101
Subgrupo F - Mensagens transmitidas com auxílio de entidade espiritual	107
Conclusões.....	157

Um estudo de Psicologia integral

Os estudos da Psicologia introspectiva do passado limitavam-se ao campo subjetivo. Os estudos da Psicologia experimental moderna perderam-se no campo sensorial. O desenvolvimento da Psicologia profunda abriu a possibilidade de uma síntese, que a atual Parapsicologia tenta realizar. Mas essa síntese já existe e seu ponto modal é o *médium* ou *sujeito paranormal*, em cujo psiquismo se fundem as manifestações anímicas e espirituais. É o que o eminente pesquisador italiano professor Ernesto Bozzano demonstra neste volume, dando uma resposta antecipada e definitiva a todas as questões de tipo bizantino hoje levantadas nesse terreno.

* * *

À maneira do que se fez no século passado e nos princípios do atual, investigadores sistemáticos ou sectários, uns e outros apegados de forma anticientífica a preconceitos culturais ou religiosos, procuram sustentar a natureza puramente anímica dos fenômenos paranormais. Chegam a elaborar hipóteses de tipo teatral, como a de Tyrell sobre as aparições ou a de Sudre sobre as variações de personalidade do sensitivo, com a desesperada finalidade de afastar do campo das pesquisas a evidência da natureza psicológica dos fenômenos. Bozzano refutou, com lógica insuperável, em vários trabalhos, mas particularmente neste volume e em seu monumental *Animismo ou Espiritismo?* (resultado de quarenta anos de observações e estudos) essas hipóteses inviáveis. Charles Richet, no fim da vida, reconheceu que as monografias de Bozzano erram de clareza meridiana, afirmando que elas “contrastam com as teorias que atravancam as Ciências”.

Richet, prêmio Nobel de Fisiologia em 1913, faleceu em 1935. Com a sua morte a Metapsíquica foi praticamente posta de lado pelos cientistas. Mas cinco anos depois já os profs. William McDougal e Joseph Banks Rhine davam impulso à Parapsicologia, demonstrando que a clarividência (1940) estava

provada em rigorosas pesquisas de laboratório. Grande número de parapsicólogos, hoje, com Rhine à frente, sustentam a tese de Bozzano de que esses fenômenos provam a existência no homem de algo que não se reduz ao físico. As teorias sensoriais foram novamente golpeadas pela evidência da percepção extra-sensorial. Apesar disso, o velho Sudre voltou à liça para sustentar a sua posição superada e parapsicólogos como Robert Amadou, Robert Tocquet e alguns clérigos desprovidos de senso crítico empenharam-se numa campanha mundial de difamação de pesquisadores e médiuns do passado, julgando o que não viram.

Neste volume, Bozzano apresenta um dos seus estudos mais lúcidos e mais pertinentes (na atualidade) sobre a natureza dos chamados *fenômenos psi*. Tratando das comunicações mediúnicas entre vivos, demonstra que o psiquismo independente da criatura humana é o mesmo e age da mesma maneira nos fenômenos anímicos (ou mentais, como são hoje classificados) e nos fenômenos espíritas. Vai além, demonstrando que a simples admissão do *extra-sensorial* prova que o psiquismo humano não pode ser reduzido às funções orgânicas. Se podemos ter percepções e comunicar-nos sem o intermediário habitual dos sentidos físicos é porque não somos somente materiais.

Mas não é apenas a conclusão lógica que pesa na balança. Bozzano, cujo espírito científico é inegável e dos mais penetrantes, não se contentaria somente com deduções e induções. Por isso nos mostra o argumento irrefutável dos fatos, em que sempre se apoiou. Não se trata, pois, de um simples debate em torno de hipóteses a favor e contra. O que temos neste livro é uma exposição de fatos, e o que somente os cegos não vêem, de fatos que se repetem incessantemente por toda parte e em todos os tempos. Assim, o lançamento da primeira tradução deste livro em português é uma contribuição valiosa e necessária ao desenvolvimento atual dos estudos da fenomenologia paranormal, particularmente no Brasil, que vem sofrendo o impacto de campanhas sistemáticas e interesseiras de

desmoralização desse importante campo da investigação científica.

Muitas inteligências capazes ainda se acomodam no pressuposto ingênuo de que este é um problema de interpretação. Mas a realidade é bem outra. As interpretações constituem apenas a fumaça de camuflagem lançada pelos que não querem aceitar a evidência dos fatos, seja por uma questão de atitude (o que é anticientífico) ou de posição dogmática, materialista ou religiosa (o que é hoje culturalmente inaceitável). O problema que este livro coloca é de Ciência e por isso mesmo os dados que apresenta são objetivos.

Já é tempo de se compreender que a prevenção mental é tão danosa para o avanço do conhecimento quanto o foi no passado a prevenção emocional do fideísmo religioso. Querer saber se somos mais do que simples organismos materiais não é menos científico, nem menos digno ou menos inteligente do que procurar saber se somos apenas organismos materiais. E por que motivo devemos encarar objetivamente os fenômenos materiais e negar o direito de isenção ao estudo dos fenômenos psicológicos (no mais alto sentido da expressão)? Que direito tem o cientista de afirmar a inexistência de fenômenos que tantos outros cientistas pesquisaram e cuja realidade sustentaram, enquanto eles, os negadores, se limitam a opiniões e argumentos?

A Psicologia integral que a Parapsicologia atual procura atingir é uma exigência do desenvolvimento científico dos nossos dias. Essa Psicologia integral é necessária para o verdadeiro conhecimento do homem, e mais do que isso, para a compreensão da própria natureza cósmica, da qual o homem é parte integrante. Tolos não são os que sustentam o que viram, mas os que negam o que não viram. Mais tolos ainda quando teimam em não ver para não terem de refundir a precariedade de seus conhecimentos. Este livro é, sobretudo, um exemplo: o grande exemplo de um positivista que, à maneira de Lombroso, do próprio Richet e atualmente de Rhine, Soal, Price e Pratt, foi capaz de reexaminar os seus conceitos apriorísticos e reajustar a sua posição científica à realidade dos fatos.

São Paulo, janeiro de 1968.

J. Herculano Pires

Introdução

Designa-se por *fenômenos mediúnicos* um conjunto de manifestações, tanto físicas como inteligentes, que se produzem com o auxílio de forças ou faculdades subtraídas temporariamente de um médium – algumas vezes também, em pequena escala, dos assistentes –, por vontade que independe do médium e dos assistentes. Tal vontade pode ser a de um morto ou a de um vivo.

Quando a vontade de um vivo é que se apresenta, só o pode fazer através dos mesmos processos espirituais exercidos por um morto: faculdades subconscientes e supranormais para um vivo, conscientes e normais para um morto. Resulta daí que as duas classes de manifestações são idênticas por natureza, com a distinção puramente formal de que quando se verificam por obra de um vivo, tomam o nome de *fenômenos anímicos* e quando por obra de um morto, denominam-se *fenômenos espíritas*. É claro, pois, que as duas classes de manifestações são uma o complemento necessário da outra, e isto de tal sorte, que o Espiritismo ficaria sem base se não existisse o Animismo.

As manifestações anímicas de ordem inteligente raramente se verificam sob forma mediúnica, pois, via de regra, exercitam-se em forma direta e, segundo os casos, tomam o nome de manifestações telepáticas, de fenômenos de *bilocação*, de *clarividência no passado, no presente e no futuro*.¹ De qualquer modo não me ocuparei de tais modalidades de manifestações anímicas, limitando-me a analisar, comparar e classificar os casos de comunicações entre vivos, por via mediúnica.

De tais manifestações especiais já se ocuparam diversos eminentes cultores das pesquisas metapsíquicas, e Alexandre Aksakof tratou muito amplamente do assunto na sua obra *Animismo e Espiritismo*; todavia, os meus antecessores não tiveram a intenção de tratar dos fatos de modo particular, e não os classificaram, o que me proponho fazer no presente trabalho, limitando-me à especialização de poucos exemplos típicos para cada categoria, pois que a messe dos casos escolhidos é exuberante.

Advirto, também, que a classificação dos casos em exame apresenta a dificuldade de neles se encontrarem, muitas vezes, incidentes de diversas categorias, por isso me cinjo ao critério de classificá-los levando em consideração a característica mais relevante de cada um.

A importância teórica da presente monografia parece evidente e consiste em que os casos de comunicações mediúnicas entre vivos, realizando-se pelos mesmos processos pelos quais se produzem as comunicações mediúnicas com os mortos, oferecem a possibilidade de melhor se penetrar na gênese destes últimos, lançando-se nova luz sobre as causas dos erros, das interferências, das mistificações que neles se encontram.

1ª Categoria

Mensagens experimentais no mesmo aposento

Os exemplos compreendidos na presente categoria só representam um grupo de episódios pertencentes à classe dos fenômenos de transmissão e leitura do pensamento, mas lembremos que aqui são relatados naquilo em que diferem dos episódios comuns pela circunstância de a transferência e a leitura do pensamento se realizarem *mediunicamente*, ou seja, com auxílio da escrita automática, dos movimentos de uma mesa ou ainda de pancadas na madeira de algum móvel, e assim por diante.

Para este grupo de fatos o caso clássico por excelência é ainda o do Rev. Newnham, publicado originalmente no vol. III dos *Proceedings of the Society for Psychical Research* (págs. 3-23), posteriormente narrado por Myers em sua mais importante obra.² Sendo ele mais amplamente citado em várias outras obras metapsíquicas, abstenho-me de repeti-lo aqui, limitando-me a recordar que o Rev. Newnham fazia experiências com a própria esposa, sentado na mesma sala, a oito pés de distância da mesma, de costas voltadas um para o outro.

Escrevia ele as perguntas que desejava transmitir mentalmente à sensitiva e esta apoiava a mão sobre a prancheta e as respondia imediatamente, antes mesmo que o experimentador tivesse tempo de escrevê-las. As respostas eram sempre correspondentes às perguntas e se referiam, na maior parte dos casos, a coisas ou assuntos desconhecidos dela, mas conhecidos do experimentador, salvo uma vez em que a resposta se referiu a uma informação ignorada também pelo experimentador, mas, em tal caso, era conhecida de outra pessoa presente, a qual escrevera a pergunta e fizera o Rev. Newnham lê-la.

Um ensino importante a extrair-se das experiências em questão consiste na circunstância de que, quando o experimentador se mostrava muito exigente, insistindo em perguntas demasiadamente complexas para a capacidade de percepção subconsciente da sensitiva, as respostas recebidas, conquanto em perfeito acordo com as perguntas, eram inventadas do princípio ao fim.

Assim, por exemplo, tendo o Rev. Newnham, que pertencia à Maçonaria, pedido à sensitiva para transcrever-lhe a prece maçônica em uso para a promoção ao grau de Mestre, a prancheta escreveu instantaneamente, com vertiginosa rapidez, longa prece em tal sentido na qual havia reminiscências maçônicas, mas que, no todo, era uma invenção fantástica. Ora, tais espécies de mistificação em experiências de transmissão do pensamento, por algum processo mediúnico, são muito interessantes, devido a uma analogia que apresentam com as correspondentes interferências mistificadoras, que freqüentemente se obtêm nas comunicações mediúnicas genuinamente espíritas. Dir-se-ia que as excessivas insistências de parte do indagador, tendo por efeito determinar nas personalidades mediúnicas uma *tensão* excessiva da vontade, com relativa dispersão do fluido mediúnico e consecutivo enfraquecimento do “controle psíquico”, abrem caminho ao extrato onírico subconsciente, o qual, emergindo, continua a seu modo a comunicação em curso, determinando uma ação de sonho.

De outro ponto de vista, dever-se-ia dizer que, do mesmo modo, a emergência de mistificações do inconsciente, nas experiências de transmissão e leitura do pensamento, nada retira do valor teórico dos escritos genuinamente espíritas. E, de qualquer modo, convém notar que as mistificações espíritas encontram análogo fato nas mistificações anímicas, o que se traduz em um primeiro ensinamento instrutivo retirado da análise comparada dos fatos, de que nos utilizaremos no devido tempo.

Como complemento do assunto, convém observar que há exemplos de mistificação espírita que, conquanto explicáveis pela hipótese da emergência do “extrato onírico subconsciente”, contudo poderiam ter, na realidade, uma origem diversa, observação esta que encontra uma curiosa ilustração no seguinte trecho de um diálogo mediúnico que extraio das conhecidíssimas experiências do Prof. Ochorowicz, com a médium Srta. Tomczyk.

O Prof. Ochorowicz se dirigiu à personalidade mediúnica, perguntando-lhe:

P. – Existias antes do nascimento da “Grande Stásia”³ (isto é, da médium)?

R. – Sim, mas não me deves fazer semelhantes perguntas se *não quiseses que eu te responda com mentiras*. Gostaria de revelar-te tudo, mas não é permitido fazê-lo.

P. – Por que?

R. – Não me perguntes. Provavelmente porque, se nós revelássemos tudo, provocaríamos no mundo uma revolução social demasiadamente violenta. (*Annales des Sciences Psychiques*, 1909, pág. 201).

Como se vê do diálogo acima, a personalidade mediúnica declara, explicitamente, que se se quiser saber demais ela se livrará logo de apuros com mentiras, resposta curiosa e desconcertante, apesar da notória correção da personalidade em questão, a qual adverte o interrogador do que o espera se ele não desistir dos seus propósitos excessivamente inquisitoriais.

Tal resposta explicaria muitas coisas e resolveria muitos casos desconcertantes do mediunismo teórico, conquanto tivesse de ser explicada por seu turno, visto que não se poderia compreender a necessidade de recorrer a mentiras, quando em tais circunstâncias bastaria responder do modo pelo qual o fez a “Pequena Stásia”, isto é, observando que não era permitido responder a perguntas indiscretas. Ao mesmo tempo, a expressão da personalidade mediúnica de que “não era permitido fazê-lo” implicaria na existência de entidades espirituais superiores, reguladoras dos destinos humanos, a cujos decretos se conformariam os espíritos de grau inferior, ainda capazes de comunicar-se mediunicamente com os vivos. Quantos mistérios a resolver!

Entre tais mistérios destaco o seguinte: Se há entidades espirituais superiores que proíbem os espíritos comunicantes de revelar certos segredos do Além, para os quais a humanidade não está preparada, fica então subentendido que as mesmas entidades permitem aos espíritos em questão suprir com mentiras a curiosidade dos vivos e, assim sendo, ter-se-á de inferir que, em certas contingências, também as mentiras seriam justificáveis no sentido talvez de que elas se tornem propícias à evolução ordenada e

regular das disciplinas metapsíquicas, porquanto talvez sirvam para exercer influência moderadora e benéfica sobre a sua difusão entre os povos, influência que não seria conseguida de outro modo, assim como a evolução biológico-psíquica da espécie só se consegue com a intervenção do fator *mal* em perpétuo contraste com o fator *bem*.

Se assim for, dever-se-ia dizer que, para as operações evolutivas da nova Ciência da alma, as mentiras proferidas em circunstâncias especiais pelas entidades espirituais inferiores também teriam a sua razão de ser, por isso que desorientariam os experimentadores demasiadamente crédulos, obrigando-os a meditar e aprofundar ulteriormente o tema, determinando tréguas providenciais no progresso das pesquisas metapsíquicas, impedindo as intempestivas convicções com base na fé cega, isto com toda a vantagem para os métodos de indagação científica. E, acima de tudo, evitando o perigo de “uma revolução social demasiadamente violenta”, que infalivelmente ocorreria se a nova orientação do pensamento ético-religioso tivesse de impor-se a massas sem preparo, com perniciosa rapidez. Bem hajam, pois, as mistificações espíritas que servem de freios moderadores ao curso rápido e imprudente a que com facilidade se abandonariam alguns esquadrões extremamente impulsivos do novo exército do ideal.

Seja como for, o fato é que as mistificações e as mentiras da natureza indicada se verificam freqüentemente nas manifestações mediúnicas e, assim sendo, nada impede a que se lhe atribua a gênese indicada, isto é, de uma parte, a emergência freqüente do “extrato-onírico subconsciente” nos sensitivos; de outra parte, a mistificação do Além, às vezes determinada expressamente por personalidades mediúnicas, com o escopo de disciplina espiritual e para salvaguarda da evolução espiritual humana, que deve ser ordenada a fim de evitar o perigo de uma reforma muito precipitada de instituições religiosas milenárias, reforma essa que deve se efetuar de modo bem lento, prudente, conciliador, e a fim de se poder preparar, simultaneamente, o novo Templo de Deus.

E, assim sendo, não será inútil tomar-se boa nota também desse segundo ensinamento, extraído da análise comparada dos fenômenos anímicos e espíritas.

* * *

Nas considerações expostas encontram-se os ensinamentos teóricos essenciais que se podem extrair das manifestações aqui contempladas, de modo que me limitarei, a seguir, a dar poucos exemplos desse gênero, a puro título ilustrativo.

Caso 1 – Colho o seguinte episódio do livro da Sra. Hester Travers-Smith, *Voices from the Void* (pág. 48). A referida senhora é dotada de faculdades mediúnicas incomuns, e o Prof. W. F. Barret fez com ela uma longa série de experiências, conseguindo ótimos casos de identificação espírita.

Escreve a Sra. Travers-Smith:

“Outro episódio, análogo ao citado, aconteceu certa noite em que se achava presente o Sr. Y., autor dramático. Eu e a Srta. C. trabalhávamos como médiuns e o “espírito-guia” descreveu um velho castelo que o Sr. Y. havia adquirido pouco antes, informando que aquele local era assombrado e que a assombração se prendia a uma antiquíssima história romântica, história essa que ele se pôs a narrar. Como a comunicação se tornasse muito longa, eu disse ao Sr. Y.: “Não lhe parece melhor interromper estas fantasias sem fundamento? Isto não lhe pode interessar”. Respondeu-me ele: “Ao contrário, interessa-me muitíssimo, pois que está sendo ditado o enredo de um novo drama”.

Declaro que nem eu nem a Srta. C. conhecíamos coisa alguma a respeito do drama que estava sendo escrito pelo Sr. Y.”

A propósito do incidente exposto, observo, por amor à verdade, que o “espírito-guia” da médium afirma que tais formas de leitura do pensamento da subconsciência alheia, como também outros episódios de comunicações mediúnicas entre vivos, se produzem constantemente por intermédio dele e, de certo modo, ele o demonstra preanunciando os referidos episódios.

Observo, ainda, que afirmações de tal natureza ocorrem freqüentemente em experiências congêneres, mas claro é que não podem ser levadas em consideração devido à impossibilidade de verificar satisfatoriamente a validade das afirmações.

Devemos também considerar que, se o fato em si pode ser teoricamente admitido, e até se deve admitir que assim suceda freqüentemente (sempre em homenagem à tese da identidade entre o Animismo e o Espiritismo), isto não impede que os casos de comunicações mediúnicas entre vivos se realizem com freqüência.

De qualquer modo, essas reiterações por parte das personalidades mediúnicas são de tal sorte insistentes que achei oportuno reunir os melhores casos desse gênero em uma categoria especial (*subgrupo F*).

Caso 2 – O seguinte episódio é extraído do vol. III, pág. 295 dos *Annali dello Spiritismo in Italia*. O Sr. F. Scifoni, um dos mais notáveis espíritas italianos da primeira hora, escreveu nestes termos ao diretor da citada revista:

“Em 17 de junho de 1863, pouco depois da meia-noite, eu me achava no escritório, como de costume, absorvido pelo trabalho. Parando para um breve repouso lembrei-me de ter lido em jornais espíritas ou de magnetismo algo sobre a experiência da evocação do espírito de pessoas imersas no sono. Sabia também que um dos meus amigos havia obtido bons resultados em tais provas, por mais de uma vez, e assim me veio a vontade de tentá-lo.

Morava comigo, havia muitos meses, o Sr. Vincenzo Tanni, que dormia no meu próprio quarto, contíguo ao meu gabinete. A porta estava encostada e eu o ouvia roncar ruidosamente, como de hábito. Aqui declaro que nunca o havia visto acordar, nem mesmo incomodar-se com qualquer ruído que eu fizesse, de modo que, durante o dia, muitas vezes ríamos do seu delicioso sono.

Quis então tentar a prova com ele e me esforcei por concentrar intensamente a minha vontade, como quando, pelo magnetismo, se quer promover o êxtase do sonâmbulo. Evo-

cado o seu espírito, comecei logo a escrever, e a minha mão traçou estas palavras: “Eis-me aqui. Que queres comigo?” Feitas algumas perguntas e recebidas respostas de pouco valor, escrevi este pedido: “Ora, meu caro Tanni, queres fazer-me um favor? Querias dar-me uma bela prova da realidade das comunicações espíritas, despertando-te por alguns instantes e chamando-me pelo nome?” E minha mão escreveu: “Sim”. Repito que me achava em meu gabinete e que ele dormia no quarto anexo. Do lugar em que fica o gabinete até à parede que o divide do dormitório distam quatro metros. Eu me mantinha em profundo silêncio e com o ouvido atento para verificar se ele fazia o menor movimento, porém nada interrompia o seu sono de chumbo. Continuando sem ouvir coisa alguma, evoco os meus espíritos familiares e a minha mão escreve: “Espere mais um pouco”. Espero-o, porém nada ouço... Desiludido, já pensava em retomar o meu trabalho interrompido, quando de repente vi o Tanni mover-se e *chamar-me distintamente pelo meu nome*. Surpreso, pergunto:

– O que queres?

– Ainda estás de pé?

– Sim. O que queres?

– Nada. – E com uma espécie de incerteza: – Que horas são?

– Meia-noite e trinta e cinco minutos.

– Ah! Supus que já fosse dia.

Em seguida, tornou a dormir profundamente. Pasmado com a belíssima experiência, pergunto aos meus espíritos familiares se a demora da prova não seria talvez devida à falta de firmeza de minha vontade, e a minha mão escreve: “Sim. Vacilas um pouco; contudo, podes ficar contente com o resultado.”

Desejando-se tomar ao pé da letra o desenvolvimento dos fatos no caso exposto, dever-se-ia dizer que o episódio da comunicação mediúnica entre vivos, aí contido, poderia ter ocorrido pela intervenção de uma entidade espiritual, mas como tal cir-

cunstância não é demonstrável e como tal hipótese não é necessária para a interpretação dos fatos, não se deve insistir nela, pressupondo, ao contrário, a concentração da vontade do experimentador como tendo sido suficiente, como o é na prática para criar uma condição de “afinidade psíquica” entre o experimentador e o paciente adormecido, condição indispensável em tal espécie de experiências.

Caso 3 – Transcrevo-o da *Light* (1898, pág. 375) e digo que se trata de um caso muito instrutivo de “vontade sugestionante” e de “lucidez” desenvolvida em uma distinta escritora norte-americana. O narrador é o Sr. Harrison D. Barret, diretor de *Banner of Light* e presidente da *National Spiritualist Association* dos Estados Unidos da América do Norte. É longo o relatório e, conquanto o incidente que nos interessa esteja em curto parágrafo, decidi-me a relatar um longo trecho, dado o valor teórico que os fatos apresentam. Escreve o Sr. Barret:

“Trata-se de uma jovem senhora a quem o relator teve a honra de ser recentemente apresentado. Nela se desenvolvem espontaneamente faculdades de clarividência, sem que conhecesse coisa alguma do que a propósito ensina o Ocultismo. Em grau menor existem as mesmas faculdades em dois outros membros da família, porém como os sentimentos destes últimos são contrários a tal sorte de manifestações, eles as reprimem sistematicamente.

É costume da senhora projetar as suas faculdades perceptivas em direção à irmã e ao irmão que residem nos “Midlands” e assim procedendo ela os percebe nas situações em que se acham na ocasião, situações essas que depois lhe são confirmadas em cartas. Uma vez viu seu cunhado subindo numa escada a pregar na parede uma série de pregos nos quais dependurava outros tantos quadros. O fato a surpreendeu porque ela sabia que o seu cunhado não possuía os quadros que estava vendo, mas quando lhe escreveu veio a saber, pela resposta, que realmente ele estava colocando na parede os mesmos quadros que ela vira, quadros que obtivera em virtude de um legado.

Por meio da sugestão mental conseguiu que um membro da família interrompesse uma carta que estava escrevendo, a pusesse de lado e escrevesse outra carta que ela ditou mentalmente. E ele escreveu até o fim a segunda carta, meteu-a no envelope, pôs o endereço e selou, depois voltou a escrever a carta que havia interrompido. Tudo isso ocorreu sem a troca de uma única palavra e só três horas depois é que revelou tudo ao seu parente, o qual ficou um pouco contrariado e pediu que lhe fosse devolvida a carta que ela lhe havia ditado por sugestão, mas era tarde porque já fora posta no correio.

Quando projeta as suas faculdades perceptivas a distância ela pode influenciar as pessoas visualizadas, transmitindo-lhes os próprios pensamentos ou sugerindo-lhes a prática de uma determinada ação. Assim, por exemplo, ela lhe sugere que a venha visitar numa hora preestabelecida, o que nunca se deixa de realizar. Quando transmite ordens mentais, percebe os pensamentos das pessoas com as quais está em afinidade, como se conversasse de viva voz com elas, mas não fica certa do êxito da experiência enquanto não se verifica a ação sugerida. A projeção das suas próprias faculdades perceptivas em direção ao paciente determina um “circuito” de retorno que reage sobre ela e, dessa forma, é informada do êxito da experiência.

Quando deseja comunicar-se com pessoa de longe, começa por suprimir qualquer relação com o ambiente exterior, fechando os olhos e sobrepondo-lhes as mãos. Depois concentra intensamente o pensamento sobre a pessoa que deseja ver, evitando rigorosamente deixar-se colher pela mínima distração. Se pensar no ambiente em que se acha a pessoa que deseja ver ou em coisas que a mesma lhe sugere, falhará a experiência. Algumas vezes atinge o alvo imediatamente, outras vezes tem que sustentar a prova por uns vinte minutos. Enquanto não vê a pessoa visualizada, abstém-se de transmitir a mensagem e, quando o fato se realiza, *sente-se* na presença da pessoa. Algumas vezes tem tentado tocá-la e a vê reagir imediatamente. Em geral as pessoas sobre as

quais projeta o pensamento tomam conhecimento de sua presença ou pelo menos *pensam nela*. Ela não distingue o ambiente em que se acha a citada pessoa a menos que se proponha vê-lo como também não percebe a paisagem que tem de atravessar para chegar à pessoa visualizada. Com respeito a esta última circunstância o relator obteve dela a promessa de tentar visualizar os detalhes das paisagens interpostas de caminhos percorridos, pessoas encontradas, etc.

O esforço que ela faz nessas circunstâncias a esgota sensivelmente e algumas vezes sente dor de cabeça. Vivendo só, procura a companhia dos parentes, recorrendo às suas faculdades de vidente, as quais desenvolveu tanto que agora funcionam espontaneamente, sem intenção alguma de sua parte. Ocorreu-lhe isso algumas vezes enquanto guiava a sua caleça,⁴ o que se torna um inconveniente muito sério, porque durante esse estado fica inconsciente do ambiente que a cerca, de modo que por duas vezes o cavalo se desviou, indo esbarrar na cerca da estrada, onde ela caiu, despertando-se bruscamente para a vida normal, de forma bem pouco agradável. Ela é de opinião que em tais condições de clarividência realiza-se a projeção a distância de seu próprio “duplo”, e isto porque vê o seu próprio corpo deitado no divã.

Além disso distingue repetidas vezes os “duplos” de outras pessoas vivas, algumas das quais vinham visitá-la em seu quarto, como também distingue e comunica-se mentalmente com pessoas mortas, separando facilmente os fantasmas de vivos e de mortos pelo grau diverso de densidade com que lhe aparecem: os fantasmas dos vivos são muito mais densos do que os dos mortos. Ela conserva lembrança de suas experiências, conquanto se realizem evidentemente durante uma “segunda condição” de sensitiva.”

Este é o mais interessante caso referido pelo diretor da revista *Banner of Light*, que o comenta brevemente, nas seguintes palavras:

“Este caso demonstra, de modo absoluto, que o “controle mediúnico” consiste na transmissão telepática do pensamen-

to e não em uma encarnação temporária do espírito comunicante no organismo do médium. O mesmo se diga dos fenômenos de “obsessão” e “possessão”, que, baseados no caso exposto, deveriam ser considerados como determinados pelo fato de o paciente ser dominado por uma idéia. Quer dizer que a mente do paciente, achando-se temporariamente em condições de ideação negativa, torna-se fácil presa de uma idéia sugestionante de origem extrínseca, idéia essa que pode dominá-lo e obsediá-lo, degenerando numa representação monoideística. Este caso demonstra também que a chamada “presença de um espírito” não implica, de modo algum, a idéia de que ele se ache efetivamente presente. Antes, a uniformidade das leis naturais tenderia a fazer presumir que as manifestações espíritas sejam conseqüência de uma projeção de força ou de pensamento da entidade comunicante, conforme se verifica no caso exposto.”

Estas são as considerações racionais e instrutivas que o relator faz do interessante caso referido, cujo valor técnico é notabilíssimo, não porque encerre modalidades novas de manifestação, mas pelo desenvolvimento completo que nele assumem alguns episódios. E, para começar do incidente que diretamente nos interessa, não se pode negar que o fato de conseguir-se, pela transmissão do pensamento, que uma pessoa interrompa uma carta que estava escrevendo, a fim de começar outra que lhe é ditada por uma vontade extrínseca, sem que a pessoa sugestionada tenha conhecimento de se haver tornado instrumento passivo em mão de outrem, não se pode negar, repito, que um completo incidente de tal natureza seja um tanto raro nos anais dos fenômenos magnéticos e hipnóticos.

Recordo apenas um episódio semelhante ao narrado, o qual se encontra no livro do Prof. Flournoy, *Esprits et Mediums*, pág. 90. Neste, a Sra. Prell sonha que está fazendo uma visita à sua amiga, a Sra. Zora, dotada de mediunidade escrevente, e que lhe faz certo discurso. Em tal momento, a Sra. Zora, que acabava de levantar-se e estava absorvida no trabalho, é tomada por um impulso de escrever automaticamente e, assim procedendo, manifesta-se-lhe a sua amiga Sra. Prell, que lhe dita longo dis-

curso, idêntico no conteúdo, senão na forma, ao discurso do sonho.

Do ponto de vista do paralelismo entre os fenômenos anímicos e espíritas, tais episódios são altamente sugestivos porque valem para tornar mais inteligíveis as modalidades em que se realizam as comunicações com os mortos, pois que, se a vontade de um vivo pode ditar mentalmente uma carta, palavra por palavra, servindo-se do cérebro e mãos de outrem, ou pode transmitir a distância o conteúdo de um longo discurso, nada impede que se acolham, como legítimas e verdadeiras, as explicações dadas em tal sentido pelas personalidades dos mortos, que afirmam transmitir as suas mensagens agindo telepaticamente pela sua vontade sobre o cérebro dos médiuns.

Destaco ainda as seguintes passagens:

“Quando transmite ordens mentais, ela percebe os pensamentos das pessoas com as quais está em relação, como se estas conversassem com ela, de viva voz.”

E mais adiante:

“Geralmente as pessoas sobre as quais projeta o seu pensamento têm consciência de sua presença, ou pelo menos pensam nela.”

E por fim:

“Ela é de opinião que em tais condições de clarividência realiza-se a projeção, a distância, do seu próprio “duplo”, e isto porque ela vê o seu próprio corpo deitado, inerte, no divã.”

As passagens citadas nos levam a presumir que, na sensitiva em questão, as faculdades de transmissão telepática do pensamento se alternam muitas vezes com os fenômenos de “bilocação” ou projeção a distância do seu corpo fluídico. Em tal caso, porém, não devem ser tomadas ao pé da letra as impressões da vidente, isto é, que as pessoas por ela visualizadas conversem com ela, de viva voz. Tais pessoas, indubitavelmente, não se portariam desse modo, pois que não existem exemplos de tal

natureza em toda a casuística do gênero, conquanto seja verdade que as pessoas que recebem um impulso telepático, muitas vezes se tornam conscientes de *uma presença* ou *pensam* na pessoa que, naquele momento, se acha em relação psíquica com elas. Portanto, deve-se presumir que as conversações de que se trata ocorrem entre as personalidades integrais subconscientes dos protagonistas e, como isso não faz diferença para os videntes, os quais desenvolvem os seus diálogos com as pessoas visualizadas, é natural que neles se produza a ilusão de uma conversa de viva voz, ilusão ou alucinação tão viva e infalível que constitui a regra em tais experiências, e o próprio William Stainton Moses a ela se sujeitava. Este, certo dia, resolveu pedir explicação a tal respeito ao seu guia “Imperator” e isto por ocasião de um incidente desse gênero, em que ele estava convencido de ter conversado de viva voz com pessoas distantes, que vira num cortejo fúnebre.

Perguntou ele:

“Em tais circunstâncias (do desdobramento fluídico) poderia tornar-me visível aos presentes? “Imperator” respondeu: “Não estarias visível a olhos humanos, se bem que a presença de teu espírito pudesse impressionar a mente de alguns dos presentes que *pensassem* em ti, como dizeis vós outros. Muitas vezes isto se verifica por efeito da vontade dos espíritos que atraem o pensamento das pessoas com as quais se acham em relação. Referindo-me ao teu caso, observo que, como no cortejo não havia pessoas com as quais estivesse vinculado espiritualmente pela lei de afinidade, não terias podido tornar-te visível, mesmo que nós o houvéssemos desejado. Afirmas ter dirigido a palavra a alguém no cortejo, recebendo resposta, *mas em verdade exercitaste as faculdades espirituais de transmissão e leitura do pensamento*, faculdades de que se servem os espíritos para conversar entre si. Estavas em condições transitórias de desencarnado e por isso exercitaste as faculdades espirituais que em raras circunstâncias são exercitadas também pelos vivos em forma de clarividência. *Em conclusão, não conversaste realmente com pessoa alguma*, porém não deixa por isso de ser verda-

de o que afirmas.” (William Stainton Moses, *Spirit Teachings*, 2ª série, pág. 85).

Tal foi a resposta de “Imperator” e parece-me que com isso se chega a explicar satisfatoriamente em que consiste a ilusão dos clarividentes em tais circunstâncias: eles conversam telepaticamente com a personalidade integral da pessoa visualizada, e a sua condição de “espírito encarnado” faz com que caiam na ilusão de conversar humanamente, isto é, de viva voz.

Termino, notando que a vidente em questão, além de ver à distância as pessoas com as quais estava vinculada por relações afetivas, e além de perceber o pensamento de tais pessoas e lhes transmitir seus próprios pensamentos e a sua vontade, distinguia também os seus fantasmas “desdobrados”; como, por outro lado, percebia os fantasmas dos mortos, separando uns dos outros pela densidade diversa dos seus “corpos etéreos”. Ora, tal visualização simultânea de espíritos de vivos e de mortos demonstra ainda uma vez que Animismo e Espiritismo não são mais que dois aspectos complementares do mesmo fenômeno, graças aos quais se contempla o espírito humano nas suas duas fases, de encarnação e desencarnação. E, portanto, fica mais que claro que o primeiro de tais aspectos é a melhor confirmação do segundo ou, em outros termos, que o Espiritismo não teria base sem o Animismo.

O caso em apreço demonstra também que as faculdades supranormais, graças às quais os sensitivos percebem à distância, distinguem e conversam com entidades espirituais de vivos e de mortos, são as mesmas faculdades espirituais que os mesmos sensitivos exercerão normalmente depois de passarem pela crise da morte: faculdades existentes e pré-formadas, em estado latente, nos recessos da consciência, à espera de emergirem e se exercitarem num ambiente espiritual, assim como as faculdades de sentido terreno existem pré-formadas, em estado latente, no embrião humano, à espera de emergirem e se exercitarem no ambiente terreno.

O paralelismo é perfeito e como a Natureza procede, em cada caso, de modo idêntico, isto é, pré-formando em cada ser e

preservando, em estado latente, as faculdades e sentidos a serem exercitados em uma futura fase da existência (como, por exemplo, a transformação da lagarta em borboleta), daí resulta a confirmação da interpretação exposta, que é baseada nos processos científicos da análise comparada.

Jamais me cansarei de repetir tão claras e incontestáveis verdades, na esperança de que a sua freqüente repetição sirva para fazê-la triunfar mais rapidamente do misoneísmo humano, tornando-se assimiláveis a algumas mentalidades eminentes que se tornam inacessíveis por preconceitos de escola.⁵

2ª Categoria

Mensagens mediúnicas entre vivos e à distância

Em linhas gerais, também nesta segunda categoria pode-se afirmar que os vários casos que a compõem, no fundo, não representam mais do que uma parte das modalidades com que os fenômenos telepáticos se produzem ou pelo menos assim se deveria afirmar conforme o significado atribuído aos fenômenos telepáticos pelos primeiros colecionadores dos próprios fenômenos. E, de um certo ponto de vista, tais conclusões podem ser aceitas também em nossos dias, embora se deva reconhecer que uma fenomenologia telepática, com fronteiras tão extensas, não pode deixar de mostrar-se demasiadamente genérica e demasiadamente ampla para que não gere perplexidades e confusões em quem empreenda a análise comparada dos fenômenos em questão. E isto porque nela se contêm numerosas variedades de manifestações notavelmente diversas e algumas vezes opostas entre si. Assim, por exemplo, existe uma diferença radical de manifestação entre os fenômenos telepáticos propriamente ditos, em que o agente transmite ao percipiente o seu próprio pensamento sob formas sensoriais diversas, e os fenômenos telepáticos em que o sensitivo, em virtude de uma faculdade psicodinâmica subconsciente, entra diretamente em comunicação com a subconsciência de pessoas afastadas, de modo a tornar-se agente e percipiente ao mesmo tempo. E, portanto, em atenção à clareza, se não se quiser excluir tais episódios da categoria dos fenômenos telepáticos, dever-se-á pelo menos considerá-los à parte e, conforme a modalidade em que se manifestam, denominá-los “casos de clarividência telepática”.

Observo, a propósito, que o Prof. Hyslop havia proposto uma diferenciação neste último grupo, segundo a qual a “clarividência telepática”, ao invés de referir-se ao conhecimento do pensamento *atual* do paciente distante, referia-se a casos de pesadelos, como se fosse dado ao clarividente penetrar nos recessos da memória alheia e *selecionar* as informações desejadas no acervo infinito de recordações latentes. Em tal caso, o Prof. Hyslop

propunha que se designassem os fatos com o nome de “casos de telemnesia” (leitura a distância, na memória latente de terceiros), termo bem apropriado mas que não teve sorte e mereceria, ao contrário, ser acolhido e conservado pela utilidade inegável que apresenta na análise comparada dos fatos. Noto, todavia, que a propósito dos episódios designados com tal nome, o Prof. Hyslop pergunta se, em contingências semelhantes, se trata efetivamente de um fenômeno de leitura *seleccionada* nas subconsciências alheias ou se, pelo contrário, se trata de um diálogo entre duas personalidades integrais subscientes. E ele responde, observando que a solução mais lógica seria escolher esta última verdade, muito menos inverossímil do que a outra (*Journal of the American S. P. R.*, 1907, pág. 522).

Isto dito, e antecipando as conclusões finais, observaremos que, se tudo concorre para demonstrar que a hipótese da “clarividência telepática” tem fundamento (embora os fenômenos de tal natureza se realizem mais raramente do que se pressupõe), não se pode afirmar o mesmo da hipótese da “telemnesia”, que serve para designar unicamente uma classe de fenômenos considerados prováveis por poucos pesquisadores, mas que na realidade não existem.⁶

* * *

Com este preâmbulo, passo à exposição dos casos, observando que a presente categoria é constituída de manifestações que se diferenciam notavelmente entre si, de modo que parece indispensável dividi-las nos seguintes *subgrupos*:

- *Subgrupo A* – Mensagens inconscientes transmitidas ao médium por pessoas imersas no sono.
- *Subgrupo B* – Mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas em estado de vigília.
- *Subgrupo C* – Mensagens obtidas por expressa vontade do médium, às quais são aplicáveis as hipóteses da “clarividência telepática” e de “telemnesia”.
- *Subgrupo D* – Mensagens transmitidas ao médium pela vontade expressa do agente.

- *Subgrupo E* – Casos de transição em que o vivo que se comunica mediunicamente é um moribundo.
- *Subgrupo F* – Mensagens mediúnicas entre vivos, transmitidas com o auxílio de uma entidade espiritual.

Subgrupo A

Mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas imersas no sono

Caso 4 – Extraio-o da *Rivista di Studi Psiclici* (1898, pág. 14). O caso foi primeiramente publicado na autorizada revista psíquica russa *Rebus*, estando plenamente documentado e confirmado. O Sr. K. Gorki escreve nos seguintes termos ao diretor da citada revista:

“Distinto Senhor:

Interessando-me vivamente pelos fenômenos mediúnicos, eu nutria, há muitos anos, o íntimo desejo de poder realizar experiências práticas a respeito deles... Depois de algumas tentativas inúteis, consegui afinal alcançar o meu objetivo, formando um “grupo” com conhecidos meus. Não obtivemos manifestações físicas mas, em compensação, desenvolveu-se entre nós um excelente médium psicógrafo, com o qual conseguimos manifestações interessantíssimas. E eis que, depois de um mês de experiências, deu-se um caso muito semelhante ao narrado em seu opúsculo: manifestou-se o espírito de um irmão ausente.

Nossa família compõe-se de minha mãe, do abaixo-assinado, de minha irmã e de um irmão mais velho, o qual, por força de seu emprego, achava-se em viagem numa das mais remotas cidades da Sibéria. Como tínhamos necessidade da certidão de batismo de minha irmã, a qual não fora localizada entre os papéis de família, dirigimos uma carta ao nosso irmão, perguntando-lhe se, por acaso, a teria posto em algum lugar, mas passaram-se dias sem chegar qualquer resposta. Telegrafamos-lhe então, e o nosso telegrama ficou sem resposta. Entretanto, aproximava-se o dia em que era de

absoluta necessidade apresentar às autoridades competentes o documento ansiosamente desejado.

À noite fizemos a sessão de costume, mas preocupados e aflitos pela falta de notícias de nosso irmão. O lápis do médium corria celeremente sobre o papel, e recebemos comunicações interessantes. De repente, o lápis interrompeu bruscamente a escrita no meio de uma palavra e, depois de um minuto mais ou menos, recomeçou a escrever, mas com letras quase ilegíveis e de modo incerto. Não conseguimos decifrar as últimas frases, mas quando se perguntou quem era o espírito comunicante, o médium escreveu claramente o nome de nosso irmão. Um espanto indizível nos invadiu a todos, pensando nós que ele tivesse morrido e que era por essa razão que não respondera nem à carta, nem ao telegrama. Interrompemos a sessão, mudos e angustiados. Passado certo tempo e recuperando-nos do susto, o médium pegou novamente no lápis e logo começou a escrever com a rapidez de costume, traçando algumas linhas nas quais só pudemos ler claramente a frase: *A certidão está guardada em um escaninho interno, secreto, do meu cofre.* Nenhum de nós pensara em procurá-la naquele lugar; entretanto, logo que o abrimos, encontramos o documento desejado no local indicado na mensagem.

Mais do que nunca amargurados e abatidos, pois achávamos que a comunicação viera mesmo de nosso irmão e que este não se achava mais entre os vivos, interrompemos a sessão e nos dirigimos para o nosso quarto, tristíssimos, com os soluços na garganta. No dia seguinte, porém, o telégrafo nos trouxe uma notícia muito alegre, era o nosso irmão que nos telegrafava o seguinte: *A certidão está guardada em um escaninho interno, secreto, do meu cofre.*

Alguns dias após recebemos uma carta que nos esclarecia tudo. Tendo ele voltado para casa certa noite (justamente na noite da famosa sessão), fatigado e aflito por não nos ter podido escrever, chamou um criado, mandou-o passar o telegrama mencionado e depois, vencido pela fadiga, deitou-se e caiu em profundo sono. As preocupações da vigília o acom-

panharam no sono e ele sonhou que viera pessoalmente nos dar a desejada resposta, o que serviu para acalmá-lo. Tal sonho lhe ficara tão fortemente impresso na memória, que no dia seguinte tinha quase firme a convicção de que havíamos obtido, naquela mesma noite, a preciosa notícia.

Ao ter a honra de levar ao seu conhecimento o presente caso, certamente notável, de comunicação mediúcnica da parte de um vivo, faço-me fiador da veracidade do que exponho e o ratifico com a minha assinatura, à qual junto as assinaturas de outros que a testemunharam.” (Ass. Kirchdorf Kruitja Gorki – *Governo de Saratov* – M. Jaroslawzeff, Sra. E. Jaroslawzeff, N. Jaroslawzeff, K. Martinoff, S. Polatiloff).

Para explicação do caso exposto, a única hipótese que se poderia contrapor a que seja considerado um genuíno caso de comunicação mediúcnica entre vivos seria pressupor que as faculdades supranormais do médium tivessem descoberto, pela clarividência direta (telemnesia), o documento escondido no escaninho secreto, porém tal hipótese fica excluída pela circunstância de ser a frase, pela qual foi mediunicamente indicado o lugar em que se achava o documento, idêntica à outra frase telegrafada pelo irmão, o que demonstra que o autor do telegrama foi também o agente no caso telepático-mediúnico, conclusão resolutive que fica ulteriormente demonstrada pela circunstância de ter-se o irmão deitado apreensivo por não ter podido escrever para casa, estado de alma que indubitavelmente serviu para determinar o fenômeno de transmissão telepático-mediúcnica durante o sono, o que também ficou provado pela outra circunstância de ter o dito irmão sonhado que fora em pessoa dar a informação tão ansiosamente esperada.

Isto estabelecido, resta comparar o episódio do ponto de vista da análise comparada de comunicações mediúnicas entre vivos e das comunicações análogas com os mortos. Assim, observo a circunstância de ter o médium interrompido bruscamente, no meio de uma palavra, a mensagem espírita que estava recebendo, para começar outra, de uma entidade viva, e o observo porque nas comunicações mediúnicas com os mortos, encontram-se freqüentemente interrupções análogas com intromissão de outras

personalidades espirituais. Também nas experiências com a médium Piper encontram-se numerosos e notáveis exemplos, que contudo diferem de certo modo do precedente, na modalidade com que se apresentam, o que, porém, não muda os termos utilizáveis do confronto para a análise comparada dos fatos. E, como tais exemplos apresentam faces características que teoricamente parecem muito interessantes, frisarei de preferência esses aspectos.

Observo, portanto, que com a mediunidade da Sra. Piper, os incidentes de tal natureza têm quase sempre a seguinte origem: Quando os “espíritos-guias” da médium verificam que a personalidade comunicante está perdendo o controle sobre a mesma e, em conseqüência, divaga, então intervêm para ratificar as palavras ou para dar explicações aos experimentadores ou, ainda, para anunciar-lhes que a personalidade deve retirar-se porque precisa de repouso.

Eis um exemplo desse gênero, que extraio da relação do Prof. Oliver Lodge nas sessões com a médium em questão (*Proceedings of S. P. R.* – Vol. XXIII, pág. 168):

“O comunicante era um tal Isaac Thompson, falecido há pouco e, embora as suas manifestações constituam um dos melhores casos de identificação espírita obtidos com a Sra. Piper, no princípio ele parecia um tanto confuso, circunstância esta que não deve surpreender e que constitui a regra em semelhantes experiências. Tal é devido à dificuldade, muitas vezes invencível, de pensar com um cérebro alheio, de sintonizar as vibrações psíquicas especializadas de uma individualidade pensante desencarnada com as vibrações psíquicas também especializadas e, em conseqüência, diversas, de um cérebro a ela estranho.

Em dado momento, a personalidade mediúnica de Isaac Thompson respondeu, nos seguintes termos, a uma pergunta que lhe foi dirigida pelo Dr. Hodgson:

– Sim, compreendo. Eu exercia uma profissão que se chama... não sei... havia drogas (ele fora farmacêutico).

Neste ponto foi a mensagem interrompida bruscamente, sendo ditada a seguinte frase pelo espírito-guia “Rector”:

– Estou fazendo os meus melhores esforços para ajudá-lo.

À qual se seguiu esta outra observação, já do espírito “Imperator”:

– Ele tem necessidade de repouso.

No entanto, o Dr. Hodgson, dirigindo-se novamente ao comunicante Isaac Thompson, pediu:

– Estimaria muito se quisesse dar-me uma mensagem para eu encaminhar à tua família.

Em lugar do comunicante, respondeu “Rector”, que observou:

– Ele voltará daqui a pouco, pois no momento mandei que se retirasse.

Note-se que as duas primeiras frases, proferidas pelos espíritos “Rector” e “Imperator”, absolutamente não se dirigiam ao Dr. Hodgson e sim representam um diálogo no Além entre esses dois espíritos, diálogos que, por interferência provocada pela perda de controle do espírito comunicante, foi interceptada e reproduzida automaticamente pela mão do médium. Só a última resposta (representando a decisão tomada pelo espírito-guia em seguida às observações trocadas no breve diálogo referido) é endereçada ao Dr. Hodgson.”

Observo que tais formas sugestivas de diálogos no Além, por *interferência telepática*, pela mão do médium, são numerosíssimas nas sessões com a Sra. Piper, bem como nas sessões com a Sra. Thompson, Sra. Holland e com a Sra. Verall, e a espontaneidade dramática com que surgem e se desenvolvem conferem uma evidência probante irresistível no sentido de sua origem espírita. Entretanto, pela sua própria natureza, não é cientificamente possível demonstrar-lhe a origem e é por isso que, quando análogas interrupções e diálogos se verificam pela intervenção de personalidades de vivos, fornecem boas provas indiretas em favor da genuinidade espírita. Quando se trata de comunicantes ainda vivos, podem-se fazer indagações, adquirindo-se certeza

sobre a natureza positivamente verídica de tais bruscas mudanças de interlocutores mediúnicos. Daí a inevitável inferência que, se assim é quanto às manifestações dos vivos, dever-se-ia concluir no mesmo sentido, também para a manifestação de mortos. Quer isto dizer que, em circunstâncias análogas de intervenções bruscas de entidades espirituais estranhas à comunicação em curso, dever-se-ia presumir que tais entidades, por sua vez, sejam genuinamente espíritas, e isso toda vez que haja provas colaterais adequadas em favor da identidade pessoal do morto comunicante naquele momento. Assim, por exemplo, deveriam ser consideradas genuinamente espíritas as personalidades mediúnicas que, no episódio exposto, se manifestaram de permeio com o espírito comunicante de Isaac Thompson, pois que, se este último chegou a provar a sua própria identidade pessoal, fornecendo grande cópia de informações a respeito de sua existência terrena, tal fato deveria converter-se em uma boa prova colateral, prova que atesta a pureza também espírita das personalidades mediúnicas que se manifestaram com o espírito comunicante a fim de ajudá-lo na difícil tarefa de comunicar-se com os vivos. E, ao contrário, segundo a opinião de alguns eminentes psiquistas, tais personalidades deveriam ser consideradas puramente sonambúlicas e efêmeras.

Observo que, se assim fosse, então as formas de diálogo ficariam inexplicáveis. De fato, por que, no meio de uma comunicação mediúnica deveriam inserir-se trechos de diálogos que indubitavelmente representam uma conversa entre personalidades estranhas à comunicação em curso, embora notadamente interessadas no desenvolvimento das mensagens? Nada semelhante a isto jamais ocorre em experiências de personificação hipnótica. E, por outro lado, os diálogos de tal natureza são explicáveis pela hipótese espírita e até se convertem em admirável e inesperada prova da própria hipótese. De qualquer forma, o argumento é complexo e reclamaria longo desenvolvimento do tema para esclarecer tal ponto de vista, mas não é aqui o lugar próprio para empreendê-lo, de sorte que as observações expostas devem ser consideradas como uma simples nota de passagem, a fim de ilustrar os fatos e as possibilidades de interpretá-los.

Caso 5 – Extraio-o da revista *Luce e Ombra* (1916, pág. 40). A distinta escritora Annete Boneschi-Coccoli escreve, nos seguintes termos, ao diretor dessa revista:

“Já decorreram vários anos desde o tempo em que realizávamos pequenas sessões espíritas, íntimas e familiares, em casa de nosso amigo, contador Enrico F., com um restrito grupo de amigos e os membros componentes daquela boa e simpática família. Foi naquelas reuniões que pude me iniciar na mediunidade, depois desenvolvida com indizível prazer e bom resultado para mim.

Mas então o médium consciencioso, e direi também ingênuo, era o próprio chefe da família, auxiliado pela sua filha, Srta. Giulia, uma intelectual no sentido mais honroso da palavra. Havia ela publicado um livro premiado pelo Ministério, escrevia novelas para as revistas e fazia desenhos em que a argúcia fina e socialmente crítica se casava com o brilho da fala toscana, mas o seu interesse pelas sessões mediúnicas era pelo processo cômodo da tiptologia e, também, quando o grupo não estava reunido, fazia ela escrever o seu fácil instrumento com a progenitora ou outra pessoa que acaso estivesse presente.

Certo dia, às primeiras horas da tarde, quando na boa estação se costuma repousar, a Srta. Giulia sentou-se à mesa com sua mãe e uma prima, hóspede eventual que, a falar a verdade, pouco acreditava naquilo; porém, quando o aparelho, com a linguagem convencional, começou a escrever e a médium lhe perguntou quem era o espírito presente, recebeu esta resposta:

– Sou um teu prisioneiro... enamorado!

– Olá. – respondeu a Srta. Giulia, rindo de tal declaração inesperada – Não quero namorados do outro mundo.

– Eu não morri. Sou um homem de carne e osso.

– Sendo assim, dize-me quem és e onde moras.

Então o gentil comunicante disse que seu nome era Gio...

Aí foi interrompido por Giulia, que lhe disse:

– Está bem, Giovanni. Qual é a tua profissão?

– Sou engenheiro, nascido e residente na Sicília. Li uma novela tua na bela revista florentina *La Scena Illustrata* e admirei-lhe tanto o conteúdo, que tenho vontade de conhecer-te. Enquanto espero, já te dediquei alguns versos. Ei-los.

– E nesse ponto o longínquo comunicante recitou uns versos amorosos e concluiu:

– Dentro de alguns dias receberás uma carta minha.

Este curioso caso me foi narrado na mesma tarde pela protagonista e eu presumo que tenha despertado alegres comentários, como por exemplo: “Bravo, noivinha! Noivo engenheiro invisível e, além de tudo, poeta!”

E assim divertia-se meio-mundo com aquele espírito zombeteiro, como tantos outros que se manifestam em comunicações pouco sérias. Depois não se falou mais no caso. Certa vez, decorridos não me recordo quantos dias, Giulia F. apareceu em minha casa. Sempre muito corada, pareceu-me congestionada naquele dia.

– Que houve? – perguntei-lhe.

– Olhe. – respondeu-me, ao mesmo tempo em que me mostrava uma folha de papel que trazia na mão. – Esta carta me foi enviada pela redação da *Scena Illustrata*, porque a pessoa que me escreveu não conhecia o meu endereço e a mandou para lá, pedindo com insistência que me fosse encaminhada.

– Mas, de quem é?

– Dele. Do *espírito* do siciliano.

Compreende-se que fiquei petrificado. Na carta estava repetido tudo o que antes havíamos sabido pela tiptologia e finalizava, não pela assinatura de Giovanni, mas de Giovacchino G. F. Se a médium não tivesse interrompido as pancadas, estaria certo o prenome. Lá se achava a poesia, idêntica em todas as particularidades e, por fim, a idade de 36 anos.

Devíamos, pois, saber se realmente ele morava onde dizia e se todos os dados fornecidos eram verdadeiros. Por felici-

dade, Giulia tinha uma parente naquela cidade e dirigiu-se a ela para obter esclarecimentos.

Tudo combinava: somente uma ducha fria diminuiu o entusiasmo, pois o engenheiro poeta era... casado, mas separado da mulher. O estranho caso não podia terminar assim. Devia-se ir até o fim, para sua documentação científica, e a jovem resolveu responder a carta do seu ardente admirador, revelando-lhe a maneira estranha pela qual tivera conhecimento antecipado dos seus sentimentos e da poesia a ela dedicada.

Pertencente à religião evangélica, pois era filho de pai anglo-saxão, ele absolutamente não acreditava nas comunicações espíritas, nem na possibilidade do desdobramento espiritual. Contudo, deve ter ficado um tanto abalado, pois o rapaz anunciou a sua breve chegada a Florença. Daí o espanto, a curiosidade e um pouco de desânimo também.

– Que vou fazer com esse casado? – gracejava a brilhante escritora.

Mas o pior é que a família não o quis receber e foi necessário que uma amiga piedosa... e curiosa por saber até que ponto chegaria a audácia desse espírito vivo, acolhesse o pedido da médium em ser-lhe apresentada. E assim as coisas correram do melhor modo possível (se bem que não em perfeita regra), em vista dessa circunstância especialíssima.

Era um moreno simpático, um tanto baixo e gracioso, com grandes olhos meridionais e magnífica voz de barítono, educado e eloqüente. Aplaudido conferencista, falava sempre nos comícios agrários, tinha modos distintos e era insinuante, de modo que recomendei a Giulia que tivesse cuidado, pois era um homem fascinante.

Certamente, interessado como estava, ele se havia manifestado um tanto lisonjeiro para com a escritora. Narrou as suas desventuras domésticas, as conseqüências de uma infeliz ligação, os seus afetos de família, a adoração que tinha por sua querida mãe e uma irmãzinha única. Em suma, dentro de poucos dias eram bons e cordiais amigos, mas ele não

queria acreditar em coisas que encontrava dificuldade em conceber. Era muito mais cético do que São Tomé, que pelo menos acreditou com uma prova tangível.

Regressou à sua cidade e voltou nos anos seguintes. Escrevia-nos frequentemente sobre assuntos de arte para publicações poéticas e a autora deste relato sempre achou nele um perfeito cavalheiro, de temperamento expansivo e gracioso, preocupado com tudo, menos com a Psicologia. Sensitivo e nervoso, talvez nevropata devido aos dissabores sofridos, teria sido e talvez venha a ser um bom médium.

Ficamos sabendo que, na hora de sua manifestação à escritora, estava mergulhado no sono habitual, depois da refeição em família. Assim, o seu “duplo” viajou de Palermo a Florença. Em suas relações com Giulia teve de contentar-se com alguns passeiozinhos: um simples flerte peripatético, continuando ambos a corresponder-se de vez em quando, sem mais galanteria ou madrigais, como dois bons camaradas nos domínios da Arte.” (Ass. Annete Boneschi-Coccoli).

No caso supracitado, observa-se a particularidade de um espírito de vivo que se manifesta, no sono, a uma pessoa *que não conhece*, particularidade bem rara nas manifestações mediúnicas desse gênero e, especialmente, entre pessoas vivas, pois é notório que as manifestações se realizam unicamente quando entre os protagonistas existem relações afetivas ou, pelo menos, relações de qualquer grau de parentesco, de amizade ou de simples conhecimento. Na ausência de tais condições, não se poderia estabelecer, entre as duas pessoas, a “relação psíquica”, que é condição indispensável para a realização de toda manifestação telepático-mediúnica. Ora, como se observa no caso em questão, em que o agente não conhecia a pessoa a quem se manifestou mediunicamente, ele é excepcional, conquanto se trate de uma exceção que confirma a regra. Leve-se em conta que, pelas informações fornecidas sobre os protagonistas, é notório que a “relação psíquica” entre eles pôde se estabelecer em virtude do grande interesse que no indivíduo-agente havia suscitado a leitura de um trabalho literário da médium-percipiente, interesse tão acentuado e sentimental, que inspirou ao agente uma poesia

em homenagem à jovem desconhecida, como também o levou a iniciar relações epistolares com ela. Compreende-se, pois, que tal estado de alma (indicando a existência de uma grande afinidade no temperamento literário dos dois escritores) tenha sido suficiente para provocar, espontaneamente, durante o sono, a “relação psíquica” entre o admirador e a admirada. Em outros termos, se os protagonistas não se conheciam, eram, porém, duas almas que vibravam em uníssono.

Como dissemos, tais episódios são raríssimos nas comunicações mediúnicas entre vivos, conquanto se realizem com maior frequência nas comunicações mediúnicas com os mortos, e isso devido a condições que não se verificam nas comunicações com os vivos. Além de tudo, há entidades espirituais conhecidas pelo nome de “espíritos-guias” que levam intencionalmente às sessões espíritas personalidades de mortos desconhecidos de todos os presentes a fim de que eles transmitam aos vivos informações verificáveis de suas existências terrenas e, com isso, fornecem provas incontestáveis de identificação espírita. Em tais circunstâncias, a “afinidade psíquica” entre o espírito desconhecido e o médium realizar-se-ia de forma indireta, isto é, por intermédio do “espírito-guia”.

Tal acontecia nas célebres experiências do Rev. William Stainton Moses, nas quais o “espírito-guia” “Imperator” levava às sessões numerosas entidades desconhecidas do médium e dos presentes, a fim de confirmar indiretamente a gênese transcendental dos ensinamentos ministrados por meio de uma longa série de provas de identificação espírita.

A outra circunstância que torna possíveis as comunicações mediúnicas com entidades desencarnadas desconhecidas consistiria no fato de que os médiuns, no ato de exercerem as suas faculdades supranormais, serem circundados de uma aura luminosa perceptível a qualquer graduação de espíritos desencarnados, dos quais, mesmo os inferiores, não deixariam de se aproveitar para satisfazer o vivo desejo de se comunicarem com o mundo dos vivos, empresa difícil, porém algumas vezes realizável, porque, no complexo das qualidades, dos defeitos, das tendências particulares ao temperamento do médium, muitas

vezes os espíritos encontram o elemento de afinidade psíquica necessário ao estabelecimento de uma relação ainda que imperfeita com o médium.

Observo, finalmente, que a relatora explica o incidente referido, tomando-o por um fenômeno de “bilocação”, isto é, que o “duplo” do agente ter-se-ia transportado de Palermo a Florença. Penso que não será necessário recorrer-se a tal hipótese, em contingências semelhantes, que podem ser esclarecidas com a transmissão telepática do pensamento, ou melhor, pela comunicação a distância entre duas personalidades integrais subconscientes, o que não deveria causar muito espanto quando se reflete que o tempo e o espaço não existem no ambiente espiritual.

Caso 6 – Este, eu o extraio do volume XXX, pág. 230, dos *Proceedings of the S. P. R.* É relatado pelo Prof. William Barrett e um episódio rigorosamente documentado. Ambos os protagonistas haviam guardado as cartas trocadas por ocasião do caso, cartas estas que foram entregues ao Prof. Barrett juntamente com os envelopes em que foram expedidas. Os protagonistas foram o Sr. Arundell Mackenzie-Ashton e o Cel. E. H. Nicholson.

Ei-lo:

“O episódio se deu no Walesby Vicarage, em Nottinghamshire, no ano de 1882. Eis a primeira carta que o Cel. Nicholson enviou ao Sr. Mackenzie Ashton:

Newark-on-Trent, 11 de setembro de 1882.

Distinto Senhor

Passei algum tempo no Walesby Vicarage e lá, à noite, nos divertíamos fazendo mover mediunicamente a mesinha. Quando se verificaram os primeiros movimentos, perguntamos:

- Quem é o espírito presente?
- Arundell Mackenzie.
- Onde se encontra?
- Aqui presente, em espírito.

– O que está fazendo ou em que condições se acha presentemente o seu corpo?

Ora, como a esta nossa pergunta foi dada uma resposta fornecendo indicações precisas e minuciosas, nós lhe pedimos a fineza de informar o que estava fazendo na noite anterior (quinta-feira), das 10:30 às 11:30 horas, e em companhia de quem se achava. Rogamos-lhe ainda o obséquio de nos dizer de que modo empregara o dia. Espero que V. Sa. me releve a liberdade que tomo em lhe dirigir um interrogatório tão impertinente, tanto mais que não tenho a honra de conhecê-lo pessoalmente. Permita-me fazê-lo, porque estou ansioso por me assegurar se a “manifestação” que obtivemos foi verdadeira ou falsa.

Com todo o respeito firmo-me

a) E. H. Nicholson

O Sr. Mackenzie-Ashton respondeu gentilmente o questionário que lhe foi remetido, e o Cel. Nicholson replicou com esta missiva, datada de 16 de setembro:

Distinto Senhor:

Ainda um favor. Estimaria que V. Sa. tivesse a bondade de assegurar-me, sob sua palavra de honra, que não soube o que me relata, por alguém que houvesse estado no Walesby Vicarage na quinta-feira à noite.

Tendo o Sr. Mackenzie-Ashton garantido, sob palavra de honra, nada ter ouvido com relação ao caso, recebeu do Cel. Nicholson a seguinte carta em que descreve o ocorrido:

Newark, 19 de setembro de 1822.

Distinto Senhor:

Quando lhe pedi a sua palavra de honra, estava certo de que tal era supérfluo, mas a experiência por nós feita me parece tão extraordinária, que achei necessário pedi-la.

As pessoas sentadas ao redor da mesa, além do signatário desta e sua esposa, eram as seguintes: (dá-lhes os nomes, que aqui não reproduzo). A mesa se pôs em movimento qua-

se imediatamente e lhe pedimos que desse três pancadas se algum espírito estivesse presente. Tendo batido três pancadas, perguntamos-lhe o nome do espírito presente e recebemos o nome Arundell Mackenzie, depois do que os seus movimentos pararam.

Perguntamos-lhe em que ponto da sala se achava e o que estava fazendo. Respondeu: “Estou aqui, em espírito.”

Perguntamos-lhe então onde se achava o seu corpo naquele momento e, por algum tempo, não recebemos resposta, de sorte que ficamos perplexos e não sabíamos como proceder, pressupondo que V. Sa. estaria imerso no sono. Afinal decidimos repetir a pergunta e recebemos logo a resposta: “Joguei bilhar”.

Naquele momento eram 11:15. Perguntamos-lhe então quem havia jogado com ele. Respondeu: “Meu pai”.

“Quem ganhou a partida?” – “O filho”.

“Quantas partidas jogaram?” – “Duas”.

“O que fez durante o dia?” – “Estive caçando”.

Em vista desta resposta deu-se uma exclamação unânime entre nós: “Impossível!” E, de fato, assim nos parecia, devido ao mau tempo que reinara. Então o Sr. H. perguntou zombeteiramente ao suposto espírito: “Caçou faisões ou perdizes?”, mas não obteve resposta.

Pedimos então ao sr. H. que se afastasse um pouco da mesa e perguntamos ao comunicante porque não respondera. Foi logo ditado: “Ele levou a coisa em brincadeira.”

Iniciou-se então uma comunicação com as palavras” “Um espírito silencioso está aqui comigo...” mas nesse ponto a mensagem foi interrompida, não tendo mais seguimento.

Eis a narração exata do que houve. Contavam-se as palavras do alfabeto pelas batidas da mesa. Antes que se chegasse à letra desejada, a mesa entrava em vibração, que crescia de intensidade até que chegasse à letra, que era designada com um movimento rápido e uma pancada forte. A sala es-

tava normalmente iluminada. Confesso-lhe que tal experiência me encheu de pasmo, etc.

a) E. H. Nicholson ”

O pasmo do Cel. Nicholson era mais do que justificado, porque os detalhes fornecidos pelo espírito comunicante em tudo estavam de acordo com a verdade, como se vê do seguinte trecho de uma carta do sr. Mackenzie-Ashton:

“Durante o dia eu estive caçando, e à noite joguei duas partidas de bilhar com meu pai, ambas ganhas por mim. Depois disso estendi-me no divã na sala de jantar e adormeci. Durante o sono, sonhei que me achava em Walesby Vicarage. Noto um detalhe curioso: Eu (ou melhor, o meu espírito) dei o meu nome antigo de Arundell Mackenzie, omitindo o de Ashton, que passei a usar mais tarde, embora já o usasse enquanto se realizou a sessão de que se trata.”

Resta acrescentar que a distância entre as residências dos protagonistas era de 130 milhas.

A propósito, observa o Prof. Barrett:

“Não pode haver dúvida alguma quanto à autenticidade do caso exposto, que apresenta notável valor psicológico. Baseando-se nele, fica-se sabendo que um impulso telepático por parte de uma pessoa viva transmite-se e é transmitido pelo automatismo motor da mesa mediúnica, como também que se pode, de tal modo, manter diálogos idênticos às conversações com que nos achamos familiarizados nas comunicações espíritas. Como o Cel. Nicholson me informou que obtivera outras comunicações análogas à precedente, isto me faz supor que, em tais circunstâncias, o médium seja ele.”

Assim se expressa o Prof. Barret e observa-se, com razão, que o significado teórico mais notável do caso referido consiste na demonstração de se poderem desenvolver, mediunicamente, verdadeiros diálogos, a grande distância, entre pessoas vivas. Ora, tais diálogos fazem presumir que, em semelhantes circunstâncias, não se trata mais de simples casos de transmissão telepática do pensamento, mas de verdadeira e precisa conversação

entre duas personalidades integrais ou espirituais, conversação essa que a personalidade subconsciente do médium transmitiria à sua personalidade consciente por meio da mesinha mediúnica. Para esclarecimento desta última informação, lembro que entre as personalidades consciente e subconsciente de uma mesma entidade espiritual encarnada, não é possível a correspondência direta, mas apenas a indireta, por meio do automatismo motor, psicográfico, vidente, intuitivo e assim por diante.

É quase supérfluo observar que tais considerações projetam nova luz sobre as comunicações mediúnicas com os mortos, porque os casos de comunicação entre os vivos, provando de maneira decisiva que se podem dar manifestações de tal natureza entre espíritos encarnados, concorrem para remover um dos maiores obstáculos teóricos para se poder admitir a possibilidade de comunicações mediúnicas com os mortos. Acrescente-se que, demonstradas as provas de identificação pessoal fornecidas mediunicamente por personalidades de vivos, tendo positivamente origem nas personalidades dos próprios vivos, não há mais razão para dúvidas quanto à origem das provas de identidade pessoal dos mortos. Firmadas na análise comparada das duas ordens de manifestações, vemos que entre elas existe absoluta identidade de produção. Deve-se inferir, pois, que se a conclusão em apreço é válida e incontestável para as primeiras, deve sê-lo também para as segundas; isto, bem entendido, toda vez que os pormenores da identificação pessoal fornecidos pela entidade morta se demonstrarem verdadeiros e, em sua maior parte, sejam ignorados de todos os presentes.

De outro ponto de vista noto que, se pelo texto referente aos fatos expostos se observa que, entre os protagonistas não existiam relações pessoais, isto é bastante para justificar o fato de estabelecer-se a “relação psíquica” entre o agente adormecido e os experimentadores.

Muito curioso e sugestivo é também o incidente em que o espírito se melindra porque um dos experimentadores não leva muito a sério as suas afirmativas, o que lembra as suscetibilidades em tudo idênticas às das personalidades de mortos, em semelhantes circunstâncias.

Observo ainda que, neste caso como em tantos outros, o agente se recorda de ter tido um sonho correspondente à manifestação ocorrida. Tal circunstância é muito instrutiva, porque demonstra, em tais casos, que não se trata precisamente de um sonho, mas sim de uma recordação mais ou menos vaga, mais ou menos fragmentária, de uma ação real produzida durante o sono, pela personalidade integral do agente.

Finalmente não será inútil salientar que a última frase: “Acha-se aqui comigo um espírito silencioso”, tenderia a confirmar o que anteriormente observamos, isto é, que muitas vezes as manifestações dos vivos se realizam por intervenção de entidades desencarnadas. Estas últimas afirmam levar espíritos de vivos às sessões mediúnicas a fim de demonstrar aos homens, pela maneira mais acessível aos seus intelectos, que no fundo de sua subconsciência existe efetivamente um espírito capaz de afastar-se temporariamente do corpo e pensar e conversar independentemente do cérebro, o que representa a demonstração da existência e sobrevivência da alma.

Subgrupo B

Mensagens transmitidas inconscientemente ao médium por pessoas em estado de vigília

É de presumir-se *a priori* que os casos pertencentes a este *subgrupo* sejam bem raros. No meu arquivo de manifestações metapsíquicas há 154 casos pertencentes ao grupo das comunicações mediúnicas entre vivos e neles só figuram cinco exemplos dessa natureza, mas, submetendo-os a uma análise posterior, pareceu-me que três deles não poderiam ser incluídos nesse *subgrupo*, levando-se em consideração que, na ocasião em que se verificou a transmissão telepático-mediúnica, dois dos agentes estavam enfermos, acamados, circunstância esta que torna impossível afirmar se, no momento da manifestação a distância, não tivessem adormecido por um instante, tanto mais que os próprios agentes, embora afirmem que se achavam acordados, não estavam em estado de poderem afirmar isto com segurança.

No terceiro caso, trata-se de uma senhora inesperadamente atacada de grave crise de neurastenia, durante a qual o filho, em lugar afastado, sentiu certo impulso para escrever automaticamente: “Estou muito doente, meu filho!” Como se vê, também neste caso não é possível afirmar com segurança que se trata de manifestação de um vivo, transmitida inconscientemente em estado de vigília. Primeiramente, porque é muito provável que, no período da crise, tenha ela pensado no filho ausente, desejando ardentemente tê-lo junto de si; depois, porque é bem difícil decidir se uma pessoa, tomada de grave crise de neurastenia, permaneça em condições normais de vigília, sem intervalos fugazes de “ausência psíquica” ou de “vigília aparente”; portanto, ficam à nossa disposição só dois exemplos: o primeiro manifesta-se pela mediunidade vidente e o segundo pela tiptologia, ambos susceptíveis de serem explicados de modo diferente. De qualquer forma, eu os relato, quando não para outro fim, pelo menos para demonstração da tese contrária, quer dizer que por via de regra as mensagens mediúnicas entre vivos não se podem verificar quando o agente se acha em estado de vigília e não *está pensando no percipiente a distância*, salvo sempre em circunstâncias especiais que, em nosso caso, são bastante discutíveis, mas de qualquer modo não infirmam a regra.

E, muito provavelmente, uma condição de sono, notório ou disfarçado, mesmo que seja muito fugaz, é também necessária nas manifestações opostas, isto é, quando o sensitivo-agente, pensando fortemente numa pessoa distante, no momento, em estado de vigília, consegue igualmente comunicar-se com ela. No *subgrupo C*, em que são consideradas tais condições de manifestação, notam-se episódios em que a pessoa, influenciada pelo pensamento do sensitivo, é tomada efetivamente por um instante de sono, mas há, entretanto, outros casos em que tal não se dá, o que, porém, não implica que um breve momento de sonambulismo em vigília não se tenha igualmente produzido.

Caso 7 – Transcrevo-o do vol. XVIII, pág. 102, dos *Proceedings of the S. P. R.* O incidente tem o seu valor especial pela circunstância de se ter verificado com a conhecidíssima médium Sra. Thompson, cuja mediunidade valeu, mais que qualquer

outra, para convencer o Prof. Myers da realidade das comunicações com os mortos. Na longa relação de Piddington a respeito de suas próprias experiências com ela, nota-se o seguinte episódio de comunicação mediúnicamente entre vivos, em que o agente inconsciente foi o próprio Piddington, que escreve:

“Em 24 de maio de 1900 houve uma sessão com a Sra. Thompson em minha casa, tomando Fredrich Myers nota das manifestações. Eu não estava presente, pois desde 19 de abril que não assistia às reuniões. Terminada a sessão, subiu a Sra. Thompson ao andar superior para tomar chá conosco. Assim que ela me avistou, contou-me o que segue e que eu reproduzo fielmente, pela relação que ela mesma escreveu, salvo alterações para ocultar o nome de uma pessoa mencionada por essa senhora. Conta ela o seguinte:

– Segunda-feira, 7 de maio de 1900, cerca de 19:30 horas, estava sentada sozinha na sala de jantar, pensando na possibilidade de comunicar-me subconscientemente, de longe, mas não tinha em mente pessoa alguma em particular. Posso asseverar que não perdi a consciência um só momento. De súbito, tive a impressão de que alguém se achava ao meu lado. Abri imediatamente os olhos e com surpresa me vi diante do Sr. Piddington. Tratava-se, naturalmente, de visão clarividente. Achava-me muito desejosa de tentar a experiência que tinha em mente e por isso dirigi a palavra ao fantasma, o qual me parecia absolutamente vivo e natural, razão pela qual não me sentia de modo algum impressionada. Pedi-lhe:

– Quer ter a bondade de informar-me de algum pormenor que eu possa verificar para me dar a certeza de que esteja realmente falando comigo?

– Recentemente tive uma discussão violenta com... (citou o nome).

– Por que motivo? (nenhuma resposta).

Ele se desculpou, dizendo que não tivera intenção de ofender-me e eu lhe repliquei que me havia ofendido muito, tivesse ou não intenção de o fazer.

Isto dito, ele desapareceu, e eu me perguntava, pasmada, se no fantasma visto por mim e no incidente pelo mesmo narrado haveria algo de verdadeiro, Na dúvida, não me pareceu necessário escrever ao Sr. Piddington para lhe contar o sucedido, visto que esperava fazê-lo na primeira ocasião, oportunidade que se me ofereceu no dia 24 do mesmo mês, ficando muito surpresa ao saber que realmente se dera o incidente que me fora narrado pelo seu fantasma.

Além disso, eu relatei ao Sr. Piddington que adivinhara o motivo da violenta disputa, e a minha informação era bem fundada.

a) Rosalie Thompson

P.S.: Muitas vezes me perguntam de que modo eu falo a “Nelly”, meu espírito-guia. Pois bem, eu lhe falo do mesmo modo como falei com o fantasma do Sr. Piddington. Parece-me vê-lo e ter a percepção do que eles dizem. Vejo seus lábios se agitarem, mas não ouço a articulação das palavras; contudo, se eu não me expressar de viva voz, parece-me que não compreendem. Tenho experimentado dirigir perguntas mentais a “Nelly”, porém ela não as percebe e sou obrigada a repeti-las de viva voz.”

E, com referência ao caso, diz o Sr. Piddington:

“No dia 30 de maio, escrevi ao Sr. Myers, referindo-me ao incidente ocorrido e expressando-me como segue:

– Confirmo plenamente o relato da Sra. Thompson. Antes de informá-lo de que era verdadeiro o incidente, esperei que ela chegasse até o fim da narrativa. Acentuo que, em seu relato, a Sra. Thompson omitiu uma particularidade interessante que eu friso porque sinto a necessidade de afirmar com segurança que ela havia observado ter a brutal discussão ocorrido em correspondência e não de viva voz.

Tal correspondência havia sido trocada entre 28 de abril e 1º de maio. Não me recordo, nem tenho pontos de referência que me ajudem a recordar o que eu estava fazendo às 19:30 horas, mas provavelmente estava me vestindo para o jantar.”

Dos comentários que Piddington faz seguir ao caso, extraio os seguintes pontos:

“Deve-se ter notado que a Sra. Thompson adivinhou exatamente o motivo da disputa quando a visão se dissipou. Se ela não houvesse ido além do incidente da discussão e do motivo que a provocou, eu não atribuiria grande importância à comunicação. Acrescento que teria até considerado um feliz acaso e nada mais, quanto à revelação do nome da pessoa com quem tivera a disputa. Sem dúvida eu ficaria surpreso, mas não impressionado. O que produziu o efeito de deixar-me pasmo e muito impressionado foram os outros dois informes fornecidos: o de haver o meu contraditor tentado desculpar-se, afirmando que não tivera a intenção de ofender-me, e a minha resposta a tal pedido de escusas. Tenho a certeza de que a Sra. Thompson não poderia tê-lo adivinhado e ainda muito menos, sabido por intermédio de alguém; todavia, o caso se ressentia, devido às reticências a que me forçam as circunstâncias. Mesmo, porém, que eu o tivesse podido narrar sem ofender as suscetibilidades de terceiros, não esperaria que o caso produzisse em outros a grande impressão que me causou...”

No caso exposto, fica-se em dúvida sobre se teria havido efetivamente ação inconsciente telepático-mediúnica por parte do Sr. Piddington, uma vez que, considerando-se o fato de que a Sra. Thompson é uma poderosa médium para toda sorte de manifestações inteligentes, e naquele momento estava pensando na possibilidade de comunicar-se a distância com a subconsciência de pessoas vivas, como levados a conjecturar, com maior verossimilhança, que esse seu estado de alma preparasse o fenômeno em que ela o estava pensando. Neste caso, dever-se-ia dizer que, pelo dinamismo peculiar às faculdades espirituais subconscientes, a médium teria entrado em relação e em conversação com a personalidade integral ou espiritual de Piddington. Acima já nos referimos a tal sorte de manifestações, que serão examinadas, de modo particular, no *subgrupo C*.

Quanto ao incidente da visão clarividente do fantasma de Piddington, localizado na mesma sala em que se achava a médium, isto não constitui obstáculo para tal interpretação dos fatos. Tudo se explica facilmente, considerando-o uma projeção, a pequena distância, da visão que naquele momento ocupava a subconsciência da médium, erro de localização no espaço, muito freqüente nos fenômenos de clarividência telepática e de telestesia. Esse erro se explica, considerando que, para as faculdades espirituais subconscientes, não existem as limitações efêmeras de espaço e tempo, tais como nós as conhecemos.

Caso 8 – Colho-o da revista *Luce e Ombra* (1910, pág. 85). O Dr. A. U. Anastadi (pseudônimo do Dr. Achille Uffreducci, professor na Universidade de Roma) narra o seguinte caso pessoal:

“Proponho uma breve notícia para tornar mais clara a narração.

O Dr. Antônio Palica era diretor do Hospital São João. As relações entre nós dois foram sempre ótimas, porém giravam mais em torno de nossa profissão comum do que nos sentimentos profundos de uma estreita amizade.

Nunca, entre nós, saíra palavra alguma sobre mediunidade nem fenômenos semelhantes e nunca eu soube de sua opinião a respeito. Cinco dias antes de acontecer o fato que vou narrar, eu tinha ido ao Hospital São João para ver uma doente, e naquela ocasião saudara, com grande prazer, o velho colega Palica.

Agora, um olhar para o outro lado. Entre o Dr. M., cirurgião num hospital de Roma e eu não havia relações de qualquer natureza. Éramos simples conhecidos e nos limitávamos a saudações com movimento da cabeça em ocasionais encontros de rua. Ambos receitávamos na mesma Farmácia Scolba (Praça S. Carlo al Corso), porém quase nunca nos encontrávamos lá.

Conservemos em mente estas notas preliminares para delas nos servirmos em tempo oportuno, e vamos ao fato em questão.

Certa noite de inverno, fria e chuvosa, voltei para casa um tanto indisposto devido ao mau tempo. Tirei as roupas molhadas e, vendo que o fogo ainda estava aceso, para espantar o frio coloquei sobre os ombros uma manta já gasta que vi em cima de uma cadeira, manta da qual já se havia tirado o pano para renovar, enquanto a pele, de ótima qualidade, estava muito bem conservada.

Depois do jantar, eu e minha esposa colocamos as mãos sobre uma mesinha, como costumávamos fazer de vez em quando. Não eram raros os fenômenos, e recebíamos mensagens curiosas e algumas vezes importantes, conquanto nenhum de nós tivesse consciência de possuir dons mediúnicos. Naquela noite recebemos a seguinte comunicação tiptológica, que transcrevo com o máximo escrúpulo, palavra por palavra:

– Lamento que tenhas posto esta manta indecente (disse a entidade).

– Pouco me importa (respondi). Não te incomodes com isto. Queira dizer-me antes quem és, e o que desejas de mim.

– Sou Antônio Palica.

– Antônio Palica, o médico?

– Sim, precisamente ele, em carne e osso.

Dirigindo-me à minha mulher, digo:

– Pobre Palica. Sinto que tenha falecido. Era um bom médico e pessoa distinta.

– Sim, pobre homem – disse minha esposa –, embora o conhecesse pouco, mas já devia ser bem idoso.

– Mas, o que estás dizendo aí? Vê que não estou morto!

– Como? Não estás morto?

– Não, pelo contrário, nunca estive tão bem e tão forte como agora.

– Está bem – disse eu irado –, bravos! Amanhã de manhã eu voltarei ao hospital São João para ver aquela doente e te apertarei a mão. Adeus!

– No Hospital São João não me encontrarás – respondeu rápido.

– Então não me enganei ao supor que morreste, por estares aqui presente, comunicando-te pela mesinha.

– Não. Estás enganado. Estou tão morto como tu, vivo, supervivo, mas no São João não me encontrarás.

– Por que? A que horas sairás então?

– Não sairei, mas não me encontrarás lá.

– Não te encontrarei, como dizes, está bem, mas se não saíres, estarás sempre no Hospital.

– Não, não estarei. Não estarei lá.

– Então sairás esta noite.

– Não, não e não. Não terei saído anteontem, nem ontem, nem hoje, nem esta noite, nem amanhã, nem...

– Nem por toda a eternidade. – disse eu enfadado – Está bem, vai-te embora. Fica entendido que, se não saíres, estarás mesmo no Hospital São João.

– Não sairei, mas não estarei lá.

Nesse momento bufei de raiva.

– Ora, vamos – continuou ele –, não estarei lá, não me encontrarás e *não irás lá*, mas amanhã o Dr. M. revelar-te-á o mistério.

A esta afirmativa, que me parecia o cúmulo da insensatez, perdi completamente a paciência e exclamei? Que aborrecimento! Que nos vem fazer agora aqui o Dr. M., que só conheço de vista? Queres divertir-nos com a tua brincadeira. Boa noite e bom descanso.

Minha esposa e eu, convencidos de estarmos sendo enganados por algum espírito zombeteiro, que queria divertir-se à nossa custa, nos levantamos e naquela noite não se tratou mais do caso.

Na manhã seguinte, *por circunstâncias imprevistas*, não pude ir ao Hospital São João, como pretendia, e não fui de manhã à Farmácia Scolba, como costumava, mas somente às

10:30. Estava para sair quando entrou o Dr. M. Mal pôs este o pé na porta, dirigiu-se ao Sr. Scolba, em tom agitado, e lhe disse:

– Hoje pior do que ontem, meu caro Orestes. Não agüento mais. Vou agora mesmo à Diretoria Geral para pedir a minha transferência.

– Que te aconteceu? – perguntou com interesse um colega presente.

– Aconteceu é que não agüento mais aquele energúmeno que é o Palica. Parece que tomou conta de mim. Há quatro dias que não me dá um momento de folga. Todo o tempo que passo no Hospital, anda à roda de mim, e “Caro Professor – diz-me ele – por favor, mude isto, troque aquilo, escolha outra hora para aquilo, será melhor que escolha outra sala para...” Em resumo, palavra de honra, não posso mais!

– O senhor ainda está no Hospital São João? – perguntei ao Dr. M.

– Não. – respondeu-me ele – Há perto de um ano que estou no Santo Antônio.

– E o que tem o Palica com o Hospital Santo Antônio, se ele é diretor do São João?

– O Palica não é mais diretor do São João. – respondeu-me o Dr. M. – Foi transferido para o Santo Antônio e, por falta de sorte minha, há quatro dias que tomou posse do novo cargo.

Comecei então a pensar na sessãozinha da noite, com o seu disparatado enredo, isto é:

- 1º) A aparente comunicação de um vivo.
- 2º) A apresentação do Dr. Palica com humorismo, quando, ao contrário, ele é amável, sério e cortês.
- 3º) A minha ignorância quanto à mudança de residência do Palica, coisa que nem por sombra eu poderia imaginar. Pelo contrário, eu estava mais que persuadido de que continuava no São João, onde o havia cumprimentado

cinco dias antes e nada indicava uma transferência que ele mesmo estava longe de supor.

- 4º) A indicação da maneira com que me seria esclarecida a coisa, isto é, por meio de um terceiro que eu conhecia apenas de vista e no qual não pensava nem muito nem pouco, e que minha esposa não conhecia, nem mesmo de nome.
- 5º) a premonição verificada minuciosamente: a) pela indicação do dia (amanhã); b) as horas (da manhã); c) a pessoa (Dr. M.) e d) a transferência levada ao meu conhecimento.

Na manhã seguinte não deixei de ir ao Hospital Santo Antônio, onde encontrei o Palica em grande atividade nas modificações que reputava indispensáveis no serviço hospitalar. Explicou-me logo, enfaticamente, o porque da repentina mudança de residência em que nunca havia pensado. Arquitetei um discurso para cair justamente onde eu queria, mas não consegui surpreender nele uma palavra sequer sobre o assunto. Soube apenas que, na noite da estranha comunicação, o Dr. Palica tinha ido ao teatro, detalhe que não deixei de verificar.

Não houve nenhuma evocação. Ensina a doutrina espírita que o espírito de um vivo, em seus momentos de liberdade pode se apresentar sem ser evocado, movido somente pela simpatia, mas em tal caso o corpo habitualmente dorme ou cochila. Em nosso caso, o Dr. Palica estava no teatro, e os dois amigos que se encontravam com ele afirmam que, durante todo o tempo, ele não dormiu nem cochilou. Desnecessário é gastar palavras para provar que o fenômeno não era de origem subconsciente ou automática.

Por outro lado, o Palica não se achava absolutamente em estado de inconsciência completa, nem de semiconsciência, mas sim em estado de perfeita vigília, com a atenção atraída e distraída em coisas em tudo diferentes do que me dizia respeito; portanto, faltavam completamente todas as condições exigidas para que se verificassem comunicações medi-

únicas de vivos, isto é, sono fisiológico, hipnótico, magnético, desmaio, coma ou outro estado mórbido semelhante. Logo, a causa não podia ser encontrada na personalidade de quem aparecia como presente à mesa da sessão e, contudo, o fenômeno devia ser de origem extrínseca.

Precisamos, por conseguinte, contentar-nos com o guia de Allan Kardec, que afirmou (e com razão até o momento), que a única hipótese explicativa plausível é a de alguma inteligência oculta que se tenha mascarado (em nosso caso) de Antônio Palica para divertir-se à nossa custa.

Nenhum outro dos argumentos habituais pode decifrar a confusão. Pondo-se em movimento “cerebrações” de toda sorte, “desdobramentos”, “psiquismos superiores”, “polígonos”, “elétrons vorticosos” ou “vorticons electrosos” (troços demais para ser verdade), afastamo-nos completamente do terreno científico e elevamo-nos, com toda a pressão, às disparatadas regiões das “Mil e uma Noites Subliminais”.

a) Dr. A. U. Anastadi ”

As considerações que o incidente exposto sugere ao Dr. Anastadi parecem racionais e incontestáveis, desde o caráter leviano e jovial da personalidade mediúnica que dizia ser o Dr. Palica, mostrando-se em flagrante contradição com a seriedade do caráter e a correção dos modos deste, e isto sem contar que, no momento em que se verificou o incidente, o suposto agente se encontrava no teatro, absorto na representação em curso. É uma vez reconhecido que a personalidade comunicante não era o que afirmava ser, então só restam duas hipóteses para explicação dos fatos. Por uma dessas hipóteses, a que é acolhida pelo relator, tratar-se-ia de uma “inteligência oculta”, mascarada de Antônio Palica, que se divertia à custa dos experimentadores. Pela outra, tratar-se-ia, ao contrário, de uma personificação subconsciente e nada mais. A propósito, porém, desta última hipótese, não se pode deixar de refletir que as personalidades subconscientes, sejam elas de ordem hipnótica ou sonambúlica, chegam a imitar, mais ou menos bem, as características que distinguem bem a personalidade representada, mas estão muito longe de fornecer

informações verdadeiras, ignoradas pelo médium e todos os presentes, e muito menos ainda, de predizer incidentes futuros, como no caso do episódio em pauta.

Segue-se daí que a segunda interpretação dos atos é muito menos justificável do que a primeira, conquanto também a primeira apresente aspectos bem misteriosos para cuja elucidação nos estenderíamos em longa discussão estranha ao nosso tema e que, portanto, omitiremos. Do nosso ponto de vista, o ensino teórico a extrair cumulativamente do caso exposto e do que o precede, consiste nisso: que um e outro não podem ser explicados estendendo a hipótese das comunicações entre vivos também aos casos em que o agente se acha em estado de vigília e sem pensar no percipiente.

Ora, refletindo que, numa coleção de 154 casos recolhidos, os episódios citados são os únicos que aparentemente se levantam a favor de uma tal extensão da hipótese em exame, daí decorre que se deve considerar arbitrária e errônea qualquer solução em tal sentido, devido à perplexidade teórica suscitada pelos casos análogos aos citados. Importante conclusão que não se deve esquecer.

Subgrupo C

Mensagens obtidas por vontade expressa do médium

Os casos pertencentes a esta categoria se revestem de grande valor teórico, ao passo que a maneira de interpretá-los reflete a sua influência sobre o modo de analisar a classe mais importante dos casos de identificação espírita: a identificação baseada nos informes fornecidos pelos mortos, em torno de sua existência terrena. Tal influência deriva do fato de que as comunicações mediúnicas entre vivos, quando obtidas por expressa vontade do médium, fornecem um aparente princípio de confirmação da hipótese pela qual a gênese dos informes verídicos de tal natureza se explica pressupondo que as faculdades supranormais do médium conseguem obtê-las na subconsciência dos vivos que tenham conhecido o morto que se afirma presente (telemnésia).

Todavia, convém observar, a propósito, que se se quiser chegar a explicar os fatos por meio de semelhante hipótese, devem ser feitas as seguintes concessões: em primeiro lugar, urge conceder às faculdades supranormais dos médiuns a potencialidade de poderem manifestar-se sem limites de tempo, de espaço e de condições, ou, em outros termos, deve-se conferir à subconsciência humana a onisciência divina. Em segundo lugar, deve-se conceder mais, que com as mesmas faculdades, uma vez descoberta em algum ângulo do mundo a subconsciência depositária dos informes desejados, se consiga selecionar recordações latentes em que jazem sepultados os ditos informes, e isto de modo tão perfeito que retirassem somente os que se referissem ao pretense morto comunicante, sem jamais cair em falta, sem nunca tropeçar em algum pequeno incidente ocorrido a outro que não seja o morto. Também esse atributo de nunca se enganar é reservado à onisciência divina. Em terceiro lugar, conceder tudo isto equivaleria a admitir que um acontecimento maravilhoso como o que ora examinamos, devido ao exercício de faculdades espirituais elevadas e nobres, tenha como fim insulso e único a manipulação de falsas personalidades de mortos para mistificação do próximo. São estas concessões que teriam de ser feitas à hipótese em apreço, quando se quisesse explicar os casos de identificação pessoal dos mortos sem recorrer à interpretação espírita. Não duvido de que os leitores concordem comigo, achando um tanto excessivas tais concessões. De qualquer modo, apresso-me a repetir que os casos pertencentes ao presente *subgrupo* fornecem apenas um princípio indicador de confirmação favorável a tal hipótese, e nada mais. Na verdade, a circunstância essencial em tal ordem de pesquisa, e que é sistematicamente esquecida pelos propugnadores da onisciência subconsciente, consiste em que as comunicações mediúnicas entre vivos, da mesma forma que as comunicações telepáticas e clarividentes, são *condicionadas*, isto é, *limitadas* pela necessidade imprescindível da “relação psíquica”, que não pode ser estabelecida senão com pessoas vinculadas ao médium ou aos presentes por profundos sentimentos afetivos e, em circunstâncias especiais, também por simples laços de parentesco, de amizade ou de conhecimen-

to, nunca, porém, com pessoas totalmente desconhecidas do médium e dos presentes.

Ora, como tal circunstância tem o valor de uma lei que rege as manifestações psíquicas (e isto em correspondência com a lei da afinidade que governa os fenômenos do universo), segue-se que ela resolve a tese em exame, de modo que a hipótese da onisciência subconsciente converte-se em pura elucubração fantástica, filosoficamente absurda e cientificamente insustentável.

Isto posto, referindo-me às hipóteses para explicação do *sub-grupo* em apreço, observo que só podem existir duas: a primeira é a que acabamos de discutir, do ponto de vista das provas de identificação espírita e pela qual se deveria presumir que o médium representa a parte ativa do agente inquiridor, e a pessoa ausente a parte passiva do indivíduo inquirido em cada um dos mais recônditos recessos de suas reservas mediúnicas. A segunda hipótese consistiria em pressupor que o médium obtenha os informes verídicos que refere, em virtude de uma espécie de conversação espiritual iniciada entre a sua personalidade integral subconsciente e a personalidade integral subconsciente do indivíduo ausente. Esta hipótese foi proposta pelo Prof. Hyslop e confirmada pela modalidade de realização normal dos episódios em exame. Sobre a outra, apresenta ela a enorme vantagem de não se lançar ao extremo e desesperado recurso de conferir onisciência divina à subconsciência humana.

Não é o caso, por enquanto, de acrescentar outras coisas, porque a enumeração dos fatos fornecerá o ensejo de desenvolvermos ulteriormente o tema e de acrescentarmos outros argumentos mais adequados à refutação da primeira hipótese e confirmação da segunda.

Caso 9 – Transcrevo-o do interessante volume de Vincent Turvey intitulado *The beginnings of seership* (pág. 221). Embora seja ele breve, não lhe falta valor sugestivo, tanto mais levando-se em consideração que o sensitivo-protagonista é o próprio autor do livro. Trata-se de um perfeito cavalheiro cujo nome é

garantia da mais escrupulosa autenticidade de tudo o que narra sobre as suas experiências.

Vincent Turvey, homem bastante culto e prudentíssimo, morreu prematuramente de tuberculose, depois de longos anos de sofrimento. Dotado de raras faculdades clarividentes e mediúnicas, quis, com admirável perseverança, exercitá-las em benefício da causa, apesar de sua grave enfermidade e, para tal fim, efetuava sessões com quem lhas solicitava, limitando-se a pedir aos experimentadores que lhe fornecessem uma narrativa das manifestações ocorridas. De tal documentação valeu-se ele para compilação de seu livro que, portanto, é uma obra rigorosamente científica, além de muito interessante, devido às raras manifestações de lucidez e de identificação espírita pelo mesmo conseguidas. Fez também experiências de comunicações mediúnicas entre vivos, tentando manifestar-se a distância em um grupo de experimentadores amigos, conseguindo tal resultado diversas vezes. Não é o caso de narrar aqui tais experiências, com exceção do breve incidente que a seguir vou citar. Transcreverei antes um trecho em que ele relata as suas impressões durante a translação espiritual pelo espaço e a permanência nos ambientes visados. Escreve ele:

“Quando o meu espírito abandona temporariamente o corpo, parece-me voar através do espaço com uma rapidez vertiginosa, que torna indistinta e confusa a paisagem sobre a qual eu passo. Embora me pareça voar a uma altura de apenas umas duas milhas da superfície do globo terrestre, é-me muito difícil distinguir terra da água, as florestas das cidades e, a menos que tais trechos da paisagem sejam muito vastos, não percebo absolutamente os riachos e as aldeias. Quando atinjo a meta, digamos que esta seja a casa do Sr. Brown em Bedford, sou capaz de perceber não somente a sala em que ele se acha, como posso também andar pelos cômodos, observar a mobília dos quartos, distinguir o que está nas cantoneiras, apalpar as cortinas e ver que são de veludo, mover uma cama ou mesa, descobrir um escapamento de gás, diagnosticar moléstias, saber dos negócios do Sr. Brown, etc. Algumas raras vezes, tenho sido visto também. Além disso,

consigo ouvir as conversas familiares e, em várias ocasiões, tenho influenciado um médium por meio do qual costumo comunicar-me, e conversar com os presentes.” (pág. 54).

Em uma das tais experiências de comunicações mediúnicas com vivos, ocorreu um incidente curioso que ele relata nos seguintes termos:

“Na quarta-feira passada, 10 de julho de 1907, retirei-me para a salinha, com a intenção de manifestar-me em um grupo de experimentadores amigos em Pokesdown (a quatro milhas de distância). Ainda não me havia estendido no divã, e já o espírito se havia libertado, lançando-se em vôo, rumo à casa deles. Lá chegando, consegui influenciar logo o médium, mas infelizmente aconteceu que o meu organismo corporal fosse bruscamente perturbado por uma violenta discussão verificada na sala contígua, de modo que o espírito teve de voltar por um instante, para reanimar o corpo.

Vejamos agora o que sucedeu. Fui ter à sala para saber por que motivo me haviam perturbado e vi a minha esposa, a criada de quarto e a enfermeira, que contemplavam um belo gato da Pérsia, o qual havia acompanhado pela rua a criada e entrara com ela na casa. E a questão, que sobressaltara o meu corpo, girava em torno de se ficar ou não com o gato. Notemos, portanto, que se tratava de uma reunião de pessoas discutindo a respeito de *um gato*. Ora, no instante preciso em que isto sucedia na minha sala de jantar, o médium por mim influenciado a quatro milhas de distância, exclamava: “Um gato! Um gato!”

Transcrevo, a seguir, o documento nº 6, que se refere ao mencionado incidente:

“10 de julho de 1907.

Em nossa sessão mediúnica semanal de costume, realizada em Pokesdown, o Sr. Blake, caindo sob a influência de um espírito, exclamou de modo enfático: “Um gato! Um gato!”

E isto foi tudo, porque logo depois, a entidade que naquele momento havia tomado o médium, inesperadamente o abandonou.

a) J. Walker – Sra. Blake –
G. Luckham – M. Walker.”

No caso exposto, convém notar a perfeita correspondência entre o incidente ocorrido na casa do sensitivo-agente e o que se deu na sessão em Pokesdown, em que o médium foi tomado por uma entidade e que apenas teve tempo de exclamar: “Um gato! Um gato!” para depois abandonar bruscamente o médium, como se isto sucedesse por causa do gato assinalado.

Ora, como fica clara a perfeita relação de causa e efeito entre o incidente ocorrido em casa do sensitivo-agente e o que sucedeu na sessão em Pokesdown, segue-se que a autenticidade da manifestação de um vivo fica também clara e incontestável e, portanto, deve-se igualmente inferir que o gato mencionado pela personalidade mediúnica em Pokesdown foi realmente a causa do imprevisto abandono da influência medianímica, como se deve finalmente inferir que a personalidade não podia ser outra senão a mesma personalidade espiritual de Vincent Turvey, porque, precisamente naquele instante, foi ele abalado e despertado do sono mediúnico por causa de um gato.

De outro ponto de vista observo que, ao caso exposto, não são ainda aplicáveis as considerações acima a respeito das perplexidades teóricas que fariam surgir alguns casos pertencentes ao presente *subgrupo*, quando forem comparados com casos afins de identificação pessoal dos mortos. E não lhe são aplicáveis tais considerações porque o próprio caso tende a confirmar a hipótese espírita, demonstrando a possibilidade de o espírito humano abandonar temporariamente o seu corpo e ir influir no órgão cerebral de outra pessoa viva, com as conseqüências teóricas que daí derivam. Em outros termos: baseando-se nos episódios da natureza exposta, fica provado, de forma cientificamente decisiva, que, quando um médium fala em nome de um vivo ausente, tal personificação não é absolutamente mistificação da subconsciência do médium (como pretenderiam os adversários da hipó-

tese espírita), porém um fenômeno autêntico de comunicação telepático-mediúmica do referido vivo. Se assim é em virtude da análise comparada e das provas por analogia, daí extraídas, dever-se-á concluir no mesmo sentido, também quanto aos casos pertencentes ao grupo afim em que o médium fala em nome de entidades de mortos, as quais demonstram a sua identidade pessoal, fornecendo informes pessoais ignorados de todos os presentes. Tais conclusões me parecem logicamente inexpugnáveis e é por isso que a classe das comunicações mediúnicas se torna, em linhas gerais, de grande eficácia demonstrativa em favor da autenticidade inatacável dos casos de comunicações mediúnicas com os mortos.

Contudo, aparentemente, faria exceção um pequeno grupo de casos, como já se disse, que gerariam perplexidades teóricas contrárias à hipótese espírita, perplexidades estas que consistem na circunstância de conseguir o sensitivo surrupiar segredos nas personalidades subscientes dos vivos ausentes. São estes os casos que me limito a referir.

Caso 10 – Colho-o do livro de William H. Harrison, intitulado *Spirit before our eyes* (pág. 173). Escreve ele:

“O segundo caso me foi enviado de Vervej, Suíça, em 3 de março de 1875, pelo príncipe Emílio de Sayn-Wittgeinstein, que foi ajudante-de-campo do Imperador da Rússia durante a guerra turco-russa de 1878.

Eis o relato do príncipe:

– Há cerca de um ano atrás, tentei convencer uma jovem senhora de que o seu espírito, em condições especiais, poderia afastar-se do corpo para agir independentemente. Depois de insistentes pedidos meus, concordou em confiar-me uma de suas luvas, por meio da qual eu esperava chegar a pôr-me em relação magnética com ela, embora nunca a houvesse magnetizado.

Separamo-nos no mesmo dia e, apenas as circunstâncias mo permitiram, tentei a primeira experiência, em hora avançada da noite, para que a dama em questão se achasse em profundo sono. Fiquei com a luva na mão esquerda e o lápis

na direita, pousando-o sobre uma folha de papel, e concentrei o pensamento nela. Não tive de esperar muito tempo, pois logo me senti influenciado, e o lápis começou a responder a várias perguntas mentais que fui fazendo. Nesta experiência estávamos separados por meio dia de viagem.

Continuei as mesmas práticas por várias semanas, durante as quais a luva foi perdendo gradualmente a influência que a tornava ativa, de modo que também as manifestações se foram enfraquecendo até cessarem de todo.

Vim a saber que, durante as minhas experiências, a referida senhora tivera muitas vezes sonhos comigo, de clareza extraordinária e que, num desses sonhos, ela me havia visto com tamanha nitidez, que pôde descrever a roupa com a qual me achava vestido e o quarto que ocupava, tudo correspondendo à verdade. Além disso, ela me confirmou a exatidão dos numerosos incidentes que chegaram ao meu conhecimento ditados mediunicamente por ela, durante o sono.

Toda vez que o seu espírito respondia ao meu chamado eu sentia um agradável calafrio correr-me pelas costas, enquanto uma espécie de disco, do tamanho de um prato, do qual emanava uma luz amarelada, aparecia no ar e se deslocava sempre de um lado para outro. Tal disco luminoso aparecia logo que o lápis começava a escrever e desaparecia no momento em que a escrita parava. Algumas vezes o lápis sofria um abalo violento quando acontecia a interrupção da mensagem, mas esta logo depois recomeçava, como se nada houvesse sucedido. Perguntei qual o motivo dessas bruscas interrupções e foi-me respondido serem elas consequência dos rumores imprevistos que, naquele mesmo instante, haviam perturbado o sono da senhora que se achava em comunicação mediúnica comigo.

O incidente mais estranho, porém, está por ser contado, e me declaro incapaz de interpretá-lo, razão pela qual ficarei muito grato a quem puder fazê-lo.

Certa noite em que estava recebendo a influência dela, escrevi longa mensagem que se referia a um baile no qual pre-

tendia ter tomado parte na noite precedente. Descreveu-me, com juvenil entusiasmo, o lindo vestido que usara, as pessoas com as quais havia dançado, fazendo sobre algumas delas observações maliciosas e, finalmente, confiava-me que, num dado momento, se tomara de forte mau humor, sentando-se a um canto afastado da sala e respondendo com despeito a quem dela se aproximava, bem como se recusara a continuar tomando parte nas danças. Vários meses após encontrei-me com a irmã dela pela qual soube que naquela noite, a minha “correspondente espiritual” achava-se ausente, numa excursão que durara uma semana, e que fora ela, a *irmã*, quem estivera no referido baile, vestida com a roupa por mim descrita e que, efetivamente, se havia portado de modo despeitoso e impertinente para quem dela se acercava. Em suma, confirmou, em todos os pormenores, a narração por mim obtida mediunicamente.”

Eis a interessante narrativa do príncipe de Wittgeinstein. O incidente final de substituição da personalidade mediúnica que ao príncipe pareceu muito enigmático, na realidade não o é. De fato, podemos explicá-lo facilmente, observando que a circunstância da “relação psíquica” existente naquele momento entre o sensitivo-agente e o ambiente longínquo em que morava a dama procurada, é suficiente para dar a razão do acontecido. Tal circunstância nos autoriza a inferir que, não se achando em casa a senhora em questão, mas sim a sua irmã, naquele momento imersa no sono, pela “lei de afinidade” existente no ambiente em que estava dormindo, foi ela quem entrou em relação psíquica com o agente afastado, no lugar da irmã ausente. Como o príncipe estivesse firmemente persuadido de achar-se em relação com a senhora habitual, essa convicção provocou, por auto-sugestão, um fenômeno de interferência subconsciente, que levou a mão do sensitivo a firmar, erroneamente, a mensagem com o nome daquela que ele supunha presente. De tais espécies de interferências estão cheios os anais da casuística mediúnica.

Além disso observo, no caso exposto, o incidente do disco luminoso que aparecia quando a mão do médium traçava automaticamente as primeiras palavras e desaparecia quando a escrita

cessava. O incidente tenderia a demonstrar a presença real da entidade espiritual comunicante no local. Nos casos telepáticos, como nestes aqui considerados, alternam-se constantemente episódios que tendem a demonstrar ora a presença real de uma entidade comunicante, ora a tese oposta de uma comunicação puramente telepática ou telepático-mediúmica, isto é, de uma pura transmissão do pensamento a distância. Tais perplexidades teóricas, produzidas por alternativas episódicas de significação oposta, não se resolvem senão admitindo a possibilidade de se realizarem ambas as modalidades de manifestação fenomênica segundo as circunstâncias. Tudo concorre para provar que a solução do problema seja a mais digna de consideração.

Finalmente, advirto que não é o caso de se iniciarem discussões teóricas a propósito deste primeiro exemplo de comunicações mediúnicas entre vivos, em que o agente colhe segredos pessoais de sensitivos distantes, mergulhados no sono, devendo esperar para o fazermos quando houver melhores elementos de discussão, sejam a favor ou contra. Limito-me, portanto, a recordar que a objeção formulada pelos opositores à hipótese espírita consiste em observar que, se o médium é capaz de extrair informações reservadas na subconsciência de determinadas pessoas distantes, imersas no sono, tal fato infirma as provas de identificação espírita fundadas em informes pessoais ignorados dos médiuns e dos presentes, que fornecem os supostos mortos comunicantes, levando-se em conta que se poderia sustentar sempre, a tal propósito, que o médium retire todos os informes das subconsciências das pessoas vivas que tenham conhecido os mortos.

Viu-se, na introdução ao presente *subgrupo*, que a objeção não resiste a outras importantes circunstâncias de fato e, acima de tudo, viu-se também que ela não fica de pé diante da necessidade da “relação psíquica”, que serve para condicionar e, portanto, para limitar os poderes da subconsciência. Dentro em pouco veremos como tal hipótese se esboroa diante da análise comparada dos fatos.

Caso 11 – Também a célebre escritora inglesa Florence Marryat, que era dotada de notabilíssimas faculdades mediúnicas,

especialmente de psicografia e tiptologia, fez numerosas experiências com pessoas distantes.

Transcrevo uma dessas experiências, que se encontra em seu livro *There is no death* (pág. 41). Escreve ela:

“Tais comunicações mediúnicas com espíritos de vivos são, indubitavelmente, das mais curiosas que já obtive. Em várias circunstâncias quando, sobre um dado acontecimento, eu não chegava a conhecer a verdade diretamente das pessoas interessadas em ocultá-la, eu me sentava diante da “mesinha mediúnica”, em hora que sabia acharem-se adormecidas as pessoas, e concentrava o pensamento sobre elas, convidando-as a me virem revelar, sinceramente, a verdade, pela tiptologia, o que quase nunca deixava de se realizar. De modo que, quando tais pessoas viam que eu estava plenamente informada do que elas me haviam escondido, ficavam pasmadas e por certo não imaginavam qual tivesse sido a minha fonte de informações.

Observo que o poder de comunicar-se com os espíritos dos vivos não é comum a todos os médiuns, mas eu sempre o possuí, e posso consegui-lo, tanto com pessoas adormecidas como em estado de vigília, conquanto neste último caso a experiência seja mais difícil. Um senhor do meu conhecimento certa vez me desafiou a tentar com ele. Oculto-lhe o nome, porque a tentativa o tornou risível.

Esperiei que ele fosse convidado para um jantar de gala e então, cerca de nove horas da noite, sentei-me à mesinha e, pensando intensamente nele, chamei-o resolutamente. Ele hesitou um pouco em vir e, quando chegou, estava de muito mau humor. Apanhei papel e lápis e, ditados por ele, escrevi os nomes de todos os convidados presentes no banquete, de todos os pratos servidos e depois, comovida pelas suas ardentes súplicas, deixei que se fosse.

– A senhora está me levando ao ridículo. Todos se riem de mim!

– Por que? O que o senhor está fazendo?

– Estou caído em profundo sono em cima da toalha da mesa.

No dia seguinte, confuso e humilhado, foi ele procurar-me e perguntou:

– Foi a senhora que ontem à noite atuou sobre mim? Eu me achava num jantar em casa do Sr. Watts Philips e, terminada a refeição, caí inesperadamente em profundo sono, com a cabeça entre as mãos. Os convidados tentaram acordar-me, sem o conseguir. Estou certo de que a senhora preparou-me uma grande peça.

– Não quero ocultar – respondi – que ontem resolvi aceitar o seu desafio, impondo-lhe que fizesse o que lhe parecia impossível forçá-lo a fazer. Gostou da sopa branca? E o peixe, estava bom? Que me diz do pão doce?

Ele ficou perturbado ao ouvir-me enumerar os pratos servidos no jantar, e o seu espanto subiu ao máximo quando lhe mostrei a folha de papel escrita com o que me ditou.

Devo declarar que não tenho o costume de proceder assim com os vivos, mas sou uma pessoa terrível quando me desafiam a fazer alguma coisa.”

Casos 12 a 19 – Limito-me a expor uma série de episódios, os mais interessantes desses *subgrupos*, não só pelo valor intrínseco, mas ainda porque são narrados pelo célebre escritor e jornalista inglês William Stead.

Como se sabe, possuía ele, em grau notabilíssimo, a faculdade mediúnica da escrita automática (psicografia), pela qual lhe foi ditado o livrinho de ouro de revelações transcendentais intitulado *Letters from Julia*. Além disso, conseguia sistematicamente entrar em relações mediúnicas e conversar, livremente, com pessoas vivas que se achavam a distância, obtendo muitas vezes confissões e informações que as mesmas pessoas nunca lhe teriam confiado, em condições normais. Ele nunca havia pensado na possibilidade de conversas supranormais de tal natureza e foi a personalidade mediúnica de Júlia que lhe sugeriu essa idéia, a título de experiência. Numa famosa conferência realizada na

sede da *The London Spiritualist Alliance*, em 1893, conta ele, nas seguintes palavras, o seu começo nessa espécie de experiências:

“Certo dia Júlia escreveu: “Por que te surpreendes que eu possa servir-me da tua mão para escrever à minha amiga? Qualquer um pode fazê-lo” e eu lhe perguntei: “Que queres dizer com este *qualquer um*?”, ao que ela respondeu: “Qualquer um, isto é, qualquer pessoa pode escrever com a tua mão”. Perguntei ainda: “Queres dizer qualquer pessoa viva?” e ela replicou “Qualquer amigo teu pode escrever com a tua mão”, ao que observei: “Queres dizer que se eu puser a minha mão à disposição de qualquer amigo distante poderá ele servir-se dela do mesmo modo que tu o fazes?” e ela respondeu: “Sim, experimenta e verás”. Ora, parecia-me difícil a tarefa, mas resolvi fazer a tentativa e os seus resultados foram imediatos e assombrosos.

Pus minha mão ao dispor de amigos que residiam a diversas distâncias e notei que quase todos eles se achavam em condições de se comunicarem, embora variasse muito a capacidade de manifestação. Alguns escreviam logo correntemente, com as suas próprias características de estilo, de forma, de caligrafia, desde as primeiras palavras, e prosseguiram desembaraçadamente como se estivessem escrevendo uma carta normal. Confiavam-me os seus pensamentos, informavam-me que tinham intenção de virem consultar-me ou diziam como haviam passado o dia, mas em tais conversações, já por si mesmas tão assombrosas, o que mais me surpreendia era a inconcebível franqueza de alguns amigos meus dos quais eu conhecia a sensibilidade, a moderação e a reserva de que eram dotados. Eu estava bem certo de que nunca me teriam confiado certos segredos ou certas dificuldades financeiras e, entretanto, me declaravam, com toda a sinceridade, que se achavam em aperturas econômicas ou me confessavam, sem disfarces ou reservas, outras coisas íntimas, de várias naturezas.

Tal circunstância me parecia tão séria, do ponto de vista da convivência social, que um dia pedi explicações a *Júlia*, nos seguintes termos: “Os resultados que estou obtendo no

meu novo campo de investigações estão me preocupando seriamente, pois me parece que não haveria mais segredos neste mundo se os outros procedessem como eu”, ao que ela respondeu: “Oh, não! Estás exagerando”, pelo que objetei: “Então como se explica que, por meio de minha mão, um amigo me revela segredos que pelas vias normais nunca confessaria?”

Deu-me ela uma explicação que não desejo citar como definitiva, mas simplesmente como uma explicação de *Júlia* escrita por minha mão e que certamente não era produto do meu subconsciente, porque eu nunca havia pensado naquilo. Disse ela: “Vossa personalidade real, ou espiritual, não confiará nunca a ninguém, por via mediúnica, coisas que considera dever conservar secretas e, se algumas vezes confia incidentes mais ou menos íntimos, faz isto em plena consciência. A diferença é que a vossa personalidade real, ou espiritual, pensa e julga, com relação ao valor intrínseco de um fato, de modo muito diferente de vossa personalidade normal.” Perguntei: “Que queres dizer com a expressão “personalidade real, ou espiritual?” Respondeu: “Vossa personalidade real, ou espiritual, o que chamais o vosso *eu*, inspeciona tanto a vossa mente consciente quanto a subconsciente, empregando a seu gosto uma e outra. Vossa mente consciente serve-se das faculdades sensoriais para se comunicar com os seus semelhantes quando estes se acham ao alcance das mesmas faculdades, que, portanto, são muito rudimentares em sua potencialidade. Não se dá o mesmo com as faculdades sensoriais da mente subconsciente, que são já um instrumento de comunicação muito mais sutil, refinado e eficaz, porquanto permanecem sempre como instrumento a serviço de vossa personalidade espiritual, que quando deseja comunicar-se com alguma pessoa a distância, serve-se da mente subconsciente. Esta, porém, não se dá à tarefa absurda de revelar a outrem o que realmente deve ser mantido em segredo, tanto como não o faria, normalmente, pela conversação. Em suma, vossa personalidade real, ou espiritual, é senhora absoluta de seus instrumentos de comunicação.”

Perguntei-lhe ainda: “Como tais comunicações são produzidas?” e assim ela respondeu: “Como? Os espíritos do universo inteiro acham-se em contato entre si, de modo que podeis falar com a personalidade espiritual de qualquer pessoa no mundo, sem limite algum de distância, com a condição única de tê-la conhecido pessoalmente. Se podeis falar com uma pessoa que encontrardes na rua, pelo fato de lá a conhecerdes, podereis, pela mesma razão, conversar com ela em qualquer parte do mundo em que ela se achar, convidando-a a escrever pela vossa mão.”

Pode o caso ser devido à minha mediunidade imperfeitamente desenvolvida, mas o fato é que não consigo entrar em relações mediúnicas com todos os meus amigos e encontro grande diferença no valor intrínseco de suas comunicações. Assim, por exemplo, há alguns que me dão informações pessoais tão extraordinariamente exatas que, em cem afirmativas, só encontro uma única inexata. Há outros, ao contrário, que se manifestam com as suas características pessoais e firmam as mensagens com o seu nome e, todavia, transmitem informações completamente falsas. De qualquer modo, a maioria deles demonstra a máxima exatidão ao transmitir as suas notícias. Em se tratando de notícias, nota-se um fato curioso: se eu peço a um amigo de Glasgow notícias de sua defluxão facial, responde-me ele com escrupulosa exatidão, ou que está piorando, ou que os tumores estão abertos, e que seu rosto está coberto com um cataplasma, e subscreve as mensagens com a sua própria assinatura. E quando me encontro com tal amigo em carne e osso e lhe mostro a sua escrita, ele absolutamente não se recorda de ter conversado comigo. Pedi a *Júlia* esclarecimentos nesse sentido, formulando nos seguintes termos a minha pergunta: “Como se explica que, quando pergunto ao meu amigo sobre a sua doença facial, ele responde dando informação exata a respeito do seu estado e, contudo, não se lembra de ter-se comunicado comigo? Se a nossa personalidade espiritual não transmitisse nunca informações em plena consciência de o fazer, como se explica que os amigos me fornecem informações que igno-

ram ter fornecido?” Respondeu-me ela: “Quando vos dirigis mediunicamente a um vosso amigo, a sua personalidade espiritual responde, empregando as *faculdades mentais subconscientes e não as faculdades conscientes ou cerebrais* e, naturalmente, não toma o cuidado de comunicar à mente *consciente ou cerebral*, que deu essa informação servindo-se, para isso, das faculdades mentais subconscientes porque, absolutamente, não é necessário fazê-lo. Se achasse útil, então o amigo se recordaria.” (*Light*), 1893, págs. 134-143).

Detenho-me aqui com as citações da interessante conferência de William Stead, citações estas que me parecem necessárias para maior esclarecimento dos fatos que me disponho a citar.

* * *

Começo por um breve incidente obtido por William Stead no começo das suas novas experiências. O distante paciente escolhido foi uma distinta escritora que colabora na *Review of Reviews* e que em pouco tempo se tornou um dos melhores “correspondentes espirituais” de Stead. Ela correspondia imediatamente aos convites espirituais deste último, em qualquer lugar em que se achasse, iniciando conversações interessantíssimas, porque exuberantes em provas de identificação pessoal.

Extraio o presente incidente do vol. IX, pág. 53, dos *Proceedings of the S. P. R.* O relato é escrito por William Stead, o qual se expressa nestes termos:

“Como permanecesse eu um tanto incrédulo, comecei a fazer experiências pensando numa moça de Londres, que escolhi porque existiam entre mim e ela laços de simpatia recíproca, e a prova produziu maravilhosos resultados. Minha amiga não encontrava dificuldade alguma em servir-se da minha mão para dar as suas notícias, expressando-se com o seu humor do momento.

Uma vez, enquanto a minha amiga, que aqui chamarei de Srta. Summers, estava ditando uma mensagem, eu a interrompi bruscamente, perguntando-lhe: “É você mesma que está escrevendo com a minha mão, ou sou eu que estou con-

versando com a minha subconsciência?” Minha mão escreveu: “Provar-lhe-ei que sou eu realmente quem está escrevendo. Neste momento estou sentada diante da mesa e tenho nas mãos um objeto que amanhã levarei ao seu escritório. Será um pequeno presente que você terá de aceitar de mim. É a imagem de um *velho cardo*.” Interrompi: “Como é mesmo? Um velho cardo?” – “Sim, exatamente um velho cardo. Representa uma grata recordação de minha vida e é por isso mesmo que tenho muito carinho por ele. Amanhã eu o levarei à sua casa e lhe explicarei tudo melhor, de viva voz. Tenho a pretensão de pensar que o aceitará.”

No dia seguinte, minha amiga veio ao meu escritório e eu lhe perguntei logo se me havia trazido um pequeno presente. Respondeu que não, que havia pensado em trazer, mas havia acabado por deixá-lo em casa. Perguntei-lhe em que consistia e ela respondeu que se tratava de um presente tão absurdo que não desejava nomeá-lo. Eu insisti e finalmente ela explicou que se tratava de um pedaço de sabão! Fiquei profundamente decepcionado com o aparente insucesso e lho confessei. Ela, porém, replicou com surpresa: “É deveras extraordinário! Tudo sucedeu como está escrito nesta folha de papel e trata-se mesmo de um *cardo*, e mais, de um cardo velho, que está impresso, porém, num pedaço de papel. Amanhã o trarei. O cardo representa algo importante nas recordações de minha vida.” E então narrou o incidente pessoal relativo ao cardo. No dia seguinte levou-me o pedaço de sabão sobre o qual se distinguia, efetivamente impressa, a imagem de um *velho cardo*.”

(O prof. Myers confirma o episódio nos seguintes termos: “Foi-me narrado o incidente pessoal ligado à imagem do *velho cardo*, cuja significação completa estava na imagem sobre o pedaço de sabão. A Srta. Summers havia pensado em levá-lo ao Sr. Stead antes que a mão deste último houvesse escrito o informe e, provavelmente, pensou o mesmo no momento preciso em que Stead escrevia.”)

No caso exposto, o incidente da identificação pessoal destinado a provar a Stead que não se tratava de uma mistificação da subconsciência dele, e sim de uma conversa real com a personalidade espiritual da Srta. Summers, alcançou bem a sua finalidade, visto que o presente prometido a título de prova em tal sentido consistia numa coisa de natureza tão excepcional, que não pode ser explicada pela hipótese das coincidências fortuitas. É, de fato, claro, que uma imagem de “cardo velho” não é objeto que se costuma dar de presente.

Observo, além disso, que no incidente em apreço, como em outros, sucedidos com a mesma sensitiva, esta parece ter entrado em relação mediúnica com Stead durante o estado de vigília, o que não significa, porém, que o incidente se tenha desenvolvido precisamente assim, antes de tudo, porque em nenhuma das experiências em exame houve testemunhas que pudessem certificar-se de que a sensitiva não tivesse cochilado e, depois, porque, mesmo que tais testemunhas existissem, não teriam grande valor teórico, visto que uma pessoa pode muito bem passar para um estado de *sonambulismo em vigília* sem que os presentes o percebam.

O principal ensino teórico a extrair-se do caso exposto, ou, melhor, a confirmação ulterior de um ensino teórico já extraído dos casos precedentes e que será mais do que nunca confirmado nos que seguem, consiste no fato notório e indubitável de, *nas comunicações mediúnicas entre vivos, tratar-se de verdadeiras e próprias conversas entre duas personalidades espirituais subconscientes, conversas transmitidas à personalidade consciente do médium por meio da escrita automática*. E, pelo contrário, verifica-se não poder tratar-se de faculdades telepático-clarividentes dos médiuns, que iriam colher segredos sepultados nos recessos das subconsciências alheias, selecionando-as no meio de um montão inextrincável de recordações ali existentes em estado latente. Nada mais insustentável do que esta última versão, pois que tudo concorre para sustentar que os médiuns não compreendem nada e nada escolhem, mas simplesmente conversam com a personalidade subconsciente ou espiritual dos vivos distantes, do mesmo modo que conversariam normalmente

com os próprios vivos, salvo a diferença de se mostrarem as personalidades espirituais dos vivos, quando conversam mediunicamente, muito menos reticentes do que as personalidades normais dos mesmos quando conversam de viva voz. E isto pela razão de que, quando os vivos de encontram em condições transitórias de espíritos desencarnados, não atribuem importância a certas conveniências sociais a que os espíritos encarnados dão demasiada importância.

Deve-se ter bem firme na mente o ensino teórico supracitado, pois é fato positivamente verificado que, nas manifestações mediúnicas de vivos, trata-se de uma conversa entre duas personalidades espirituais subconscientes. Segue-se daí que as mesmas manifestações se transformam em provas decisivas de identificação pessoal dos vivos comunicantes, provas que, por sua vez, confirmam também, respectivamente, as manifestações análogas pelas quais se obtêm provas de identificação pessoal dos mortos. Supondo-se, entretanto, como o fantasiam os opositores da hipótese espírita, que, nas comunicações mediúnicas entre vivos, os médiuns extraem das subconsciências destes as notícias que fornecem sobre a sua vida particular, deveriam ser interpretadas, de modo análogo, as provas em favor da identidade dos mortos, considerando-as um noticiário de fatos privados, surrupiados pelos médiuns às subconsciências dos vivos que conheceram o morto que se diz presente, tal coisa tornaria mais difícil a demonstração rigorosamente científica das provas de identificação espírita. Note-se que digo “mais difícil” somente e não teoricamente impossível, como pretendem alguns opositores. E digo assim porque tal demonstração se apóia solidamente em algumas modalidades de manifestação mais do que suficientes para distinguir as comunicações dos vivos daquelas dos mortos, como o demonstraremos nas conclusões.

De qualquer maneira, repito que a hipótese de uma clarividência telepática especial, que possa selecionar à distância em alguma subconsciência alheia as notícias necessárias aos médiuns com a insulsa finalidade de se mistificar a si mesmo e aos outros, é puramente fantástica e cientificamente insustentável, por isso que destituída de qualquer fundamento na prática, sem

contar que, se se quisessem explicar, com essa hipótese, os casos de identificação pessoal dos mortos, dever-se-ia pressupor que os médiuns conseguem selecionar nas subconsciências alheias coisinhas insignificantes, ocorridas, algumas vezes, mais de um século antes, sucedidas, não com a própria pessoa examinada pelo médium e sim com outras pessoas dele conhecidas. E isto mesmo quando o vivo em exame já esqueceu completamente e há muitos anos as ninharias em questão, o que o médium descobriria, selecionaria e surrupiaria igualmente da subconsciência de tal pessoa. Francamente, nada disto é sensato e parece incrível que tenhamos de levá-lo a sério, porque se encontram eminentes cientistas que acolhem, favoravelmente, tais fantasias.

* * *

Passando a outras experiências com a mesma sensitiva, menciono aqui a narrativa de uma visita a Windsor, feita pela Srta. Summers, transmitida mediunicamente a Stead, do qual se achava a 250 milhas de distância. Em 15 de outubro de 1893, pôs-se diante da mesa, dirigindo o pensamento para a sua “correspondente espiritual”. Sua mão começou então a escrever o seguinte:

“Faz um dia esplêndido. Parti da estação de Paddington pelo trem de 1:15. Cheguei a Windsor, visitei o castelo, gozamos da vista desde o terraço e passamos logo a visitar a capela de São Jorge. Tinha desejado fazê-lo detidamente, porém, por falta de tempo, passei para o parque, em busca do seu célebre carvalho, sem chegar a encontrá-lo. Gamos saíam de todos os lados. Errei pelo bosque, encontrando um velho carvalho, mas não era o que procurava. Gastei três xelins de trem, meia coroa em comida, seis pence de telegrama e ônibus, num total de cinco xelins e dez pence.”

William Stead, muito oportunamente, observa:

“Tais informações se verificaram exatas: a hora da saída do trem, a sucessão dos fatos, os gastos, tudo exceto a soma, em que se enganou.

Curioso esse erro de soma, freqüente nas comunicações entre vivos e mortos, erro que provavelmente não depende de interferências subconscientes, senão de um mau cálculo da personalidade normal da Srta. Summers, acolhido pela personalidade subconsciente.”

* * *

Citarei ainda um exemplo tomado das experiências com a Srta. Summers, que servirá para convalidar quanto se disse sobre a sinceridade, sem reservas, com que as personalidades subconscientes confiam a um terceiro os seus casos mais delicados. Em 20 de setembro de 1893, Stead, como de costume, dirigiu seu pensamento à Srta. Summers, pedindo notícias. Imediatamente sua mão escreveu o seguinte:

“Hoje, para mim, é um dia de tristes ilusões. Em paga do meu trabalho recebi uma quantia bem inferior à que esperava, de modo que passo por dificuldades econômicas. Não lhe quis dizer nada, pois sabia que me daria o que me faz falta, mas não o quero. Entre outras coisas, devo três libras ao senhorio, mas logo lhe pagarei.

Eu lhe disse:

– Mandar-lhe-ei o que lhe faz falta.

– Não, não o aceitarei. Devolverei a quantia, pois não quero ser uma colaboradora mercenária.

No dia seguinte, enviei à casa da Srta. Summers uma pessoa de toda a minha confiança, a qual me confirmou tudo o que havia sido escrito mediunicamente. Aconteceu, porém, que quando a Srta. Summer soube que eu me havia inteirado de suas dificuldades econômicas, teve um grande desgosto.”

Pelo caso exposto, vê-se que nas experiências em exame não pode tratar-se de clarividência telepática, mas de verdadeiro diálogo entre duas personalidades subconscientes. Observe-se que, quando Stead disse: “Mandar-lhe-ei o que lhe faz falta”, a Srta Summers respondeu: “Não, não o aceitarei”, resposta que implica uma ação dialogada no presente, e de nenhuma forma uma seleção de recordações latentes na subconsciência alheia. E,

como o diálogo se mostrou verídico, não é o caso de invocar a hipótese das chamadas “novelas subliminais” ou subconscientes.

* * *

O caso que segue se deu entre Stead e seu próprio filho, quando se achava no Reno, em viagem de recreio. Escreve o pai:

“Meu filho levava consigo uma Kodak e, como com frequência acontece, ficou sem chapas, de maneira que nos escreveu pedindo-as. Fi-las enviar e, quando já haviam transcorrido os dias necessários para o seu recebimento, interroguei-o mediunicamente, respondendo ele que as esperava com impaciência, pois não haviam chegado. Pedi informações e disseram-me que as chapas tinham sido enviadas. Porém, dois dias após, meu filho escreveu por minha mão: “Por que não me remete as chapas?” Informei-me mais uma vez e soube mais uma vez que as chapas tinham sido expedidas havia já uma semana. Deduzi que minha mão estava sendo influenciada por interferências subconscientes e não quis provocar novos ditados de meu filho. Quando, porém, voltei para casa, soube com espanto que as chapas não tinham chegado ao seu destino e que as duas perguntas impacientes ditadas, em seu nome, pela minha mão em Wimbledon, correspondiam exatamente ao estado de ânimo de meu filho, quando se encontrava em Boppart.”

No caso exposto, e do ponto de vista da autenticidade das comunicações mediúnicas entre vivos, é interessante a circunstância de que Stead tinha a certeza de que as chapas fotográficas já haviam sido expedidas, certeza esta irreconciliável com a hipótese de uma mistificação subconsciente, pois em tal caso o pai devia ter-se sugestionado no sentido da própria certeza e provocar uma resposta conforme a mesma e, ao contrário, como a realidade era outra, a resposta do filho vinha de acordo com a realidade, a qual confirma que realmente existia o diálogo mediúnico.

* * *

O episódio seguinte se deu com uma pessoa que ignorava o fato de William Stead fazer experiências de comunicação mediúnica entre vivos, não havendo com a mesma laços especiais de família ou de simpatia. Escreve ele:

“Poder-se-ia objetar que meu filho ou a Srta. Summers sabiam que eu tencionava fazê-los escrever com a minha mão, porém não se pode dizer o mesmo no caso seguinte, em que se trata de uma senhora estranha e com a qual eu só havia falado uma vez.

Há alguns meses eu me achava em Redcar, no norte da Inglaterra, e fui à estação esperar a referida senhora, colaboradora da *Review of Reviews*, que me havia escrito informando que chegaria ali pelas três da tarde.

Eu era hóspede de meu irmão, cuja casa se encontrava a uns dez minutos da estação. Quando faltavam cerca de vinte minutos para as três, pensei que, com a expressão “ali pelas três da tarde” aquela senhora queria significar algum tempo antes da hora indicada e, como não tinha no momento um guia de horário das estradas de ferro, dirigi meu pensamento para a senhora, pedindo que me informasse, por intermédio de minha mão, a hora precisa da chegada do trem. É preciso notar que era a primeira vez que eu tentava a experiência com ela, e a resposta veio logo, dizendo que o trem chegaria às três menos dez. Não havia tempo a perder, porém, antes de sair de casa, quis saber em que estação se achava ela naquele momento. Minha mão escreveu:

– Neste momento o trem entra na curva antes da estação de Redcar. Dentro de um minuto chegaremos.

Perguntei ainda:

– Por que tanto atraso?

– Não sei por que. Deteve-se muito na estação de Middlesbrough.

Guardei o papel e fui para a plataforma; o trem aparecia. Quando a senhora desceu, perguntei-lhe:

– Por que tanto atraso?

– Ignoro o motivo. O trem se deteve muito na estação de Middlesborough – respondeu-me.

Então eu lhe dei o papel para ler. Ela confirmou tudo o que eu havia escrito, acrescentando que não tinha nenhuma lembrança de ter sido interrogada telepaticamente por mim, nem de haver respondido.”

No episódio narrado fica bem clara a autenticidade do fenômeno de comunicação entre vivos, como também de se haver desenrolado uma conversa verdadeira e própria, entre duas personalidades espirituais subconscientes. O episódio torna oportuna uma discussão ulterior para esclarecimento do asserto de que, quando uma pessoa entra em relação psíquica e conversa mediúnica com outra pessoa distante, deve necessariamente cair em sonolência notória ou disfarçada. De fato, no caso em apreço, nota-se que a amiga de William Stead teve de responder às suas perguntas em dois tempos diversos e que em ambas as vezes o fez imediatamente. Surgem, portanto, os seguintes quesitos: “É lícito admitir-se essa rapidez na passagem do estado normal à condição de inconsciência e vice-versa?” Parece que sim. Durante a conferência de Stead em *The London Spiritualist Alliance*, foram formulados tais quesitos, e o Rev. G. W. Allen narrou, a propósito, o seguinte incidente pessoal que tende a demonstrar essa possibilidade:

“Tinham de extrair-me dois dentes molares e fui aconselhado a submeter-me à ação do clorofórmio. Eu me achava em estado de convalescença de grave enfermidade e sob a suspeita de que, em tal estado de saúde, o clorofórmio me faria mal, tornava-me um tanto hesitante. Quando começaram a aplicar-me o anestésico, fui tomado de um grande pânico e tirei a máscara, exclamando: “Não agüento, não quero tomá-lo.” O médico que me estava cloroformizando disse-me: “Fez muitíssimo mal em retirar a máscara, porque estava a ponto de adormecer. Experimente de novo e lhe garanto que tudo correrá bem.” Igualmente, a enfermeira, por sua vez, também me animava e por isso me decidi a submeter-me à prova, mesmo com o risco de sucumbir. Ajustaram-me

de novo a máscara e respirei profundamente algumas vezes, depois levantei-me de um salto e sentei-me no leito, exclamando: “É inútil tentar a prova. Não posso adormecer.” O doutor disse-me: “Faça o favor de lavar a boca com esta solução.” Perguntei-lhe: “Por que?” Acrescentou ele: “Porque já lhe extraímos os dentes!” Pois bem, eu teria jurado por qualquer tribunal de justiça que não havia perdido a consciência um só momento. E, ao contrário, tinha ficado inconsciente o tempo preciso para me extraírem dois dentes. Assim sendo, não é perfeitamente admissível que se possa realmente passar a outra condição de existência por um tempo mais ou menos curto, sem disso conservar recordação alguma?” (*Light*, 1893, pág. 42).

Este incidente pessoal, narrado pelo Rev. G. W. Allen, é muito instrutivo e me parece bastante para demonstrar a possibilidade de uma pessoa entrar em condições de sonambulismo mais ou menos vigilante durante o período de uma conversa mediúnica entre vivos, sem absolutamente recordar-se disso.

* * *

No seguinte episódio trata-se de uma pessoa que, depois de ter-se mostrado reticente com o Sr. Stead ao confiar-lhe suas dificuldades econômicas, fala-lhe sem reservas do assunto, por via mediúnica. William Stead assim o relata:

“Em fevereiro passado (1893) encontrei-me, numa viagem por estrada de ferro, com um cavalheiro que eu havia casualmente conhecido há pouco tempo. Sabia, de modo vago, que nos últimos tempos ele se achava mergulhado em graves preocupações, de maneira que a nossa palestra se tornou um tanto confidencial e tive notícia de que aquelas preocupações eram de ordem financeira. Então lhe disse não saber como lhe poderia ser útil, mas, de qualquer modo, rogava-lhe que me confiasse francamente em que condições se encontrava, quais as dívidas que tinha e de que créditos ou importância poderia dispor. Respondeu-me que não gostaria de entrar em tais particularidades e então absteve-me de insistir. Separamo-nos na estação seguinte. Naquele mesmo dia re-

cebi uma carta dele, pedindo-me desculpas por ter-se mostrado tão reservado, talvez até descortês, e explicava que realmente não podia responder o que eu lhe havia perguntado. Recebi a carta às dez horas da noite e, perto das duas da manhã, antes de deitar-me, sentei-me à mesa e, dirigindo-lhe o pensamento, perguntei: “O senhor não teve a força moral de declarar-me, face a face, quais eram as suas condições financeiras, mas agora pode confiar-me tudo, escrevendo pela minha mão. Diga-me, pois, como se acha e quanto deve!” Resposta: “Os meus débitos se elevam a 90 libras”. Tendo eu perguntado se a cifra estava certa, veio a resposta por extenso: “Noventa libras esterlinas”. Perguntei: “É só isto?” “Sim – respondeu – e não sei, na verdade, como poderei pagá-la.” – “Quanto pensa que poderá apurar na pequena propriedade que me falou?” – “Espero apurar 100 libras, mas talvez não seja possível. De qualquer modo, preciso vendê-la por qualquer preço. Oh! se eu conseguisse um jeito de ganhar a vida! Estaria disposto a aceitar qualquer trabalho.” – “De que soma teria necessidade para viver?” – “Creio que não poderia viver com menos de 200 libras por ano, porquanto não sou eu só. Tenho de manter os meus velhos pais. Se fosse eu só, poderia sustentar-me com 50 libras, mas há o aluguel da casa e as roupas. Chegarei um dia a ganhar tal importância?”

No dia seguinte fui procurar meu amigo e ele, logo que me viu, disse: “Espero que não se tenha ofendido por haver-me recusado a confiar-lhe a situação em que me encontro. Na realidade, o meu sentimento era não incomodá-lo com as minhas lamúrias.” Respondi-lhe: “Absolutamente não me ofendi e, por minha vez, espero que não se ofenda quando souber o que fiz.”

Então expliquei-lhe, resumidamente, os métodos de comunicação telepático-mediúnicos e depois acrescentei: “Não sei se no que escreveu por minha mão há alguma palavra verdadeira e hesito em comunicar-lho, acima de tudo porque a soma que me foi ditada como sendo a do total das dívidas é muito pequena para ser exata, ainda mais levando em con-

sideração a depressão moral em que se acha mergulhado. Portanto, antes de tudo, vou ler a cifra em questão. Se estiver certa, terei de considerar tudo como o produto de uma mistificação inconsciente em que nenhuma parte terá tomado a sua personalidade.”

Embora incrédulo, ele manifestou interesse no caso, e assim prossegui: “Antes de ler a comunicação, é preciso que faça mentalmente o cálculo da soma total de suas dívidas, da soma que espera apurar com a sua propriedade, da soma anual que lhe seria necessária para viver, se fosse só.”

Ele se concentrou e disse em seguida: “Já pensei em tudo.” Tirei então do bolso a comunicação e li: “O total de suas dívidas é de 90 libras.” Ele estremeceu e exclamou: “Está certo, embora eu tenha pensado em 100 libras, porque havia incluído as despesas correntes.” Continuei: “Visto achar-se exata a soma de suas dívidas, vou prosseguir na leitura: Espera apurar 100 libras na propriedade.” – “É verdade. É mesmo esta a quantia em que penso, embora houvesse hesitado em declará-la, porque a julgo exagerada.” – “O senhor me afirmou que, com o seu encargo de família atual, não poderia viver com menos de 200 libras por ano.” – “Exatíssimo. É precisamente isto.” – “Mas o senhor acrescentou que, se fosse sozinho, poderia viver com 50 libras anuais.” – “Muito bem. Nesse momento eu estava pensando em 1 libra por semana.”

Minha mão escreveu, portanto, exatamente o pensamento de uma pessoa do meu conhecimento, à distância de várias milhas, poucas horas depois que a mesma pessoa me havia escrito, desculpando-se por não ter tido a coragem de confiar-me as informações que eu lhe havia pedido.”

Myers pediu a Stead que obtivesse o testemunho escrito do seu amigo a fim de colocá-lo nos arquivos da *Society for Psychical Research*, no interesse das pesquisas psíquicas. Stead obteve-o e Myers publicou tudo nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. IX, pág. 57), suprimindo-lhe o nome, mas declarando que o revelaria particularmente a quem lho pedisse.

Eis a carta do amigo de Stead:

“6 de abril de 1893

Prezado Sr. Stead

Recebi o seu relato e nada tenho a opor que seja encaminhado à *Society for Psychical Research*, pois os informes nele contidos são escrupulosamente verdadeiros. Eu ignorava inteiramente a sua experiência e soube dela no dia em que o senhor me confiou. O resultado da própria experiência causou-me grande impressão, uma vez que sabia muito bem que o senhor não podia conhecer coisa alguma sobre os meus negócios nem sobre a importância de minhas dívidas, o valor da minha propriedade e os meus projetos de vida.

a) E. J.”

O caso exposto difere substancialmente dos outros, porém é mais importante do que eles sob o ponto de vista teórico, devido à maior eficiência demonstrativa, levando-se em conta a duração incomum do diálogo mediúnico e das minuciosas informações particulares obtidas de uma pessoa que horas antes havia dito verbalmente a Stead não querer chegar a confidências sobre o delicado problema de suas aflições econômicas. Entre as informações obtidas mediunicamente por Stead e as que foram verbalmente narradas pela própria pessoa, encontram-se leves diferenças na forma em que foram concebidas pelas duas personalidades – subconsciente e consciente – do mesmo indivíduo, porém nenhuma diferença na substância, que corresponde exatamente.

Diante de um diálogo verídico tão prolongado e tão detalhado, quem ousaria ainda sustentar que as comunicações mediúnicas entre vivos se realizam por meio de uma presumida faculdade de “clarividência telepática” ou de “telemnesia” capaz de insinuar-se nos mais recônditos recessos das subconsciências alheias com o fim de surrupiar-lhes os elementos necessários para representar uma falsa personalidade de vivo? Tudo isso não passa de uma fantasia gratuita, mesquinha e insulsa, enquanto que a explicação racional dos fatos brota dos próprios fatos e que

se trata realmente de duas personalidades espirituais que conversam uma com a outra.

Daí se segue que, se as hipóteses da “clarividência telepática” e da “telemnésia” devem ser excluídas como insuficientes para explicar as manifestações dos vivos, então com maior razão devem ser excluídas igualmente na explicação das manifestações de mortos, nas quais os elementos necessários para representar uma falsa personalidade do morto deveriam ser surrupiados nas subconsciências de pessoas desconhecidas do médium, espalhadas por diversos lugares do mundo.

Em outros termos, parece logicamente inevitável que, para a explicação das manifestações dos mortos, deve-se preferir a hipótese que a harmoniza perfeitamente com as modalidades pelas quais se verificam as *manifestações dos vivos*, porque estes últimos fornecem a única base sólida de toda interferência científica em tal ordem de pesquisas.

Como nas manifestações dos vivos, são estes que prestam aos médiuns, ou aos assistentes por via dos médiuns, as informações pessoais próprias para provar a sua identidade pessoal; assim também nas comunicações dos mortos, são estes que comunicam aos médiuns, ou por via dos médiuns, os fatos destinados a provar a sua identidade pessoal.

Em suma, a argumentação essencial no presente debate consiste no seguinte: os traços característicos de *uma conversa entre duas personalidades espirituais* surgem como fundamento em ambas as categorias de manifestações, de sorte que, se esses traços característicos correspondem a um fato cientificamente provado no caso das *manifestações dos vivos*, não é possível deixar de concluir que correspondam igualmente a um fato real e verificado nas *manifestações dos mortos*. isto, bem entendido, sempre com a condição de apurar-se que sejam verídicas as informações recebidas e ignoradas por todos os presentes, em ambos os casos.

Do que vimos expondo, segue-se que a hipótese contrária deve ser excluída porque não corresponde à modalidade pela qual os fatos se produzem.

A favor das considerações expostas, militam outras circunstâncias importantes de ordem geral, de que trataremos, em síntese, na conclusão desta obra.

* * *

De um longo artigo que William Stead publicou na edição de janeiro de 1909, de sua revista *The Review of Reviews*, extraio o seguinte episódio:

“Uma senhora amiga minha (tratava-se da Srta. Summers) que escreve de longe por minha mão com mais facilidade do que com a sua própria, passara o fim de semana em Halsmere, aldeia que fica a trinta milhas de Londres. Tinha ela de vir almoçar em minha casa na quarta-feira se já houvesse regressado à cidade. Segunda-feira à tarde quis informar-me a respeito e, colocando a pena sobre o papel, perguntei-lhe mentalmente se já se achava em casa e minha mão escreveu o seguinte: “Sinto muito ter de informar-lhe que fui vítima de um incidente bem deplorável e de que tenho vergonha de lhe contar. Parti de Halsmere às 2:27 da tarde num carro de segunda classe, no qual vinham outras duas senhoras e um homem. Na estação de Godalming desembarcaram as senhoras e eu continuei a viagem com o tal homem, o qual se levantou e veio sentar-se ao meu lado. Espantei-me e o repeli, porém ele não quis afastar-se e, em dado momento, tentou beijar-me. Fiquei furiosa e atracamo-nos em luta corporal. Na luta, tomei-lhe o guarda-chuva e dei-lhe repetidas pancadas, mas ele o quebrou e comecei a ter medo de ser vencida, quando o trem parou a alguma distância da estação de Cuildford. O homem ficou atemorizado e deixou-me livre, fugindo do carro antes que o trem chegasse à estação. Fiquei muito cansada mas não larguei o guarda-chuva.”

Mandei imediatamente meu secretário à casa dessa minha amiga, com um bilhete em que expressava o meu pesar pela agressão que ela sofrera, acrescentando por mim: “Acalme-se e na quarta-feira me traga o guarda-chuva pertencente ao homem.” Respondeu-me ela: “Sinto muito saber que o senhor está informado do que me aconteceu, porque estava de-

cidida a não contá-lo a pessoa alguma, porém o guarda-chuva era meu e não dele.”

Quando na quarta-feira ela veio ao almoço, confirmou a absoluta exatidão de todos os detalhes escritos pela minha mão sobre a aventura a ela sucedida e me mostrou o guarda-chuva, que era dela e não do agressor. Como se pôde dar aquele erro de transmissão? Eu o ignoro, mas talvez o erro tivesse sido retificado se eu houvesse pensado em pedir a revisão de todos os pormenores por mim escritos.

É quase supérfluo advertir que eu não tinha a menor idéia da hora e do dia em que a minha amiga partira e nem sombra de suspeita sobre o deplorável incidente de que ela fora vítima.”

O fato exposto não cede, em valor teórico, ao precedente, porque na aventura sucedida à “correspondente espiritual” de William Stead, fica mais claro do que nunca que em semelhante circunstância não podia tratar-se de informações colhidas por Stead na subconsciência da Srta. Summers e depois reorganizadas de modo a representarem uma falsa personificação da mesma, dando-lhe as informações mediunicamente, mas que, ao contrário, tratava-se de uma conversa verdadeira e própria entre duas personalidades espirituais subscientes.

O erro de transmissão, interpolado curiosamente no meio de tantas particularidades verídicas, não diminui, de modo algum, a importância teórica do fato. Tal erro, provavelmente, é consequência de um instante fugaz de interferência subsciente. Não nos devemos esquecer de que o estado de recepção mediúnica é uma condição passiva e instável do espírito humano, a qual tem afinidade, por natureza, com outra condição passiva e instável do próprio espírito, que é o estado onírico, isto é, o reino dos sonhos. Daí a extrema facilidade com que nas comunicações mediúnicas, sejam de vivos ou de mortos, tais elementos de sonho se interpolam nas comunicações verídicas e constituam sempre o grande obstáculo a que numerosos pesquisadores decidam aderir à hipótese espírita. Para muitos desses investigadores, uma autêntica personalidade de morto nunca deveria

enganar-se ao transmitir o nome de um seu parente próximo ou no fato de referir-se a alguma particularidade saliente de sua própria existência terrena. Tal afirmação, aparentemente racional e incontestável, na realidade é completamente errada porque não se levam em conta as imperfeições inerentes ao instrumento onírico subconsciente de que se servem os mortos para se comunicarem com os vivos, instrumento que requer uma passividade absoluta da mente do médium, passividade em perpétua condição de equilíbrio instável, com freqüentes infrações e irrupções ora oníricas, ora sonambúlicas, ora auto-sugestivas, às quais devem ser imputados os erros, as contradições e as imperfeições que são encontradas em muitas comunicações de mortos. De tal ponto de vista, os erros, em tudo idênticos aos que se encontram nas comunicações de vivos, são preciosíssimos pela sua eloquência demonstrativa em favor da tese sustentada.

De sorte que, com base no caso exposto, devemos inferir que o fato de o erro haver-se interpolado no meio de tantas informações verídicas não impede que fique demonstrado que o complexo orgânico das mesmas informações seja de origem extrínseca, ou mais precisamente, a manifestação mediúnica de um vivo. Assim, os mesmos erros, quando se verificam nos casos de identificação espírita, não podem impedir que o complexo orgânico das informações verídicas fornecidas demonstrem a origem extrínseca das mesmas informações, ou mais precisamente, a sua natureza de manifestações mediúnicas de mortos.

O tema é teoricamente muito importante e merece que se re-
latem outros erros de transmissão ocorridos nas experiências em
exame. Stead as relata em sua revista e Myers as recolhe em seu
trabalho publicado nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. IX, págs.
56-57). Conta Stead:

“Contudo, por duas ou três vezes interpolaram-se nas comunicações erros curiosos. Teoricamente, esses erros são tão importantes como as mensagens corretas. O primeiro erro ocorrido com a Srta. Summers foi a sua afirmativa de ter ido fazer um passeio no Regent Park, quando, na realidade, ela não havia saído de casa. Eu não saberia dizer de que modo se teria dado essa transmissão falsa. Penso, porém, que hou-

ve de minha parte a suposição de que a Srta. Summers iria ao parque, todavia, mesmo que assim fosse, fica sempre certo de que houve uma transmissão falsa.

Em outra ocasião, deu-se um erro muito mais relevante. Eu me encontrava em Redcar e a minha mão transcreveu o diálogo que a Srta. Summers teria tido com certa pessoa que ela citou. Tratar-se-ia de uma entrevista degenerada em disputa e foi-me transmitida uma parte do vivíssimo diálogo verificado. Quando me encontrei com a Srta. Summers, confrontamos as notas que havíamos tomado e observei, com grande surpresa, que embora ela houvesse visitado naquele dia a pessoa indicada, a entrevista que se transformou em discussão absolutamente não foi com ela, nem com a pessoa que visitara, mas com uma amiga da Srta. Summers e outro interlocutor. Essa amiga da Srta. Summers fora à casa desta e lhe contara, com viva emoção, o doloroso incidente de que fora vítima e a minha mão transcrevera essa narrativa, exagerando-lhe a importância, e isso a uma distância de 350 milhas. Eu não conhecia pessoalmente a amiga da Srta. Summers, de modo que esta última ficou profundamente surpresa ao ver que a questão com a sua amiga fora transmitida com o seu próprio nome e havia sido interpolada em sua conversa verdadeira com outra pessoa de negócios.”

Assim relatou Stead.

O primeiro caso de transmissão errada, por ele narrado, não precisa ser discutido, pois muito provavelmente a causa que lhe atribui Stead é a verdadeira. Quanto ao segundo é, indubitavelmente, bem extraordinário, fora do comum e enigmático. De qualquer modo, faz ele lembrar outro erro que já discutimos nos comentários ao Caso 10, em que o príncipe de Wittgenstein, desejando entrar em relação psíquica com a sua “correspondente espiritual”, orientou o seu próprio pensamento para a residência dela. Como, porém, a referida senhora se achava longe da casa, enquanto na mesma dormia a irmã, isto fez com que o príncipe, por efeito de “afinidade psíquica” entre as duas irmãs, entrasse em relação com a que se achava no mesmo ambiente. Seguiu-se daí que esta narrou ao príncipe um incidente de baile com ela

própria acontecido; como, porém, ele acreditava achar-se em relação com a pessoa conhecida, verificou-se uma interferência por auto-sugestão que levou a mão do sensitivo a firmar erradamente a mensagem com o nome da irmã que ele julgava estar presente.

Pois bem, tudo concorre para fazer-nos supor que igual interferência se tenha dado no caso de Stead e, do mesmo modo, se poderia inferir que o pensamento deste, achando-se dirigido para a residência de sua “correspondente espiritual” no instante em que esta conversava com a amiga e lhe contava com viva emoção os pormenores de sua questão, tivesse como conseqüência haver o estado emocional da amiga influído nas condições de relação psíquica que naquele momento existiam entre a Srta. Summers e Stead, determinando uma perturbação correspondente na transmissão da mensagem em curso. Esta mensagem, depois de ter sido começada normalmente com uma informação da Srta. Summers sobre o resultado de uma entrevista comercial que tivera com um senhor que ela então nomeava, inesperadamente se modificara, enquanto que as “ondas hertzianas da telegrafia sem fio”, pelas quais as suas personalidades espirituais estavam conversando, foram dominadas por outras “ondas hertzianas” mais poderosas que haviam chegado a *sintonizar-se* com as primeiras, por efeito da coexistência, no mesmo ambiente, das amigas em conversa, de sorte que esse segundo sistema de “ondas hertzianas”, com as notícias da disputa, se sobrepôs ao *primeiro sistema* com o qual se amoldou e confundiu.

Relato, finalmente, um episódio muito complexo, narrado pela Srta. Goodrich-Freer, que foi editora, com Stead, da revista *The Borderland*. Como se sabe, ela era sensitiva, dotada, de modo excepcional, da faculdade de “visão no cristal” e as suas narrações sobre o assunto, publicadas nos *Proceedings of the S. P. R.*, podem ser consideradas como clássicas na literatura do gênero, tanto pelo valor intrínseco dos episódios narrados quanto pelo vigor científico com que são expostos e detalhados.

Em sua conferência na *The London Spiritualist Alliance*, publicada na *Light* (1895, 13 e 30 de abril), conta ela:

“O Sr. Stead mostrava-me, algumas vezes, longas mensagens que pareciam provindas de mim e que se referiam a incidentes particulares, verídicos, de que porém eu não tinha consciência de lhe haver transmitido mediunicamente coisa alguma, mensagens que talvez emanassem do *eu* subconsciente, de cujas ações não sou propriamente responsável...

Pensei, portanto, que se o meu *eu* subconsciente possuía a faculdade de transmitir aos outros mensagens particulares, deveria poder referir o conteúdo de tais mensagens à minha consciência por meio da “visão no cristal”. Combinei, pois, com o Sr. Stead, que ele me avisasse quando houvesse recebido qualquer comunicação minha, a fim de que eu olhasse no cristal e pudesse verificar se o meu *eu* subconsciente teria alguma coisa a dizer também a mim.

Algum tempo depois, o Sr. Stead me disse que havia recebido o relatório de uma viagem que o meu *eu* subconsciente dizia ter feito para visitar certa pessoa. Apressei-me, portanto, a controlar a verdade do fato por meio da “visão no cristal”, onde vi a imagem da Sra. Piper sentada numa poltrona, vestida com um penteador leve e aparentando um aspecto de cansada e doente. Deve-se notar, a propósito, que durante a sua permanência na Inglaterra, A Sra. Piper usava habitualmente vestidos pretos e mostrava-se de excelente saúde.

Voltei-me para o Sr. Stead, dizendo:

“Supondo que a minha visita seria à Sra. Piper.” – “Justamente isto”, respondeu ele. Fixei de novo a bola de cristal e vi imensa extensão de água, na qual flutuavam enormes massas de gelo, visão que também coincidia com a mensagem mediúnica recebida pelo Sr. Stead, que, afinal, ele me entregou para que a lesse. Contava-se nela que o meu “corpo psíquico” atravessara o oceano, encontrando enormes massas de gelo, que havia ido a Boston visitar a Sra. Piper; que a tinha visto com prazer; que a encontrara sozinha ou, mais precisamente, em companhia de um grande gato preto. Observo que a visão no cristal não me havia mostrado traço algum do gato.

Achando o caso muito interessante, escrevi ao Dr. Hodgson, nos Estados Unidos, perguntando-lhe se a Sra. Piper teria consciência de me haver visto recentemente. O Dr. Hodgson me respondeu que a Sra. Piper me havia visto recentemente em uma visão e justamente no momento em que eu ia tomar um carro, tendo nas mãos uma bolsa verde, bordada de flores. Depois, num quadro sucessivo, me havia visto descer em frente de um grande edifício. Além disso, o Dr. Hodgson confirmava que naquele dia a Sra. Piper estava vestida com um leve penteador e que tinha o aspecto de doente e cansada. Acrescentava, finalmente, que nos últimos dias ela pensara muito na mísera sorte de um grande gato preto que morrera em condições bem penosas. Ora, é verdade que eu freqüentemente saía de carro e também é verdade que a maior parte das vezes saltava defronte de um grande edifício. Estas coincidências são muito probantes, mas a melhor prova é fornecida pela bolsa verde bordada de flores que eu levava. No começo do inverno, acontecia muitas vezes que eu tinha de sair com muitos cartões, por isso recorria ao uso de uma bolsa, que era justamente verde e bordada de flores. Parece-me que este acervo de circunstâncias, considerado no total, se torna interessante e digno de reflexão.

Temos aqui um conjunto de fatos que não pretendo explicar. O que acabo de narrar passou pela mente de três pessoas e abriu caminho em três cérebros. É um enredo emaranhado e difícil. Também é verdade que naquela época o porto de Boston estava bloqueado pelos gelos e a temperatura era extremamente fria. Tudo isso exemplifica o modo pelo qual os fatos podem ser transmitidos.”

Esta é a narração da Srta. Goodrich, na qual a alternância dos incidentes parece realmente complexa e intrincada. Convirá, portanto, esclarecê-los, alinhando-os em ordem sucessiva.

Em primeiro lugar, nota-se que a Srta. Goodrich, dotada de faculdades mediúnicas pouco comuns, teve certa noite de submeter-se a um fenômeno de “clarividência no espaço”, ou de “bilocação”, em que a sua personalidade espiritual subconsciente entrou em relação, da Inglaterra à América do Norte, com a

personalidade subconsciente da médium Sra. Piper, que lhe era desconhecida.

Nota-se, em segundo lugar, que numa experiência mediúnica entre vivos, tentada por William Stead com a Srta. Goodrich, esta transmitiu sumariamente ao primeiro a narrativa do episódio exposto, cujos pormenores correspondiam à verdade, salvo um único em que afirmava a presença de um grande gato em companhia da Sra. Piper, quando na realidade não se tratava de um gato vivo, e sim, de uma “projeção do pensamento” da Sra. Piper, que naquele momento pensava na infeliz sorte de um grande gato preto, morto pouco antes.

Em terceiro lugar, que a médium, Sra. Piper, interrogada pelo Dr. Hodgson, contou que tivera a visão da Srta. Goodrich, dando provas de minúcias que demonstravam a veracidade da visão da mesma, conquanto demonstrasse também que as circunstâncias de lugar e tempo não coincidiam com a visão da outra sensitiva.

E, finalmente, que a Srta. Goodrich-Freer, desejando saber se a sua própria personalidade subconsciente seria capaz de informá-la acerca do conteúdo das mensagens por ela transmitidas a William Stead, pensou em empregar, para esse fim, as suas faculdades de “visão no cristal”, tentando a experiência antes de conhecer o conteúdo da comunicação recebida em seu nome pelo Sr. Stead. Dita experiência foi coroada de pleno êxito, porque apareceram no cristal as imagens verídicas do oceano obstruído por massas de gelo e da Sra. Piper vestida com um penteador, sentada em uma poltrona, com aspecto de cansada e doente, mas não apareceu a imagem do gato preto.

Como se vê, o caso é teoricamente de grande interesse, pois que se trata de um fenômeno tríplice de comunicações mediúnicas entre vivos: a primeira comunicação em forma de “visão clarividente” ou de “bilocação” entre a Srta. Goodrich-Freer e a Sra. Piper; a segunda, ainda em forma de “visão clarividente” entre a Sra. Piper e a Srta. Goodrich-Freer e a terceira vez, por meio da psicografia, entre a Sra. Goodrich-Freer e William Stead.

Pela experiência da “visão no cristal”, a Srta. Goodrich-Freer propunha-se a entrar em relação com a sua própria subconsciência e, assim, certificar-se se os conhecimentos obtidos mediunicamente por William Stead a seu respeito eram efetivamente devidos à ação voluntária de sua personalidade subconsciente ou se, ao contrário, eram consequência de um momento de “clarividência telepática” por parte de Stead. No primeiro caso, a subconsciência dela deveria mostrar-se informada a respeito da mensagem transmitida e, no segundo, deveria ignorá-la. Como se viu, a experiência demonstrou que a subconsciência da sensitiva estava perfeitamente informada sobre o conteúdo da mensagem recebida por Stead, o que lhe dá muita força em favor da tese aqui sustentada. É, portanto, lamentável que Stead houvesse assistido à experiência, porque a sua presença enfraqueceu o valor da prova, tornando legítima a objeção de uma possível transmissão do seu pensamento à sensitiva.

Contudo, noto que se se tratasse de transmissão de pensamento, a visão que apareceu no cristal representando a Sra. Piper sentada em uma poltrona, vestida com um penteador e com ar de cansada e doente, deveria completar-se com o aparecimento do gato citado na mensagem de Stead, mas o gato não apareceu no quadro visto nele. Teoricamente, isto é importante, porque, na hipótese da origem genuinamente subconsciente das imagens vistas no cristal, o gato não deveria ter aparecido porque, na realidade, tratava-se de um erro de transmissão, em que a imagem-pensamento que naquele instante afligia a alma da Sra. Piper fora traduzida erroneamente pela imagem concreta de um gato vivo. E, ao contrário, a mesma imagem deveria ter aparecido no cristal se se tratasse de um fenômeno de transmissão do pensamento de Stead, visto que na mensagem por ele recebida o gato era citado como realmente existindo. Baseando-se neste pormenor, deve-se concluir que o episódio em exame não é explicável pela hipótese da transmissão do pensamento.

Faço ponto na ampla enumeração de experiências de William Stead, em que perseverou muitos anos, não com o propósito de indagar a fundo as manifestações dos vivos, e sim com o fim de empregá-las utilmente, como se houvesse se servido do telefone.

Do ponto de vista metapsíquico, tal sistema de comunicações supranormais lhe eram familiares até o ponto em que os fenômenos não o interessavam em si, mas quando havia erros de transmissão para estudar as suas causas. E, a propósito, escrevia:

“Estou tão habituado a usar minhas faculdades para as necessidades ordinárias da vida, em seu aspecto civil, que uma comunicação verídica é para mim natural. O que me interessa são os erros de transmissão, porque põem à prova o meu discernimento.”

É supérfluo acrescentar que com os outros pesquisadores acontece o mesmo, pois os fenômenos de tal natureza dizem quanto falta saber sobre os poderes ocultos do espírito humano. Ademais, prestam-se os ditos erros a corrigir a tendência de muitos pesquisadores espiritualistas, propensos a considerar as comunicações mediúnicas como funções dos “espíritos desencarnados”, como se o homem não fosse “espírito” até depois de sua morte. Finalmente, confirmo o meu ponto de vista de que, para resolver o grande problema da sobrevivência do *espírito humano desencarnado*, o melhor método é o de estudar os *poderes do espírito humano encarnado*.

Na base de tal critério, temos podido afirmar que o estudo dos episódios pertencentes ao presente *subgrupo*, nos quais as comunicações mediúnicas entre vivos são obtidas por expressa vontade do médium, episódios que aparentemente subministravam bom argumento aos contraditores da hipótese espírita, se volta contra o dito argumento, demonstrando que em tais circunstâncias, longe de tratar-se de um fenômeno de “clarividência telepática” ou de “telestesia”, trata-se de verdadeiras conversas entre duas personalidades espirituais subconscientes.

Tal demonstração altera completamente os termos do problema, transformando as comunicações mediúnicas entre vivos em excelentes provas a favor da genuinidade das comunicações mediúnicas dos mortos, pois que, com uma investigação profunda das manifestações dos vivos, demonstram que não existem faculdades subconscientes capazes de selecionar à distância detalhes na subconsciência de outrem, e menos ainda de fazê-lo

sem limites de tempo, espaço e condição, porém que, ficando demonstrado, nas comunicações dos vivos, que são eles mesmos que comunicam os seus dados pessoais para identificar-se, então se deve reconhecer que, em iguais casos com os mortos, são eles próprios que proporcionam os detalhes de sua identificação e não o médium, no exercício de suas faculdades supranormais, quem os capta e os seleciona onde quer que seja.

De outro ponto de vista, poder-me-iam objetar que o fato em si, de que as comunicações mediúnicas entre vivos se realizam em forma de conversa entre duas personalidades subconscientes, não exclui que os médiuns possam igualmente obter de terceira pessoa afastada, da mesma forma, os detalhes que subministram em nome do pretense espírito do morto, objeção que parece legítima, porém que praticamente não se conta, pois não existem experiências que a confirmem.

Na realidade, a escrita automática proporciona unicamente exemplos de personalidades de vivos que se expressam na primeira pessoa, com detalhes pessoais. É certo que isto não inclui a possibilidade teórica de interrogar as mesmas até sobre dados de terceiras pessoas, vivas ou mortas, porém é igualmente em tais condições que o automatismo psicográfico, enquanto é automatismo, *deveria transmitir inevitavelmente as respostas obtidas da personalidade informadora do vivo distante*, como ocorre em todos os exemplos citados e, em conseqüência, apontar a origem “telemnésica” dos citados episódios de identificação espírita.

Uma vez demonstrado que as comunicações mediúnicas entre vivos consiste em conversas entre duas personalidades espirituais subconscientes, fica inutilizada a melhor arma dos adversários.

Isto assentado, força é concluir que, nas comunicações mediúnicas de que se trata existem três categorias bem distintas:

A primeira consiste nos chamados fenômenos de mistificação subconsciente, nos quais a faculdade supranormal do sensitivo não chega a superar o obstáculo interposto em cada mensagem mediúnica pelo “extrato onírico” da subconsciência, determinan-

do-se assim, uma ação de sonho, que se desenvolve segundo a direção do pensamento do consulente ou do estado de ânimo do médium, em cujo caso a falsa personificação sonambúlico-hipnótica é facilmente reconhecível, tanto que o médium não se acha em situação de representá-la mais que com os elementos informativos por ele conhecidos e alguma vez com os dos consulentes (leitura do pensamento).

A segunda categoria consiste nas comunicações mediúnicas entre vivos, cuja natureza é facilmente reconhecível, enquanto a personalidade do vivo comunicante revela espontaneamente a sua personalidade e fornece dados de identificação, exclusivamente seus.

Finalmente, a terceira categoria consiste nas comunicações mediúnicas com os mortos, em favor das quais deve ser observado que, de um ponto de vista rigorosamente científico, só as coisas em que a personalidade comunicante proporciona dados ignorados de todos os presentes podem assumir o valor de identificação espírita, ao passo que a prova *crucial* se obtém quando os dados fornecidos só sejam conhecidos de pessoas distantes *desconhecidas* do médium e dos presentes, prova que se deve considerar crucial, tendo em vista que a lei imprescindível da “relação psíquica” não permite admitir que possam se dar comunicações mediúnicas com pessoas afastadas desconhecidas do médium e dos presentes, salvo por meio de um objeto largamente usado pela pessoa distante, com a qual se desejaria entrar em comunicação (psicometria).

Não ignoro que existem críticos dispostos a passar por cima da lei da “relação psíquica” para assim fantasiarem livremente, até conceder onisciência divina à subconsciência humana, porém, como, segundo o critério da análise comparada dos fatos, tais elucubrações arbitrárias se situam fora da órbita científica, devem ser excluídas inexoravelmente, em honra à Verdade, na expectativa de que esses opositores cheguem a produzir algum rudimento de prova em apoio das suas fantasias.

Subgrupo D

Mensagens transmitidas por vontade expressa de pessoa distante

No presente *subgrupo* são estudados episódios que, pela sua gênese, se mostram diametralmente opostos aos do *subgrupo* precedente, ou seja, em lugar de ser o médium que se propôs entrar em relação com a subconsciência de pessoas distantes, aqui são estas que querem entrar em relação com a subconsciência do médium.

Estes casos formam o complemento necessário dos enumerados na primeira categoria deste trabalho, na qual se consideram as mensagens experimentais em que o agente e o percipiente “se acham na mesma casa”. Aqui, ao contrário, se consideram as mensagens experimentais de natureza análoga, porém transmitidas a distância. Saliento que as transmissões telepáticas mediúnicas a distância entre pessoas vivas nas quais o agente se acha em estado de vigília, se mostram bem raras, ao passo que são relativamente freqüentes na condição de sono manifesto ou disfarçado do agente.

De todos os modos, faço notar que as comunicações transmitidas ao médium pela *vontade consciente* de uma pessoa *próxima* ou *afastada* diferem grandemente daquelas transmitidas ao médium pela *vontade subconsciente* de uma pessoa *em estado de sono manifesto ou disfarçado*, pois, no primeiro caso, trata-se limitadamente de uma transmissão telepático-mediúnica e, portanto, de uma mensagem simples e pura, que não assume o caráter de *diálogo*, ao passo que, no segundo caso, as manifestações assumem com freqüência esse caráter e, quando o fazem significa que não se trata de uma transmissão telepático-mediúnica e *sim de uma conversa verdadeira* entre duas personalidades espirituais subconscientes, a não ser que se trate de uma mensagem de vivo transmitida com o auxílio de uma entidade espiritual, casos que examinaremos no *subgrupo* F.

O significado teórico dos casos em exame se mostra nitidamente favorável à hipótese espírita, pois deles se pode inferir que, se a vontade consciente de um “espírito de vivo” opera à

distância sobre a mão de um médium psicógrafo até poder ditar-lhe o próprio pensamento, nada se opõe a que a vontade consciente de um “espírito de morto” chegue, por sua vez, a operar de forma semelhante. E, como das comunicações entre vivos é dado comprovar a realidade integral do fenômeno, interrogando as pessoas colocadas “nos dois extremos de um fio transmissor” se depreende que, quando “no outro extremo do fio” se acha uma entidade afirmando ser um “espírito de morto” e o prova dando detalhes pessoais ignorados do médium e dos presentes, pode-se legitimamente inferir que “no outro extremo do fio” deva encontrar-se a entidade de morto que se afirma presente.

Isto dito, passo à exposição dos casos que, como afirmei, se verificam raramente na modalidade aqui examinada, tanto que só disponho de três deles e assim mesmo dois deficientes. No livro de Aksakof, *Animismo e Espiritismo*, são citados outros três casos em tudo análogos aos aqui relatados, salvo a particularidade de que as mensagens mediúnicas entre vivos foram obtidas com o auxílio de uma entidade espiritual intermediária.

Ora, tal particularidade pode ou não ser certa, mas constitui uma variante que se tem de levar em consideração, coisa que faremos no estudo do *subgrupo F*.

Caso 20 – Assim foi publicado em *Light* (1893, pág. 464). O diretor da revista *Constancia*, de Buenos Aires, escreve:

“O Sr. Horácio Catucci era membro de um círculo experimental existente na cidade de Paplanta, Estado de Vera-Cruz. Teve de transferir sua moradia para Jalapa-Enriquez, mas não deixou de dedicar-se a pesquisas psíquicas. Certa noite, quando conversava com um seu companheiro de pesquisas, o Sr. C. G. lembrou-se de que, naquele dia e hora, os seus amigos de Vera-Cruz se achariam reunidos em sessão e teve a idéia de tentar uma experiência. Pediu ao amigo que o deixasse a sós, escreveu uma linha e procurou transmiti-la telepaticamente aos seus amigos de Vera-Cruz, concentrando, para tal fim, toda a sua vontade.

O Sr. E. M., presidente do grupo de Vera-Cruz, costumava enviar semanalmente ao autor da redação umas notas do o-

corrido em suas sessões e, quando enviou aquela que coincidia com a experiência do Sr. Catucci, leu este o seguinte trecho: “Tudo ia bem, porém pouco faltou para intrometer-se um espírito mistificador, que procurou enganar-nos, transmitindo-nos uma mensagem firmada nada menos que por você que está tão vivo quanto eu. Envio-lhe uma cópia do que nos disse (Anexo nº 3), para que se divirta, lendo-a”.

A referida cópia continha a reprodução exata da comunicação transmitida pelo Sr. Catucci.”

No caso exposto, mostra-se interessante a circunstância de haver o agente se concentrado e identificado com a experiência, a ponto de ter a visão subjetiva dos amigos distantes, reunidos em sessão, bem como a sensação de agir em pessoa sobre a mesa, transmitindo telepaticamente a sua mensagem.

Em tais condições de concentração psíquica e na falta de informes suplementares, impossível é decidir se se tratava de pura visão alucinatória ou de uma legítima visão clarividente ou ainda de um autêntico fenômeno de “bilocação”, pois que as condições de intensa concentração da vontade são igualmente propícias à manifestação das três categorias dos fenômenos indicados.

Caso 21 – Tomo-o do livro de Sarah Underwood, *Automatic or Spiritual Writing* (págs. 281-282), livro dos melhores até agora publicado sobre as revelações mediúnicas.

Escreve uma amiga a Sarah Underwood:

“Li com prazer o artigo na *Arena*, do Prof. Underwood, no qual descreve a sua escrita automática. Tal fenômeno já se deu comigo, mas sem nenhum sofrimento físico. Também a minha irmã teve, certo tempo, a dita faculdade, que diminuiu lentamente, até desaparecer. No breve período de sua mediunidade escrevente, achava-se ela como mestra-escola, longe de casa, o que me desgostava.

Ao voltar para umas breves férias, eu lhe disse: “Quando você voltar, vamos ver se podemos comunicar-nos por meio da escrita automática”. E combinamos tentar a coisa, em cer-

to dia e hora de cada semana. Cada uma devia escrever a sua mensagem e esperar a respectiva resposta.

Três de suas mensagens foram fielmente recebidas por mim, mas notavam-se palavras que não correspondiam, pelo seu significado, pois não eram as que haviam sido transmitidas. Também se notavam variantes sutilíssimas no desenvolvimento de pensamento idêntico. Minha mente e minha vontade não entravam, de forma alguma, no processo da escrita, a qual correria desembaraçada e era absolutamente automática. Minha irmã, ao contrário, só recebeu uma das sete mensagens enviadas, provavelmente porque o ambiente em que se encontrava não era favorável a tais experiências...”

O caso citado seria interessante se houvesse sido narrado com todos os pormenores. Assim como está, não oferece bases seguras para argumentações teóricas e, portanto, só serve como exemplo de correspondência mediúnica entre vivos, com desenvolvimento recíproco.

Caso 22 – A Sra. Fred. Maturin, autora do interessante livro de revelações mediúnicas *Rachel Comforted*, no qual estão reunidas mensagens recebidas de seu falecido filho, com o auxílio de sua própria mediunidade, narra o seguinte episódio:

“Durante os anos em que me comunicava mediunicamente com o meu filho “Sunny”, conforme mensagens por mim reunidas no livro *Rachel Comforted*, aconteceu certo dia que, quando estava sentada diante da mesa com minha amiga, posta a mão sobre a prancheta e conversando com ele, aconteceu o seguinte fato, o qual, junto ao outro do menino “Ciril”, que se havia apoderado da prancheta e não queria deixá-la, foram os únicos casos de interferência espírita ocorridos durante as nossas experiências.

Certo dia, durante a guerra anglo-bôer, eu e minha amiga tínhamos as mãos sobre a prancheta e conversávamos com “Sunny”, quando inesperadamente notamos que outra personalidade se havia apossado do aparelho, com brusca mudança de caligrafia e movimentos. O incidente se deu na metade de uma frase que “Sunny” ditava, interrompida que foi por

um salto violento da prancheta, ao que se seguiu uma breve pausa, para continuar com esta palavra ditada três vezes, em amplos caracteres: “Madrinha! Madrinha! Madrinha!”

Fiquei muito impressionada, pois tais palavras me indicavam quem era a entidade comunicante. Era com este nome que certa parente minha costumava chamar-me. Não a via há meses e sabia que se achava no continente, como sabia que seu filho estava combatendo na África do Sul. Naquela ocasião era ainda novata nas investigações espíritas, motivo pelo qual supus que havia ela falecido. Procurei dirigir-lhe algumas perguntas, mas não obtive mais que a tríplice repetição da palavra “Madrinha” e o meu “Sunny” pôde retomar a conversa interrompida.

Escrevi, na mesma noite, à minha parente, relatando o fato ocorrido, com o dia e a hora, porém, como temia que houvesse morrido, dirigi a carta ao seu marido. Recebi resposta da pretensa desencarnada, que me comunicava estar viva e que, no dia e hora indicados, se achava presa de grande ansiedade pela falta de notícias de seu filho. Pensara então em mim, com a idéia de que eu fosse ao Ministério da Guerra, a fim de saber notícias. (Acrescento, entre parênteses, que o filho voltou vivo da guerra).

Parece-me, pois, que o caso exposto se mostra um exemplo interessante de um espírito encarnado, que transmite uma mensagem mediúnica a distância.”

O detalhe mais interessante deste episódio se contém nesta observação da narradora: “Pouco a pouco meu “Sunny” vencia a influência adversa e perguntava: “Mas, mamãe, o que se passa?” Ao que parece não via ele o espírito intruso.

Tal observação é teoricamente importantíssima pelas seguintes razões: O Prof. Hyslop, baseando-se em suas próprias experiências, sustentava a tese de que certos erros aparentes, certas confusões, certas incoerências, quando ocorriam nas comunicações mediúnicas e, sobretudo, certas intrusões de acidentes completamente estranhos à personalidade do morto comunicante, eram presumivelmente devidas a imprevistas ingerências de

outras entidades desencarnadas, que se davam sem que de tal se inteirasse o morto comunicante. E a eficácia demonstrativa da suposição se fundava exclusivamente nesta circunstância: a de que o espírito comunicante não se apercebia de que, naquele momento, outro espírito se interpunha, determinando a grande incoerência de frases e de fatos na comunicação em curso. O Prof. Hyslop o afirmava na base de experiências suas, mas quem poderia aceitar tal explicação, que, além de parecer gratuita, não era cientificamente confirmável? Compreende-se bem que a afirmativa de Hyslop não fosse levada em consideração.

Ora, o incidente acima referido contém um exemplo de comunicações mediúnicas entre vivos capaz de confirmar experimentalmente a hipótese do Prof. Hyslop, levando-se em conta que desta vez não se trata de uma interferência não verificável do *além-túmulo*, mas verificável *aquém-túmulo*. E, de fato, viu-se que foi logo esclarecida e apontada a origem da referida interferência. Segue-se daí que desta vez foi possível adquirir-se a certeza experimental de que, em uma comunicação mediúnica legitimamente espírita, ocorreu um incidente também legítimo de interferência perturbadora da comunicação em curso, interferência esta que, absolutamente, não consistia num “romance subliminal”, mas que tinha indubitavelmente sua origem na vontade expressa de um espírito de vivo.

Ao mesmo tempo se observa que o espírito do morto comunicante não tinha consciência do que estava acontecendo; percebeu apenas que se levantava para ele uma dificuldade repentina e inexplicável de se comunicar mediunicamente com o mundo dos vivos, precisamente como afirmava o Prof. Hyslop.

Segue-se que tal confirmação experimental inesperada de uma hipótese tida por gratuita e inverossímil se transforma em um triunfo da perspicácia indutiva de quem a propugnava, e uma preciosa conquista para o progresso ulterior das pesquisas metapsíquicas, pois, ao reconhecer tal possibilidade, resolve-se um dos mais perturbadores problemas em relação à origem espírita das comunicações mediúnicas. Compreende-se que um só exemplo não basta para provar a hipótese, mas não impede isto que

seja notado um primeiro caso, pois orienta os trabalhos de outros pesquisadores.

Quanto às causas presumíveis que fazem um espírito comunicante ignorar a presença de outro que procura servir-se simultaneamente do mesmo médium, já não é de urgência teórica a sua elucidação. É lícito, porém, presumir que isto aconteça porque as comunicações mediúnicas não implicam quase a “incorporação” temporal do “espírito” no médium, podendo se dar o caso de uma transmissão telepática do pensamento do primeiro, ao órgão cerebral do segundo.

Isto posto, compreende-se que se um espírito estranho, percebendo a presença de um médium, possa servir-se dele para transmitir aos vivos uma mensagem sua (provavelmente ignorando, por sua vez, que outro se serve do mesmo naquele momento), pode fazê-lo sem que o outro comunicante note a sua presença, sentindo apenas uma repentina e inexplicável dificuldade em transmitir o seu próprio pensamento, dificuldade esta proveniente da interferência de suas vibrações psíquicas pessoais com outras vibrações estranhas.

Subgrupo E

Casos de transição no momento da morte ou na agonia

Antes de tratar do grupo em que se consideram as comunicações entre vivos, que aparecem efetivamente transmitidas com o auxílio de uma entidade espiritual intermediária, será bom relatar alguns casos de transição, porque se referem a incidentes em que o agente que se comunica mediunicamente a distância é um moribundo que anuncia a iminência de morte, ou bem uma pessoa falecida momentos antes de ocorrer a comunicação.

O que se disse para os casos do último *subgrupo* deve ser repetido aqui, ou seja, que tais episódios são raros, de modo que só disponho de quatro deles, um dos quais é de segunda mão e, portanto, deficiente como prova.

Caso 23 – O maestro compositor Ernest Blum, que havia conhecido Victor Hugo e Auguste Vacquerie, refere em sua autobiografia o que aconteceu com Victor Hugo, nas suas experiências na ilha de Guernesey:

“Victor Hugo sempre declarou estar convencido das verdades do espírito. Igualmente o estavam seus dois filhos e seus dois amigos Vacquerie e Paul Mérice. O próprio Vacquerie me narrou o seguinte fato:

– Certa noite de inverno em Guernesey se faziam experiências com o tripé. Estavam presentes o grande poeta, seus dois filhos e Vacquerie. Servia de médium Charles Hugo, que tomava conta das letras do alfabeto ditadas pela mesinha e transmitia as respostas. Subitamente lançou ele um grito de dolorosa surpresa e exclamou: “Os espíritos me participam a triste notícia de que neste momento morreu a Sra. de Girardin”. Eram dez horas da noite.

Naquela mesma noite havia Victor Hugo recebido uma carta da Sra. de Girardin na qual lhe comunicava que iria passar uns dias em Guernesey, de modo que ele deveria esperá-la de um momento para outro.

Dois dias após chegou uma carta em que se participava a morte da referida senhora. Ninguém em Guernesey podia saber de tal coisa, pois não havia telégrafo nem telefone e, portanto, Charles Hugo o ignorava, como todos os demais. O mais interessante, porém, é que ela havia falecido precisamente na noite da sessão às 10 horas.

Confesso que quando penso neste episódio sinto um calafrio, porque como pô-lo em dúvida com tais testemunhas?”

(Narrado na *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1906, pág. 509).

No caso citado, Charles Hugo assim se expressa: “Os espíritos me participam a triste nova...”, do que se poderia concluir que não fosse precisamente a Sra. de Girardin quem comunicasse a própria morte, mas algum espírito familiar ao médium, o que pode ser certo. Como, porém, não é lícito admiti-lo baseando-nos simplesmente em uma afirmação como a exposta, devemos

apegar-nos à “hipótese menos lata” aplicável ao caso que é a de uma comunicação da Sra. Girardin moribunda ou recém-falecida.

Caso 24 – Emma Hardinge-Britten, em seu livro *Modern American Spiritualism*, pág. 500, narra uma série de manifestações mediúnicas obtidas na casa do Dr. Laird, com a mediunidade de sua própria esposa e em relação com o seu filho e o do Dr. Marsden, os quais lutavam no *front* da Guerra de Secessão norte-americana.

Quando os dois jovens morreram na luta, manifestaram-se à médium por meio da visão clarividente e o filho do Dr. Marsden se lhe manifestou quando ainda jazia mortalmente ferido no campo de batalha. A narração é longa, pelo que só citarei este último episódio. A narradora, Sra. Hardinge-Britten, que tomou parte na experiência, assim se expressa:

“Nenhuma notícia dos filhos... Pela noite, quando os desolados pais se reuniram em sessão, caiu a Sra. Laird em sono mediúnico e, em tal condição, se manifestou o espírito de James Marsden, que assim falou: “Avisa a meu pai que parta imediatamente para Donaldsonville e uma vez ali, que chame o Cap. Somers, comandante da minha companhia. Foi ele quem recebeu o encargo de entregar-lhe a minha pobre crisálida dilacerada da qual a mariposa se evolou para a eternidade.”

A respeito da mensagem o Dr. Laird fez-me saber que ela adquire maior significação porque o filho do Dr. Marsden tinha um caráter jovial, despreocupado e um tanto volúvel, o que levava seus camaradas a dar-lhe por gracejo o apelido de borboleta.

O Dr. Marsden partiu logo para a localidade indicada e cinco semanas após regressou com um ataúde que continha os restos mortais do rapaz. O Cap. Somers lhe informou que seu filho caíra gloriosamente coberto de ferimentos, achando-se ainda vivo quando fora transportado para um posto de socorro, onde expirara lentamente.

Comparando-se as datas pôde-se verificar que o seu espírito se manifestara à Sra. Laird algumas horas antes de morrer, quando jazia moribundo na tenda-hospital.

Antes de expirar, havia pedido ao Cap. Somers que informasse seus pais da sorte que tivera e que o mandasse enterrar num lugar bem marcado a fim de facilitar ao pai o trabalho de identificá-lo quando viesse buscar os despojos. O Cap. Somers fizera-lhe a vontade mas não chegou a escrever ao seu progenitor porque adoecera gravemente. Quando viu este chegar, supunha que ignorasse tudo e quando o velho lhe narrou todo o caso, informando-o do modo como soubera do acontecimento, o capitão ficara profundamente impressionado...”

O episódio narrado difere dos outros porque se deu pela “mediunidade vidente” e apresenta muita analogia com os casos comuns de telepatia, salvo que em nosso caso não se tratava de um percipiente em estado normal de vigília ou sono, e sim de um médium em estado de “transe”.

Ademais é notabilíssima a mensagem transmitida pelo fantasma telepático-mediúcnico porque encerra informações pessoais ignoradas de todos os presentes e rigorosamente verificadas, compreendendo também a simbólica alma-borboleta que da “crisálida dilacerada se evolara para a eternidade”. Tal comparação faria também supor que quando o jovem herói se manifestara à médium, já estivesse morto e assim o caso em exame se transformaria em ótimo exemplo de identificação espírita.

Caso 25 – Tomo-o do vol. I, pág. 376, do *Journal of the S. P. R.*, o qual foi narrado pelo Prof. William Barrett. O episódio se contém em duas cartas, uma de 29 de setembro de 1882 e a outra de 24 de março de 1885, dirigidas àquele pelo Sr. Samuel Jennings. Extraio de tais cartas os seguintes trechos:

“Querido professor

Em resposta à sua pergunta, relato-lhe um caso contado pelo próprio protagonista, o Sr. Nelson, falecido há pouco.

Tinha ele a faculdade de escreve automaticamente por impulso de influências estranhas...

Aconteceu certa vez que teve um sentimento de “presença espiritual” quando se achava no trem, viajando de Kanee-gunge para Calcutá. Pegou então uma folha de papel e um lápis e esperou calmamente. É difícil escrever num trem em marcha, mas conseguiu fazê-lo e obteve uma comunicação em que o agente era a própria filha do Sr. Nelson, que se achava num colégio da Inglaterra. Dizia que acabara de morrer naquele instante, de uma doença inesperada, descrevendo as circunstâncias em que a sua morte se dera e as pessoas que a assistiram, acrescentando que tinha querido manifestar-se a ele a fim de lhe dar o último adeus.

A mensagem produziu no Sr. Nelson a agitação que é de se supor, pois ignorava a enfermidade da filha. Chegando em casa disse que estava muito preocupado com a saúde de sua filha Bessie, porém só deu conhecimento da comunicação a uma filha casada, pedindo-lhe que aguardasse até a chegada do correio da Inglaterra. Quando esse chegou, tudo se confirmou em seus menores detalhes.”

O caso exposto é importante mas, infelizmente, é referido em segunda mão. Certo é, porém, que a autoridade do Prof. Barrett, que o recebeu e publicou, constitui prova suficiente para a autenticidade do mesmo.

Caso 26 – Aparece no vol. II, pág. 67, do *Journal of the S. P. R.* Trata-se de um caso muito conhecido porque citado com freqüência. O Dr. Liebault, de Nancy, escreve a Myers:

“Apresso-me em comunicar-lhe por escrito o seguinte caso de transmissão de pensamento.

O fato se deu com uma família francesa, residente em Nova Orleans, vinda de Nancy para uma liquidação de negócios. Conheci a referida família por haver tratado pelo hipnotismo a Srta. D., sobrinha do Sr. M. G., chefe da família em questão. Padecia de uma leve anemia com tosse nervosa contraída em Coblença num colégio do qual era professora.

Facilmente a pus em estado sonambúlico e ficou boa, e tal facilidade nos fez supor que provavelmente tinha faculdades mediúnicas (a Sra. G. já as possuía), pelo que tratou de exercitá-la na escrita automática, esperando poder comunicar-se com os “espíritos” e em menos de dois meses se revelou uma boa médium escrevente.

Eu mesmo a vi traçar rapidamente páginas inteiras de escrita automática – que tinha por comunicações – em forma impecável, quando simultaneamente falava com os presentes. Particularidade curiosa: ignorava tudo o que sua mão escrevia, do que deduzia que algum espírito a movia.

Certo dia, 7 de fevereiro de 1868, pelas 8 da manhã, no momento de sentar-se à mesa para uma refeição ligeira, experimentou um impulso irresistível de escrever automaticamente.

Tomou o seu caderno e febrilmente rabiscou uns traços indecifráveis e, quando acabou a agitação do seu espírito pôde-se ler que uma certa Margarida lhe anunciava sua morte. Era uma sua amiga também professora e companheira de pensão em Coblença e, naturalmente, todos acreditaram que a moça havia morrido.

A Srta. B. escreveu no mesmo dia a outra amiga inglesa, instrutora do mesmo colégio, sem revelar o motivo por que o fazia e alegando um pretexto qualquer.

Pela volta do correio chegou a resposta na qual aquela declarava sua surpresa de receber uma carta sem motivo aparente mas, ao mesmo tempo, anunciava a morte de sua amiga comum, Margarida, ocorrida às 8 horas da manhã do dia 7 de fevereiro.

No interesse da Ciência, lamento não haver pensado em ir junto com a família G. ao telégrafo para convencer-me de que se havia recebido na referida manhã um telegrama de Coblença, mas a honorabilidade de tal família estava acima de qualquer suspeita.”

Myers diz que, ainda prescindindo da impossibilidade de que uma família inteira conspirasse para enganar um amigo, a natu-

reza da resposta recebida de Coblença demonstra que quem escrevia sabia que não se havia enviado telegrama algum.

Do ponto de vista da manifestação em si, cabe fazer notar que a moça enferma se extinguiu “pelas 8 da manhã” e que em tal hora se manifestava mediunicamente à amiga distante, ou seja, que a manifestação pôde se produzir tanto um minuto antes, como depois da morte, ainda que seja mais provável esta última hipótese, já que a comunicante participa a sua morte.

O Dr. Liebault classifica o caso de “transmissão do pensamento”, pois na época em que escrevia não havia ainda nascido a palavra “telepatia”, porém ambas as definições se equivalem. Não se esqueça, porém, que neste caso a telepatia se exerce mediunicamente, o que a diversifica da forma sensorial e a aproxima das manifestações telepáticas dos mortos.

E como nos casos examinados neste *subgrupo* se trata de vivos no leito de morte, evidente é que a telepatia entre vivos com modalidade mediúnica aparece como o último grau de uma ampla série de manifestações anímicas pelas quais se chega ao limiar da grande fronteira, mas além da qual não podem existir mais que manifestações telepáticas de mortos, demonstrando-se com isto que não existe solução de continuidade entre as modalidades com que se produzem as comunicações entre vivos e mortos. Em outras palavras: uma vez mais temos de reconhecer que o Animismo prova o Espiritismo.

Subgrupo F

Mensagens transmitidas com auxílio de entidade espiritual

As mensagens de que aqui tratamos dividem-se em dois grupos distintos: No primeiro quem se manifesta é ainda a personalidade de um vivo, com a diferença de que o “espírito-guia” do médium afirma que a manifestação se produz por seu intermédio, no sentido de que ele se prestaria a ajudar a personalidade espiritual do vivo a fim de pô-la em condições de atingir o seu objetivo. No segundo grupo, ao contrário, as comunicações mediúnicas da espécie em questão produzir-se-iam por intermédio único

do “espírito-guia”, o qual se encarregaria de receber a mensagem do vivo e de transmiti-la a outra pessoa afastada, sem intervenção do próprio vivo.

* * *

O primeiro dos grupos indicados não apresentaria por si mesmo valor teórico apreciável, podendo-se com razão objetar que a afirmação inverificável do “espírito-guia” a respeito de um hipotético auxílio por ele prestado ao vivo que se manifesta mediunicamente não é mais do que uma fantasia onírico-subconsciente do médium.

Tal objeção bastaria para tirar todo o valor teórico ao grupo de manifestações em questão, se não existissem as manifestações do segundo grupo, diante das quais a mesma objeção é muito menos legítima. A eficácia teórica, portanto, não pequena, das manifestações do segundo grupo reflete-se favoravelmente sobre as do primeiro, levando-se em consideração que se umas têm fundamento, também as outras parecem prováveis. Não se diz, porém, que a origem espírita das manifestações pertencentes ao segundo grupo possa ser considerada solidamente demonstrada. Com todo o rigor, tal não é possível, visto que se trata de afirmações e de fatos, por sua natureza, demonstráveis. De qualquer forma, não há falta de provas indiretas em favor da interpretação espírita, provas que assumem forma de argumentações indutivas de grande eficiência demonstrativa, pois que, sem elas, muito dificilmente se poderia algumas vezes dar a razão de ser dos fatos.

O Prof. Oliver Lodge diz, a respeito do grupo de manifestações, o seguinte, que transcrevo do *Journal of the S. P. R.*:

“Como explicar tais formas de transmissão mental de uma pessoa a outra? Tomemos o episódio da palavra “Honolulu” por mim citado no livro “Raymond”. O grupo familiar de experimentadores de Birmingham pediu à personalidade mediúnica “Raymond” para transmitir a palavra “Honolulu” a outro grupo de experimentadores em Londres, e a palavra foi transmitida. Ora, o caso pode explicar-se considerando-o uma experiência telepática, mas a circunstância que não se

deve esquecer, pois que constitui o lado dramático da interpretação é esta: o encargo de transmitir a mensagem foi dado a “Raymond”, que se achava em relações com os dois grupos de experimentadores.

E, assim sendo, não se pode deixar de reconhecer que se o episódio se pode explicar telepaticamente, pode-se interpretar ainda melhor, pressupondo que o espírito “Raymond” tenha efetivamente transmitido como intermediário a mensagem que lhe foi confiada.”

Assim escreve o Prof. Lodge, e esta última interpretação dos fatos parece mais legítima do que a outra porque nesta se leva em devida conta a circunstância fundamental que confere valor ao ciclo inteiro das experiências em apreço, isto é, que as manifestações da entidade espiritual “Raymond” constituem o fim e a razão de ser das próprias experiências e, como a mesma entidade já havia fornecido provas bem notáveis em favor da sua identificação pessoal, segue-se que, querer separar o episódio exposto do complexo orgânico dos outros episódios, explicando-o de forma diversa, seria um procedimento arbitrário e anticientífico.

E por ora não devemos acrescentar mais coisa alguma, porque os fatos que vão sendo expostos fornecerão oportunidade para elucidar posteriormente a questão.

* * *

A título de exemplo fornecerei apenas três episódios relativos ao primeiro grupo das manifestações em exame. Ademais, os leitores terão observado que nos casos anteriormente citados se encontram vários em que se faz alusão ao presumido auxílio espírita implícito nos episódios de comunicações mediúnicas de vivos, presunção que não levei em conta porque de natureza demasiado vaga. Nos três exemplos que se seguem, tal presunção, ao contrário, parece justificada, conquanto não o seja ainda suficientemente sem o auxílio eficaz dos episódios afins, pertencentes ao segundo dos grupos examinados.

Caso 27 – Tiro-o do livro da Sra. Hester Travers-Smith, *Voices from the Void* (págs. 48/50). Como já tivemos ensejo de

observar (Caso 1) essa senhora possui notabilíssimas faculdades mediúnicas, embora sejam limitadas ao sistema de comunicações obtidas com o aparelho mediúnico chamado *Oui-já* (quadro com o alfabeto munido de um ponteiro que indica as letras) e fez muitas experiências com o Prof. William Barrett, o qual, por seu intermédio, obteve algumas provas admiráveis de identificação espírita, que cita em sua obra *On the Threshold of the Unseen*.

Escreve ela:

“Certa personalidade mediúnica, que ainda não conheço intimamente porque se manifesta há poucos meses, assina o nome de “Shamar”. Diz ser de raça indiana e se afirma meu “espírito-guia”. Preside e dirige quase todas as minhas sessões, dedica-se a desenvolver e a aperfeiçoar a minha mediunidade, tendo cuidado, acima de tudo, de trazer às sessões, para se comunicarem, espíritos que se demonstram sempre escrupulosamente verdadeiros. Tal entidade me informa que agora se interessa de modo particular em trazer-me espíritos de vivos, aproveitando o momento em que estão dormindo ou cochilando. Interessa-se pelos encarnados porque com estes é possível obter-se a prova absoluta de identificação pessoal dos espíritos comunicantes.

“Shamar” mostrou-se sempre sincera e leal para comigo. Recentemente provocou manifestações de espíritos de vivos, com relação aos quais tive meios de certificar-me da veracidade absoluta das mensagens que me transmitiram.

Em dezembro de 1917 eu me achava em Londres, hospedada em casa de uma família de parentes com a qual passei as festas de Natal. No dia 26 fiz com a minha prima uma breve sessão mediúnica das 10:30 às 11 horas da noite, na qual se manifestou “Shamar” e prometeu fazer-nos assistir a uma interessante manifestação. Pouco depois o ponteiro do *Oui-já* indicou o nome do irmão de minha prima. Descreveu ele a sala em que se achava, acrescentando que havia adormecido, sentado diante da lareira. Foi breve a mensagem e eu não conservo o original, mas foi verificada a sua exatidão em todos os detalhes.

Depois dele, foi ditado o nome do Sr. D..., um íntimo amigo nosso, que nos comunicou achar-se apenas cochilando e que, em consequência, a sua mensagem só poderia ser dada aos saltos, e de fato tal sucedeu. Informou-nos que naquele momento estava sentado na saleta em frente da lareira e que não havia outra pessoa no aposento. Eu lhe pedi que transmitisse certa mensagem a sua irmã e ele observou: “Sinto muito, mas não é possível, porque quando eu acordar me esquecerei de tudo o que estou dizendo e ouvindo.”

Descreveu-me então longa e minuciosamente de que modo haviam decorrido em sua casa as festividades do Natal, acentuando a vinda de um nosso amigo comum que eu absolutamente não teria podido imaginar houvesse tomado parte nos festejos. Depois comunicou-me que era obrigado a despedir-se porque o seu corpo ia rapidamente despertando, tornando-se assim impossível a comunicação.

Quando voltei para Dublin tive o cuidado de informar-me a respeito e verifiquei a absoluta veracidade do que me havia sido contado mediunicamente pelo meu primo. Deixo os leitores à vontade para decidirem se no caso exposto se tratava ou não de telepatia. O espírito de meu primo teria realmente se afastado de seu corpo para vir conversar comigo? Não ouso responder à pergunta.

A última prova do poder de “Shamar” em preparar tais manifestações se deu há duas noites. Fiz uma sessão durante o dia, na qual “Shamar” me avisou que tentasse outra alta noite, porque queria fazer certas experiências. Assim fiz, e cerca das 12:30 da noite trouxe ela um amigo que, após haver declarado achar-se dormindo naquele instante, apressou-se a dar explicações sobre certo procedimento seu, que me havia parecido reprovável e eram explicações que eu nunca teria podido imaginar. De qualquer forma, não dei importância a essa comunicação mediúnica, mas na manhã seguinte recebi dele uma carta em que se justificava, dando exaustivas explicações, idênticas às que eu havia recebido mediunicamente na noite precedente.

Diante de tais resultados, parece-me que as comunicações mediúnicas dos vivos imersos no sono constituem uma questão da mais alta importância para as pesquisas metapsíquicas.”

Assim escreve a relatora, e esta sua última apreciação está plenamente justificada. As comunicações mediúnicas entre vivos constituem de fato uma das questões mais interessantes e sugestivas que surgem no campo das pesquisas metapsíquicas, porque com tais comunicações é dado chegar-se à certeza científica sobre o fato capital da possibilidade do *eu* integral subconsciente ou, em outros termos, o espírito humano entrar em relação com outros espíritos de vivos, quer mediunicamente, quer telepaticamente, ora separando-se temporariamente do seu próprio corpo somático (bilocação), ora se comunicando e conversando telepaticamente a distância, desde que haja a “relação psíquica”.

Todas as circunstâncias que concorrem para fornecer prova da independência do espírito humano quanto ao organismo corpóreo demonstram que se o espírito pode passar algum tempo sem o mesmo organismo, também deve poder passar sempre sem ele, depois da morte.

Além disso, pela lei da analogia, demonstram essas circunstâncias que a existência das comunicações mediúnicas com o espírito dos mortos é mais do que provável, pois que uma vez conseguida a certeza científica da realidade das manifestações dos vivos, com as conseqüências teóricas que dela resultam, então as manifestações correspondentes, em tudo idênticas, dos mortos se tornam o complemento natural das primeiras, salvo sempre a cláusula de que o morto comunicante demonstre a sua própria identidade pessoal, fornecendo a seu respeito informações suficientes do mesmo modo que as fornecem os espíritos dos vivos.

Tudo isto, em tese geral. No caso em referência, observe-se que a afirmação de “Shamar”, segundo a qual é por sua iniciativa que se manifestam espíritos de vivos, se mostra justificada pelo seguinte:

– Em primeiro lugar, porque, segundo regra científica, não é possível isolar um episódio para analisá-lo separadamente e nessa base estabelecer conclusões gerais, mas deve-se considerá-lo em relação com o conjunto das manifestações em que se acha integrado, pois só desta maneira pode-se ajuizar ponderadamente sobre a sua gênese.

Assim, neste caso, deve-se levar em conta as seguintes circunstâncias: Que sob os auspícios da entidade “Shamar” foram obtidas notáveis provas de identificação espírita, e que a mesma entidade se demonstrou verdadeira em suas promessas e, assim sendo, não se sabe por que deixaria de ser sincera e leal quando anuncia a intenção de levar às sessões espíritos de vivos.

– Em segundo lugar, não se deve esquecer de que, a cada manifestação de personalidade de um vivo, “Shamar” o anunciava com antecedência, avisando que era preciso fazer a sessão em alta hora da noite para aproveitar o sono do vivo, coisa racional na hipótese que defendemos, ao passo que, de outro ponto de vista, isso demonstra a existência de uma vontade extrínseca que dispõe as coisas para o êxito.

Em suma, se no caso exposto não existissem provas diretas a favor do auxílio prestado por uma entidade espiritual às dos vivos comunicantes, existem provas indiretas suficientes para levar em consideração as afirmativas de “Shamar”, que nada têm de inverossímil, tanto mais se se consideram as provas em relação com os casos pertencentes ao segundo grupo das manifestações que examinamos, nas quais, como já se disse, a intervenção de uma entidade espiritual nas comunicações dos vivos parece muito real, como se verá dentro em pouco.

Caso 28 – A célebre escritora inglesa Florence Marryat, dotada de notáveis faculdades mediúnicas, fez numerosas experiências de manifestações de vivos. Tomo o episódio seguinte de seu livro *There is no death*, pág. 36, no qual ela própria serviu de médium para as experiências de outrem. Havendo-se mudado, com o seu filhinho, para beira-mar, para uma estação de banhos, seus companheiros de experiências em Londres, os Srs. Helmore

e Colnaghi continuaram as sessões e numa delas deu-se o caso em questão. Eis a sua narrativa:

“Numa noite de quinta-feira os Srs. Colnaghi e Helmore, reunidos em sessão, quando discutiam sobre a possibilidade de se comunicarem com os espíritos de vivos, ouviram, na mesinha, três golpes que afirmavam a possibilidade, golpes que atribuíram a “Charlie”, o “guia espiritual” das sessões.

– “Charlie”, pois que é possível, poderia trazer-nos algum espírito de vivo?

– Fá-lo-ei com prazer.

– Quem trará?

– A Sra. Florence Marryat.

– E levará muito tempo?

– Quinze minutos.

Naquele momento eu dormia. Meus amigos me disseram que esperavam impacientes o resultado da experiência. Transcorreram exatamente quinze minutos e a mesinha começou a agitar-se, ditando as seguintes palavras: “Sou Florence Marryat. Por que me chamaram?” Procuraram desculpar-se e eu soube que estava muito agitada, repetindo insistentemente: “Deixem-me voltar para casa. Um grave perigo ameaça meu pequerrucho. Devo voltar para junto dele.” Tais palavras causaram grande impressão aos meus amigos e, no dia seguinte, o Sr. Helmore escreveu-me perguntando cautelosamente se tudo ia bem em minha família, mas sem especificar coisa alguma. Aconteceu que na manhã de sexta-feira, ou seja, no dia seguinte ao da sessão de Londres, meus sete filhos com as suas amas se achavam numa pequena estalagem, quando meu cunhado, o Dr. Henrique Norris, que voltava com os voluntários de tiro ao alvo, entrou na casa e, quando ensinava tiro aos meninos, disparou inesperadamente na direção deles e a bala entrou na parede, dois dedos acima da cabeça de minha filha maior, que estava sentada. Quando contei o caso ao Sr. Helmore, respondeu ele com a narrativa da experiência de Londres e reproduziu as palavras por mim proferidas. Eu me pergunto: “Como poderia saber

com antecedência o que deveria acontecer na manhã seguinte? Se não era eu quem o sabia em sonho, devia sabê-lo “Charlie”.”

No caso exposto, a probabilidade de que “Charlie” tenha sido o agente determinante da manifestação da Sra. Marryat se depreende da circunstância de que foi precisamente ele quem levou à sessão o espírito da referida senhora. Depreende-se, ademais, do fato de que “Charlie”, em outras circunstâncias (ver o caso 28) se encarregara de transmitir em pessoa mensagens de um círculo de experimentadores a outro, com a particularidade importante de que os dois grupos não realizavam ao mesmo tempo as suas sessões, mas em dias diferentes, condições de experiência que demonstram a impossibilidade da manifestação direta de um ser vivo, nem de uma transmissão telepática.

Como se viu, há aqui um caso premonitório, mais notável porque se referia a um infeliz acidente, rigorosamente imprevisível. Como já disse em meu volume sobre os *Fenômenos premonitórios*, nada de mais notável que o *eu* integral subconsciente da própria Sra. Marryat previsse o perigo que ameaçava um dos seus filhos, pois numerosos fatos de tal natureza provam a possibilidade, ainda que pareça misteriosa e inconcebível à nossa mente, circunscrita e obumbrada pelos laços materiais.

Caso 29 – Figura na mesma obra da Sra. Marryat (pág. 42), a qual assim escreve:

“O meu velho amigo, ainda vivo, cujo espírito se manifestou a mim em sonho, pela mediunidade da Sra. Fitzgerald, perdera uma irmã a quem queria muito, porém, como tal houvesse acontecido antes de nos conhecermos, eu ignorava tudo a respeito da mesma, exceto o nome.

Certa noite se manifestou, tiptologicamente, uma entidade que me deu o nome da irmã de meu amigo, escrevendo o seguinte:

– Meu irmão regressou à Inglaterra e deseja saber o seu endereço. Escreva-lhe para o Clube de Leamington, dizendo-lhe o dia em que poderá recebê-lo.

Respondi:

– Seu irmão não me escreve há oito anos, o que prova que já me esqueceu. Não quero ser a primeira a reatar nossas relações, sem a certeza de que ele também o queira.

– Ele não a esqueceu e continua a interessar-se por sua pessoa, de quem se lembra nas suas preces. Deseja vivamente tornar a vê-la.

– Farei o que deseja, mas na base de uma comunicação mediúnica, não me decido. Se quiser renovar nossa velha amizade, que me escreva primeiro.

– Porém ele não sabe o seu endereço, e eu não posso entrar em relação com ele.

– Meu nome é bem conhecido, e se ele quiser, ser-lhe-á fácil achar o meu domicílio.

O espírito comunicante pareceu refletir um momento, e escreveu:

– Espera, vou ver se o faço vir, e então se explicará.

Pouco depois a mesinha voltou a mover-se, porém de modo diferente, ditando o nome de meu velho amigo. Deu bastantes detalhes para se ver que se tratava dele mesmo e a seguir escreveu: – “Apesar dos anos que nos separaram, o tempo não apagou as recordações do passado. Não tenho deixado de lembrar-me de sua pessoa, em quem pensava nas minhas preces, supondo que aí fazia o mesmo. Confirmo o que lhe disse minha irmã, pois desejo vivamente ter notícias suas”.

Não obstante a aparente ingenuidade da mensagem, minha teimosia não me permitia escrever-lhe, porém, em noites consecutivas, a irmã insistiu e eu resolvi agradá-la. Escrevi para o Clube de Leamington e pela volta do correio recebi a resposta, com natural espanto, ao ver que a carta do meu amigo *começava com as mesmas palavras do parágrafo que me havia ditado mediunicamente.*

Ante tal resultado, pergunto ao Sr. Stuart Cumberland, como a tantos outros sábios, que me expliquem quem foi a

entidade mediúnica que se manifestou dez dias antes, para ditar-me, palavra por palavra, uma frase que não podia estar ainda formulada no cérebro de meu amigo, pois ele não havia ainda recebido a minha carta. Estou sempre pronta a acolher toda explicação racional que os sábios me dêem sobre os fatos; porém, no momento, creio firmemente que não há no mundo quem seja capaz de demonstrar-me, de maneira natural e convincente, que o fato supra citado seja devido a um fenômeno de “cerebração inconsciente.”

Não me parece que a Sra. Marryat só tenha uma, mas cem razões para não admitir que fatos de tal natureza possam explicar-se com a hipótese da “cerebração inconsciente” em voga naquela época. Depois, outras hipóteses foram formuladas para explicar tais casos, a começar pela “telepatia”, para terminar na recente “criptestesia”, porém se tais hipóteses têm a sua razão de ser, isto não impede que do ponto de vista explicativo das comunicações mediúnicas com os vivos e com os mortos, se mostrem impotentes.

Observo finalmente, que até para o caso exposto as maiores possibilidades são para a hipótese segundo a qual o espírito da irmã morta foi realmente o agente que levou à sessão o espírito do irmão vivo. Tenha-se em conta que, antes da manifestação deste, o espírito da irmã havia transmitido à Sra. Marryat o seu domicílio exato, circunstância verídica e importante que se traduz numa boa prova a favor da identidade pessoal do dito espírito, e como o propósito de conduzir à sessão o espírito do vivo não fora premeditado, mas em consequência da negativa daquela senhora em atender ao seu pedido de escrever-lhe, tudo isto mais não faz que consolidar a hipótese indicada, pois se a manifestação em referência foi determinada por uma imprevista decisão do momento, da qual havia de excluir-se a vontade da Sra. Marryat e a do vivo comunicante, mais não resta senão atribuir o fenômeno à vontade do espírito que se afirmava presente, como responsável pelo desenvolvimento dos fatos.

Passando a tratar de episódios do segundo grupo das manifestações em exame, devo fazer notar que se pelas aparências exteriores tais episódios pertençam ainda à categoria das comu-

nicações mediúnicas entre vivos, na realidade não se mostram tais, porquanto nelas já não se trata de duas ou mais personalidades vivas que conversam entre si, quer telepaticamente, quer por intervenção da personalidade espiritual de um deles, mas que se trata de duas pessoas ou de dois grupos de pessoas que se comunicam mediunicamente a distância, por meio de uma entidade espiritual que se faz de mensageiro entre ditos grupos ou pessoas.

Assim sendo, claro é que os fenômenos de tal natureza possam ainda ser considerados como pertencentes à categoria das comunicações mediúnicas entre vivos quando não se demonstrou realmente a sua gênese espírita, pois se a isto se chegasse um dia, então deveriam classificar-se entre as manifestações de mortos, faltando nelas a característica essencial nas comunicações entre vivos, que é a comunicação direta entre duas personalidades espirituais encarnadas.

Caso 30 – Aparece na *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1909, págs. 6/11 e 39/47. O Coronel Collet refere uma longa série de interessantes experiências mediúnicas, obtidas em seu seio familiar por intermédio da tiptologia, entre as quais se encontram algumas da natureza aqui considerada. Escreve ele:

“A fim de conferir caráter científico a nossas experiências, registramo-las escrupulosamente, anotando-lhes os resultados, tanto positivos como negativos.

Durante certa viagem, tentamos algumas experiências de “telegrafia sem fio”, prestando-se a ela “Rupont”, nosso “guia espiritual”, com resultados medíocres.

Sexta-feira, 6 de setembro de 1907, eu e a minha esposa nos encontrávamos em Constança. Pela noite, no hotel, recordamos que, naquele dia e hora, em Nancy, nossos amigos, o casal C. F., faziam a sua sessão semanal, pelo que resolvemos enviar-lhes uma mensagem tiptológica. Na falta de um tripé, servimo-nos de uma cadeira. Não tardou a manifestar-se “Rupont”, que nos informou que na casa do casal C. F. se achavam cinco pessoas reunidas e que a sessão já

havia começado. O número de cinco nos surpreendeu, porque, com a nossa partida, o número de componentes do grupo se havia reduzido a quatro. Devido à incomodidade do nosso aparelho tiptológico, não pedimos explicações e nos limitamos a pedir a “Rupont” que transmitisse àqueles amigos uma saudação firmada com o meu nome: Collet.

Quando, nos princípios de outubro, voltamos para Nancy, o casal C. F. nos disse: “Durante vossa ausência recebemos uma mensagem curiosa assim concebida: “Pensamos sempre em vós. Saudações afetuosas a cada um. Collet em Bon...” Esta última palavra não foi terminada, porém não podia significar “Bondy”, aonde pretendia ir, pois os julgávamos na Suíça. O agente misterioso não se deu a conhecer”.

Pois bem, tais palavras eram a expressão exata, mas concisa, da nossa mensagem enviada de Constança e, comparando as notas tomadas de uma e outra parte, verificou-se a perfeita concordância do dia e hora, como a presença de cinco pessoas, e não de quatro, na sessão. Quanto à palavra inacabada – Bon... – certamente que representava o começo da palavra Constança, em que a letra B foi registrada erradamente em lugar da letra C, sua vizinha.

Não indica tudo isto a ação inteligente, voluntária e livre de um ser consciente, que só poderia ser um “espírito”?

Tivemos, porém, ainda outra surpresa. Regressados a Nancy, de Paris, última etapa da nossa viagem, encontramos na rua o Sr. R., o qual se mostrou surpreso ao ver-nos, e perguntou:

– Já de volta? Vosso genro não os esperava antes de domingo!

– Chegamos ontem à noite, 10 de outubro. Voltamos uns dias antes do combinado.

– Pois isto é extraordinário. Há um mês, minha filha assistiu a uma sessão em casa da Sra. M. N., durante a qual se perguntou a “Rupont” em que dia regressariam a Nancy e ele respondeu: “Quinta-feira, 10 de outubro”, e a predição se realizou.

Fui à casa da Sra. M. N., que me fez ler a ata da sessão de 7 de setembro, na qual o incidente em questão se achava narrado nos seguintes termos: “Pedimos a “Rupont” para dizer em que dia o casal Collet estaria de regresso a Nancy, ao que respondeu: “Em 10 de outubro, que cai numa quinta-feira”.

Na próxima sessão em casa da Sra. M. N., perguntei a “Rupont”:

– Conhece, então, o futuro?

– Só Deus o conhece. Não fiz outra coisa senão sugerir à Sra. Collet a idéia de regressar a Nancy a 10 de outubro e isso a fim de que se realizasse a minha predição.

– Quando e onde a sugestionaste em tal sentido?

– Achava-se ela na casa do Comandante F. na rua Lécuse, na noite de 9 de outubro.

Pois bem, verdade é que nos encontrávamos na casa do referido militar, que, cumprimentando-nos, perguntou a minha esposa:

– Quando voltaremos a ver-nos?

– Somos esperados em Nancy no próximo domingo, porém, neste momento, estou pensando que será melhor partirmos amanhã mesmo, pois o bom tempo já não deve durar muito, de modo que nos despedimos.

Tão imprevista decisão de minha esposa não deixou de surpreender-me, porém, pensando bem, me pareceu razoável.

Tal incidente absolutamente certo, unido a outros análogos, por nós obtidos, não indica a existência de uma influência extrínseca, inteligente e voluntária, capaz de sugestionar nossa mente para o bem ou para o mal? Os pensadores de todos os tempos se referem com freqüência a tal possibilidade e observo que, com a mesma, poderia explicar-se a gênese de certas induções misteriosas, de certos impulsos súbitos, como de tantas inspirações geniais que a psicofisiologia

materialista não chegará a elucidar nunca, por esforçar-se em sustentar hipóteses gratuitas e inverossímeis.

A 30 de março de 1908 eu me encontrava em Nice, com minha esposa, e na hora aproximada àquela em que se realizava a sessão em Nancy, na casa do casal M. N., sentamos ao redor de uma mesinha encontrada no hotel e logo “Rupont” nos ditou o seguinte comunicado:

“Pensamos em vós. Quando voltareis?” (firmado M. N. e C. N.).

Pedimos a “Rupont” que transmitisse a seguinte resposta:

“Voltaremos na quarta-feira.”

Poucos minutos depois, “Rupont” se manifestou de novo, ditando as seguintes palavras: “Não pude transmitir a resposta, porque o casal M. N. já havia terminado a sessão.”

Em nossa volta a Nancy pudemos verificar que a mensagem do casal M. N. havia sido corretamente transmitida a nós, mas que a nossa resposta não chegara ao seu destino, pois que os meus amigos haviam suspendido a sessão logo após haverem encarregado “Rupont” de transmitir a mensagem. A experiência, pois, foi magnífica.

Antes de deixar Walchwil para ir a Lugano, havíamos encarregado “Rupont” de transmitir ao casal C. F. algumas palavras em latim (com o fim de enviar um comunicado imprevisível para eles), porém ignorando o êxito da experiência.

No dia 11 de setembro, na hora em que o referido casal devia realizar a sua sessão em Nancy, “Rupont” se manifestou e ditou-lhes, pelo “cartão alfabético”, as seguintes palavras: “Amanhã receberéis a prova escrita de que eu transmiti a vossa mensagem, mas eles não entenderam nada e não me deixaram terminar”.

Com efeito, a 14 de setembro recebíamos um cartão postal da Sra. C. F., no qual informava-nos de que “Rupont” lhes havia transmitido, a nosso pedido, umas palavras incompreensíveis.

Outra noite, na casa do casal M. N., nos transmitiu esse princípio de frase: “Os usos e costumes de antigamente serão um dia...”. Nesse ponto, parou e disse: “A continuação, quinta-feira. Boa noite”. E assim terminou a sessão, antes da hora habitual.

Na quinta-feira seguinte, na sessão em casa da Sra. M. T., com grande surpresa dos assistentes, que nada sabiam a respeito, uma personalidade mediúnica se manifestou para ditar estas palavras, que aparentemente não tinham sentido algum... “a verdade da nova religião por vós preconizada”. Era a continuação da frase de “Rupont”, começada em outro local e entre outros assistentes. Eu então juntei as duas partes da frase, fazendo notar seu sentido e o assombro de todos se converteu em grande admiração.”

Tal é o interessante relato do Cel. Collet. Se se consideram em conjunto os vários episódios que nele se contêm, parece-me difícil evitar a conclusão de que a melhor explicação dos ditos episódios é a de reconhecer sua origem genuinamente espírita, pois neles se notam circunstâncias de fatos inexplicáveis com a comunicação mediúnica entre diversos grupos de experimentadores.

Assim é, por exemplo, quando o espírito mensageiro “Rupont”, encarregado de transmitir a Nancy uma dada resposta, volta dizendo que não havia podido transmitir a resposta, porque o casal M. N. havia terminado a sessão. Como explicá-lo pela comunicação mediúnica entre vivos? Uma mensagem telepática, pura e simples, segue fatalmente o caminho que, física ou psicologicamente deve seguir, e nunca pode voltar atrás para dizer: “Aviso-os de que não encontrei a pessoa à qual devia transmitir o vosso pensamento”. Um ato assim não pode ser realizado senão por uma autêntica personalidade espiritual.

De tal ponto de vista, mostra-se igualmente interessante a transmissão fragmentária de uma frase a dois círculos diversos e a um tempo diferente, indício da presença, nas sessões, de uma vontade extrínseca, que pensa sempre em novos métodos expe-

rimentais, a fim de melhor convencer os assistentes acerca de sua própria existência independente.

Também é interessante a predição do dia do regresso dos Collet a Nancy, realizada por sugestão de “Rupont”, que exorbita dos limites assinalados nas comunicações mediúnicas entre vivos, tendendo a confirmar ulteriormente a hipótese da presença real, nas sessões, de uma entidade espiritual independente.

Caso 31 – Tiro-o dos *Annales des Sciences Psychiques* (1914, págs. 1/11), que é relatado pelo Dr. Gustave Geley, ex-diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, com sede em Paris. Trata-se de um longo e interessantíssimo relato, de um gênero de experiências conhecidas pelo nome de “correspondência cruzada”⁷ (no último incidente do caso anterior encontra-se um exemplo desta espécie de experiência). Ocupa ele 22 colunas da referida revista, portanto terei de limitar-me a narrar alguns episódios, fazendo-os seguir dos comentários do Dr. Geley, que assim escreve:

“Devo o conhecimento dos fatos que vou narrar a uma pessoa muito conhecida no campo das pesquisas psíquicas: a Sra. De W.; tais fatos se deram sem ser provocados, de modo absolutamente espontâneo e inesperado. A principal protagonista deles é a Sra. De W., que é uma espírita convicta, conquanto as suas convicções não tenham a mínima influência sobre o seu espírito crítico. Sua atual contribuição ao estudo da “correspondência cruzada” merece a gratidão de todos os investigadores das pesquisas psíquicas, qualquer que possa ser a opinião deles a respeito da gênese desse fenômeno.

A Sra. De W. não possui faculdades mediúnicas e vale-se de duas sensitivas, cujos nomes não são citados por motivo de uma consideração especial e somente são designadas pelas iniciais, de Sra. T. e Srta. R.

Na ocasião das experiências em causa, a Sra. T. achava-se em Paris, onde reside também a Sra. De W., ao passo que a Srta. R. estava em férias à beira-mar, em Wimereux. Ambas são médiuns escreventes e a Sra. T. é também vidente, de

modo que a ouviremos descrever, com exatidão, cenas que, no momento, vê se desenvolverem a distância. Durante as sessões, percebe ela as personalidades mediúnicas sob a forma de “núcleos luminosos”. Participam das sessões apenas três entidades: a principal, que inicia e dirige os trabalhos, chama-se “Rodolfo” e diz que é ajudado por um outro espírito chamado “Carlos”, que desenvolve uma ação muda, e finalmente outra personalidade espiritual que só se manifestou uma vez e que se chama “Emília”. É a Sra. De W. quem redige os relatos dos fatos, no fim de cada sessão, e o faz de modo preciso e completo.

Eis o primeiro exemplo de “correspondência cruzada” obtido espontaneamente, isto é, sem que ninguém o tivesse desejado ou nele houvesse pensado. É a Sra. De W. quem narra:

– Ao principiar a sessão, às escuras, de 22 de agosto, a Sra. T. apanha papel e lápis e logo observa: “Parece-me que algum espírito já se apoderou do lápis, pois sinto a mão como que morta”, respondendo eu: “Tanto melhor. Então me abstenho de acender a luz.” Passada meia hora, ilumino a sala e percebo, traçadas numa folha de papel, algumas linhas escritas, mas ao lê-las, verifico que se trata de duas frases tão incoerentes que, se não tivesse lido, no fim delas, um aviso para guardá-las cuidadosamente, eu as teria rasgado, sem mais exame.

No dia seguinte, recebi de Wimereux a seguinte carta, na manhã de um sábado:

“Apenas duas palavras para acompanhar a comunicação da noite de ontem. Sinto-me muito cansada, porque não dormi a noite inteira. É a primeira vez, desde que me acho em férias, que me acontece semelhante fato e pergunto a mim mesma se a causa não seria uma experiência tentada por “Rodolfo”. Observo, porém, que no começo da sessão, tinha uma forte dor de cabeça que já no fim desapareceu; todavia, hoje de manhã sinto-me esgotada.”

Eis a comunicação de “Rodolfo”, dirigida, como sempre, à Sra. De W.:

– “Eis-me aqui, minha amiga. Esta noite proponho-me a ir e vir de um grupo ao outro, por meio dos filamentos fluídicos que teci, de maneira que escreverei a minha mensagem ora com a mão da médium R. e ora com a mão da médium T., subtraindo fluido da primeira para adicionar à segunda, a fim de chegar a escrever com a mão desta última.

Estou muito satisfeito com o bom êxito de nossas experiências e devo participar-vos que aqui se encontram condições bem favoráveis para tentá-las.

A senhorita R. vive em um ambiente completamente ...

(Aqui a mão se detém e eu espero muito tempo. Depois “Rodolfo” recomeça).

... próprios deveres quotidianos e dificuldades a vencer. Se assim não fosse, eu não teria tentado estas experiências. “Carlos” ajuda-me. Seu fluido tão doce e tão calmo ...

(Aqui se dá nova interrupção, que também dura muito tempo, e depois “Rodolfo” recomeça).

... que poderiam perturbá-la. Por esta noite basta, senhorita R., e, portanto, me proponho a restabelecer a corrente. Boa noite aos amigos dos dois grupos. Rodolfo.”

Ora, as duas frases interrompidas, recebidas no grupo de Paris pela Sra. T., eram estas:

“... diferente do seu. Toda preocupação é deixada de parte e ela não é mais afligida pelo pensamento penoso dos ...

... isola a nossa preparação fluídica contra as correntes perniciosas, ...”

Nota-se, portanto, que, intercalando essas duas frases nos pontos em que se deram as interrupções na mensagem escrita pela senhorita R. em Wimereux, obtemos a seguinte mensagem completa:

“A senhorita R. vive em um ambiente completamente *diferente do seu. Toda preocupação é deixada de parte e ela não é mais afligida pelo pensamento penoso dos* próprios

deveres quotidianos e dificuldades a vencer. Se assim não fosse, eu não teria tentado estas experiências. “Carlos” ajuda-me. Seu fluido tão doce e tão calmo *isola a nossa preparação fluídica contra as correntes perniciosas*, que poderiam perturbá-la.”

Tais são os fatos. Acrescento que no começo da sessão do dia 22 de agosto, a Sra. T. me havia dito: “A Srta. R. está me escrevendo, mas deve estar sofrendo dor de cabeça, porque leva constantemente a mão esquerda à testa e tem os cabelos soltos.”, o que me foi inteiramente confirmado posteriormente.

Eis um segundo exemplo deste gênero:

– Na sessão de 16 de setembro, a médium Sra. T. assinala um ir e vir de dois “núcleos luminosos”, que representam os espíritos, e sente que se preparam para fazê-la escrever. E, de fato, escreve ela as seguintes frases destituídas de sentido aparente:

... prudentes como um convento de jovens educandos ...
(longa interrupção).

... seus grandes olhos tão doces estão habituados a ver passar ... (nova interrupção).

... a moderna cortesã, cujos olhos ... (outra interrupção, e nada mais).

Encerramos a sessão, pouco satisfeitos com seu resultado, porque o significado do que fora escrito era indecifrável; mas no dia seguinte recebemos de Wimereux algumas grandes folhas cobertas de escrita mediúnica da Srta. R., escrita à mesma hora em que a Srta. T. escrevia as frases também interrompidas. Tais folhas continham uma espécie de apólogo ditado mediunicamente por “Rodolfo”, no qual a significação dos períodos ficava suspensa em três pontos. Intercalando as interrupções às três frases incoerentes, obteve-se a seguinte narração:

As cervas do bosque

“Atravessando as densas moitas dos nossos parques, nunca vos encontrastes com as cervas que ali habitam por entre as densas folhagens, *ora prudentes, como um convento de jovens estudantes* bem comportadas, ora tímidas, medrosas, fugindo aos saltos, em bandos compactos, porém mais graciosas, mais sedutoras do que nunca? Nunca vos perguntastes em que pensam essas belas criaturas e qual é o destino que as espera? Longe de mim a idéia de traçar-lhes o horóscopo, do qual não saberiam elas o que fazer, mas me parece que a sua mentalidade deve ser muito diversa da que anima as cervas selvagens das matas. *Seus grandes olhos tão doces estão habituados a ver passar* estranhos carros que voam sem cavalos e, dentro dos carros ou pelas veredas dos bosques, estão acostumadas a divisar mulheres de grandes olhos semelhantes aos seus, mulheres delicadas, lânguidas, elegantes. Quem nos poderia dizer se a *moderna cortesã, cujos olhos* parecem desmesuradamente grandes pela obra genial de um pincel, não seria uma cerva da mata que já não se recorda do passado?”

“Cara amiga, tive alguma dificuldade em levar a cabo esta minha experiência porque a Srta. R. a buscava compreender, porém creio que o consegui. Rodolfo.”

Relato ainda outro exemplo:

No dia 5 de setembro, antes de se apagarem as luzes, a Sra. T. e eu pegamos juntas o lápis, como nos havia sido indicado fazer, de modo que a mão esquerda da Sra. T. se sobreposse à minha direita, que escreveu a seguinte frase: “Designa, em uma folha de papel, com uma só palavra, o tema que deseje que eu vá imediatamente desenvolver com a Srta. R.” em Wimereux.

Tiro uma folha do caderno que se acha em minha frente, reflito um instante e depois escrevo a palavra “sonho”.

Nesse ínterim a Sra. T. havia saído da sala e ficara fora todo o tempo que eu levava a pensar no tema a escolher. Quando voltou, eu já havia fechado no cofre a folha de papel

em que escrevera a palavra “sonho”, folha que ninguém mais viu até chegar de Wimereux a carta correspondente.

Reentrando, nota a Sra. T. que desaparecera um dos “núcleos luminosos”.

No dia seguinte, chega de Wimereux um grande envelope contendo algumas folhas, com a seguinte comunicação:

“Tenha paciência, Srta. R. Era preciso que eu arranjasse todas as coisas para a nova experiência. Espere um pouco. Neste momento estou muito ocupado. Não me faça perguntas. Quando estiver pronto, partirei.”

Depois de algumas garatujas do lápis, a comunicação continua).

“Cara amiga, não te direi com que sonham as meninas, pois isto não poderia interessar-te muito, tanto mais que já o disse De Musset em forma um tanto leviana, como era usual na literatura de seu tempo. Dir-te-ei antes que, por volta da meia-noite, quando adormeces, o espírito levanta vôo para regiões mais ou menos encantadas, segundo os casos. Um de nós te estende a mão para ajudar-te a transpor a fronteira fluidica que separa o estado consciente do estado de sonho e empregamos o nosso melhor esforço a fim de auxiliar-te a transpor rapidamente a região de nevoeiro que não te poderia proporcionar prazer. Em outros termos, conduzimos-te a nós, às regiões encantadas, cuja lembrança se apaga logo de tua memória. Não te deves, porém, queixar da lacuna que fica, pois que, para recordar os sonhos de tal natureza é necessário uma têmpera muito mais impressionável do que a tua. Se conservasses a recordação das belezas entrevistadas em nossa morada, a existência terrena se tornaria repulsiva a ti. Quando algumas vezes te levantas pela manhã, triste e desanimada, é porque, no fundo de tua consciência, persiste uma lembrança inconsciente de um país encantado, que, com as sombras da noite, desaparece de ti.

Cara amiga, não te parece que “Rodolfo” se torna um literato de fundo terrestre, embora trate de assunto astral? Sou eu mesmo quem dita as reflexões expostas, porque “Carlos”

neste momento não está aqui em Wimereux e sim junto de ti, em Paris.

Tudo isto eu escrevi para limitar-me ao tema que me propuseste. Até outra vez. Rodolfo.”

Ao relato dos fatos, o Dr. Geley faz considerações muito interessantes, das quais extraio o trecho seguinte:

“O que se depreende destas experiências? Um fato primordial, cujas conseqüências filosóficas são discutíveis, mas que se impõe à atenção. O fato é o seguinte: Nas “correspondências cruzadas” tudo concorre para presumir que uma inteligência autônoma, independente do médium e dos assistentes, tenha tomado a iniciativa das experiências no sentido de prepará-las, dirigi-las e levá-las a bom termo.

Toda vez que se refletir convenientemente sobre as experiências em exame reconhecer-se-á que tais conclusões se impõem irresistivelmente. Poder-se-ia talvez manter conclusões ilusórias? Não! De qualquer modo reconheço que não poderia excluir, sem reservas, a hipótese telepática e isto pela boa razão de não conhecermos, ou melhor, de não podermos estabelecer limites à telepatia. De qualquer modo, na circunstância do caso exposto, tal hipótese acha-se à frente de dificuldades insuperáveis.

Convém observar, a propósito, que as duas médiuns nunca haviam feito experiências juntas e que as relações existentes entre elas, puramente de conhecimento, não implicavam uma simpatia particular entre si, o que, de resto, não basta para excluir-se a hipótese telepática. Mas eis o que torna o caso mais grave: esta hipótese, na aparência tão simples, impõe, ao contrário, excessivas complicações ao nosso caso. Procuremos, portanto, analisar praticamente, de que modo se deveria ter desenvolvido uma ação telepática nas circunstâncias em exame.

Como se sabe, a telepatia implica a existência de duas pessoas em ação: uma ativa, outra passiva; uma transmissora, ou melhor, *emanadora*, se nos permitirem este neologis-

mo, outra receptora. De que forma, então, se realizaram tais atribuições nas experiências de Wimereux?

Nos casos das “correspondências cruzadas” ou simultâneas, parece logicamente impossível atribuir-se o papel de agente ativo a uma ou outra das médiuns, visto que ambas ignoravam a idéia, a natureza, o conteúdo das mensagens que escreviam e que ambas eram incapazes de compreender, isoladamente, o sentido e o fim de tais mensagens. Na realidade, ambas se portavam literalmente como duas máquinas postas em ação por uma direção única e por uma inteligência independente.

Note-se também que, no nosso caso, não se pode falar de puros impulsos telepáticos, porque o fenômeno implica, ao contrário, uma iniciativa deliberadamente ativa. A quem pertencia essa iniciativa? Talvez à “segunda personalidade” da Sra. T. ou talvez à Srta. R? O quesito fica literalmente insolúvel, porque é mal proposto. É verdade que se poderia ampliar o quesito, pressupondo que a parte ativa não fosse confiada nem a uma nem a outra das médiuns, mas sim à Sra. De W., que teria representado o papel de “Rodolfo”, mas, também neste caso, achamo-nos diante de dificuldades insuperáveis e, antes de tudo, porque com tal solução não se explicariam os fenômenos de clarividência da Sra. T., os quais deveríamos passar em silêncio, quando mais não fosse, porque a Sra. De W. não é médium e não se saberia como faria para “Desdobrar-se” e, ao mesmo tempo, permanecer em estado de vigília.

Tomemos o caso da mensagem sobre o tema “sonho” e analisemos o que deveria ter acontecido com a admissão da hipótese. Antes de tudo, a “personalidade subconsciente” da Sra. De W., sob o disfarce de “Rodolfo”, aparece e pede à sua “personalidade consciente” para designar-lhe um tema a ser desenvolvido; à Srta. R. e à “personalidade consciente” designa o tema “sonho” e logo depois a “personalidade subconsciente” da Sra. De W. transporta-se a Wimereux e dita o referido tema à Srta. R. Segue-se daí que a Sra. De W., mesmo mantendo-se sempre em estado de completa vigília,

seria a inspiradora involuntária do desenvolvimento do tema, de modo que teria agido conscientemente em Paris e inconscientemente em Wimereux, ao mesmo tempo. Tudo isto é literalmente inverossímil.

Esta é uma pequena amostra das dificuldades a superar a fim de apegar-se à hipótese telepática para explicação do caso em exame. Se quiséssemos sustentar, a qualquer custo, a hipótese, então nos encontraríamos envolvidos em muitas outras hipóteses insolúveis.

Assim, por exemplo, poder-se-ia sustentar que as personalidades mediúnicas em ação fossem “criações psíquicas coletivas”, devido à colaboração inconsciente das três pessoas que faziam as experiências. Com isto chegar-se-ia talvez a explicar as complexas e variadas repercussões telepáticas que se notam no caso em apreço, pois que desta vez as personalidades agentes ficariam independentes e autônomas, embora a independência e a autonomia fossem efêmeras como a sua existência, que teria apenas a duração da experiência. Infelizmente, porém, para esta extraordinária hipótese, choca-se ela, por sua vez, contra objeções insuperáveis. Antes de tudo, porque não existe nem mesmo sombra de uma prova da possibilidade de se criarem personalidades efêmeras de tal natureza, e depois porque a mesma hipótese é pelo menos tão revolucionária e contrária aos ditames da Psicologia clássica, como a hipótese espírita; enfim, porque esta última, pelo menos, conta a seu favor os casos de identificação *post-mortem*, casos bem numerosos e indubitavelmente muito perturbadores.

Restam as teorias ocultistas e afins, pelas quais as personalidades mediúnicas seriam seres fora da humanidade vivente e póstuma, isto é, gênios anjos, demônios, elementais, etc. Tais teorias chocam-se contra as mesmas objeções precedentes, com a agravante de não merecerem nem mesmo ser discutidas.

Resumindo: de todas as hipóteses para explicação dos fatos, aquela fornecida pelas personalidades mediúnicas, isto é, a hipótese espírita, é indubitavelmente a mais simples, a

mais clara, a mais convincente ao primeiro impulso, mas isto não prova que seja a verdadeira.

A hipótese telepática, quando examinada com critério profundo é, ao contrário, a mais complicada, a mais obscura, a menos satisfatória, mas tal não prova que seja falsa.

A hipótese das “criações psíquicas subconscientes” é a mais estranha, a mais arbitrária entre todas, mas isto não significa que se deva eliminá-la sem mais exame.

Perguntar-me-ão: quais são, então, as suas conclusões? Eilas: eu concludo, observando que, de qualquer modo, as experiências de Wimereux constituem um documento metapsíquico de primeiríssima ordem, que faz honra à questão das “correspondências cruzadas”, questão caída em descrédito.

A respeito da interpretação precisa a extrair-se das mesmas experiências, acho supérfluo indicar quais são as minhas preferências pessoais, tanto mais que elas não poderiam ser formuladas, no momento, com suficiente caráter de certeza.

Pouco importa, aliás. Mais do que nunca eu creio que a explicação isolada de um fato ou de um grupo de fatos, no domínio da Metapsíquica, é coisa de pouca importância e quase sempre ilusória. Mais do que nunca eu creio na necessidade de uma interpretação sintética ou global dos fatos, a única filosoficamente concebível. Mais do que nunca eu creio que tal interpretação sintética seja profunda e inabalavelmente idealista.”

Estas são as principais considerações que os fatos expostos sugerem ao Dr. Geley e folgo muito em achar-me de acordo com uma das inteligências mais rigorosamente lógicas que têm honrado o campo das pesquisas metapsíquicas.

Narrei, primeiramente, os dois grupos de experiências que precedem, a fim de separar nitidamente os casos propriamente ditos de “comunicações mediúnicas entre vivos” das que ainda pertencem ao grupo pela forma, mas não pela substância.

Faço seguir alguns episódios menos nitidamente espíritas, devido à modalidade com que se realizam, se bem que tudo

concorra para demonstrá-los como tais, principalmente se forem considerados em relação com os anteriores.

Caso 32 – Transcrevo-o dos *Annales des Sciences Psychiques* (1917, págs. 29/30). O Sr. Bredmester-Maurer envia de Giromagny (Belfort) a seguinte carta ao diretor da supracitada revista, Sr. C. de Vesme:

“Ilmo. Sr. Diretor:

Como assinante dos *Annales*, submeto à sua apreciação o caso que se segue:

– Há algumas semanas, por ocasião da partida de um nosso amigo com o qual eu realizava experiências psíquicas e que designarei pela inicial Y., nós lhe pedimos que nos enviasse uma mensagem por meio da mesinha mediúnica, no dia seguinte à sua chegada na nova residência, que dista de Giromagny cerca de 17 quilômetros.

No dia e hora marcados (9 da noite), minha esposa e eu nos sentamos à mesa e aguardamos. Convém notar que, sem o Sr. Y., nunca tínhamos conseguido fazer mover-se a mesa. Ao contrário, desta vez, quase imediatamente uma forte pancada fez-se ouvir no interior da mesa, que depois disso deu meio giro. Então perguntamos:

– Está presente algum espírito:

– Sim.

– Quem o envia?

– Y.

– Porventura estás encarregado de alguma mensagem para nós?

– Sim.

– Qual é a mensagem?

– “Jacqueline” está apaixonada pelos “dragões”.

– Onde se encontra Y.?

– Em um café em X.

– Em companhia de quem?

- De três oficiais.
- Quantos galões têm os oficiais?
- O primeiro um, o segundo e o terceiro, dois.
- Acham-se à mesa para começar experiências mediúnicas?
- Não.
- Que fazem?
- Bebem.
- Que bebem?
- Cerveja.

Na manhã seguinte recebemos do Sr. Y. uma carta em que ele nos comunicava a mensagem que nos havia remetido na noite precedente, a qual era literalmente idêntica à que recebemos mediunicamente.

Pedimos esclarecimentos ao Sr. Y. sobre as respostas dadas ao nosso interrogatório e ficamos sabendo que todas eram verdadeiras, salvo uma inexatidão sobre a qual o Sr. Y. nos escreveu: “Os três oficiais falaram realmente em mandar vir cerveja e demorar mais, porém eu me despedi e fui me deitar. O caso parece tanto mais estranho, porquanto recebestes informações independentes de minha vontade, isto é, as que se referem ao lugar em que me achava.”

(O diretor da revista acrescenta: “A meu pedido, o Sr. Bredemester-Maurer teve a gentileza de enviar-me os papéis referentes ao caso narrado, isto é, os dois bilhetes postais e as notas tomadas durante a sessão).

O episódio supracitado é interessante do ponto de vista das “comunicações mediúnicas entre vivos”, mas é, ao contrário, um tanto fraco do ponto de vista da intervenção, na mensagem aqui considerada, de uma entidade espiritual extrínseca. Em favor desta última interpretação, notam-se duas circunstâncias, porém, que são de ordem resolutiva: uma, que a personalidade comunicante não disse ser o Sr. Y. e sim o seu mensageiro espiritual, afirmação que só adquire certo valor pelo fato de existirem realmente os mensageiros espirituais de tal natureza, como já

vimos; e outra, que o Sr. Y. se havia proposto enviar somente uma breve mensagem, enquanto que os destinatários submetem a entidade comunicante a um interrogatório longo, obtendo informações suplementares verídicas que o agente não havia pensado enviar e que não teria podido mandar na forma do interrogatório que se desenvolveu, a menos que ele se achasse presente em espírito ou houvesse conversação a distância entre duas personalidades integrais subconscientes. Ora, em ambos os casos, o agente deveria ter caído em estado de sono claro ou disfarçado durante o período inteiro da conversação que se desenvolveu, pois que, se houvesse permanecido todo o tempo em estado de completa vigília, então o caso em exame deveria ser considerado como espírita, mas infelizmente faltam a tal propósito os informes necessários e, portanto, não é possível chegar-se a uma conclusão.

Quanto à pequena inexatidão ocorrida na transmissão telepática da mensagem, em que o fato de mandar *vir cerveja para beber no local* se transformou no outro fato de *beber cerveja* não apresenta valor teórico, pois que se trata, evidentemente, de um dos erros comuns de transmissão, dos quais não podem escapar as mensagens mediúnicas, porque, para se realizarem, devem, necessariamente, passar através do “comutador” cerebral de uma terceira pessoa.

Caso 33 – Extraído do *Journal of the American S. P. R.* (1919, pág. 276) este caso que a Srta. Mary H. Jacob relata ao diretor da citada associação, nos seguintes termos:

“Quando meu filho partiu, como soldado, para a França, eu não podia saber a data de sua partida, nem de sua chegada, até que o governo dos Estados Unidos houvesse recebido um telegrama do comando militar anunciando a chegada, a salvo, do transporte em que ele embarcara. Depois desse telegrama é que deixariam sair os postais para as famílias, escritos pelos soldados antes da partida e nos quais eles próprios anunciavam sua chegada à França.

Depois que meu filho partira, estava eu sentada certa noite na biblioteca, quando a minha mão esquerda pôs-se a fazer

curiosos movimentos automáticos semelhantes aos dos telegrafistas no exercício das suas funções. Minha filha trouxe logo papel, lápis e a mesinha, e minha mão começou imediatamente a escrever. Era um aviso de que o meu filho havia chegado, são e salvo, naquele momento, à França e o tal aviso era assinado por um outro filho meu, já falecido.

Tomamos logo nota do dia e da hora em que havíamos recebido e mensagem e, no devido tempo, recebemos cartão postal de meu filho, que, como disse acima, escrevera e entregara ao comando militar, antes de partir. Algumas semanas após chegou uma carta dele, na qual descrevia as peripécias da viagem e nos informava haver chegado são e salvo à França, justamente na hora em que recebêramos a mensagem mediúnica.

Note-se que o meu falecido filho, que se serviu de minha mão *esquerda* para escrever a mensagem, era *canhoto* em vida, e que eu nunca fui capaz de escrever, normalmente, com a mão esquerda. A mensagem do Além fora mais rápida do que a mensagem do Aquém.”

(Assinado) Mary H. Jacob.

(A filha da relatora confirma assim: “A mensagem, de que trata a narração de minha mãe, foi recebida nas condições exatas por ela descritas. (Assinado) Mary K. Jacob.”

Também o caso exposto é teoricamente fraco do ponto de vista da intervenção presumível de uma entidade de morto na comunicação mediúnica entre vivos e, naturalmente, eu não o teria classificado neste *subgrupo* se não existissem outros tantos episódios desse gênero, genuinamente espíritas, que nos induzem a presumir o mesmo também para os casos menos notoriamente espíritas. De qualquer modo, o episódio da médium que, na ocasião, escreve com a mão esquerda, o que coincide com o fato de ser o seu falecido filho canhoto, não é privado de certo valor, do ponto de vista da identificação pessoal do morto comunicante.

Caso 34 – Destaco-o de um longo relato da Srta. Anne Stockinger sobre as suas próprias experiências supranormais, espon-

tâneas e provocadas, relato otimamente documentado e publicado no *Journal of the American Society for Psychical Research* (1916, pág. 291). Ei-lo:

“Naquele período, duas primas nossas, as senhoras Nellie e Gula Scahrtz, ficaram órfãs e vieram viver conosco, tendo a primeira dezoito anos e a segunda quinze. Em junho de 1902, Nellie partiu para Indianápolis, em cujo hospital civil ingressou para fazer os três anos de prática exigidos para receber o diploma de enfermeira. Gula e eu continuamos a fazer sessões com a mesinha e certa noite manifestou-se o espírito de uma sua falecida irmã. Entre outras coisas, indagamos-lhe se nos podia dizer o que estava fazendo, naquele instante, em Indianápolis, a sua irmã Nellie. Respondeu-nos ela: “Esperem um momento que eu vou ver” e depois de alguns minutos voltou, informando: “Nellie não deseja que saibam o que ela está fazendo agora, pois se o souberem, ficarão apreensivas, com receio de que perca a saúde. De qualquer modo, encontrei-a escrevendo uma carta para vocês, carta que receberão dentro de dois dias”. E, de fato, a tal carta chegou na manhã do segundo dia, de modo que, neste ponto, a mensagem mostrou-se verídica, mas ficavam por verificar outras informações.

Escrevi, portanto, a Nellie, encaminhando-lhe a mensagem de sua falecida irmã, mas não conseguimos saber coisa alguma até quatro meses mais tarde, quando Nellie regressou em gozo de férias. Então ela nos mostrou logo uma fotografia, observando a respeito: “Eis o que eu estava fazendo naquele dia de março, quando vocês receberam a mensagem. Contrariamente ao regulamento do hospital, eu lhes remeti escondida a carta que ela lhes disse que eu estava escrevendo, mas tive bem o cuidado de não deixar vocês saberem o que eu estava fazendo para que não ficassem alarmadas pela minha saúde. Esta fotografia foi tirada através da janela da enfermaria em que estava eu encerrada”. Via-se, na fotografia, Nellie junto da figura horrível de um enfermo com varíola negra.”

Tal o fato, que o Dr. Hyslop faz seguir dos comentários abaixo:

“A observação contida na mensagem mediúnica, que Nellie não desejava se soubesse o que estava ela fazendo naquele momento, faz-me lembrar as experiências análogas de William Stead, por ele consideradas como comunicações de vivos.

O episódio em questão pode também representar o que é no máximo explicado pela telepatia e pela clarividência, mas a observação sobre a pessoa que se achava longe e que não desejava que os destinatários soubessem o que estava ela fazendo, pareceria implicar alguma coisa mais do que uma leitura passiva do que havia em sua subconsciência e tal implicaria também o propósito, por parte do agente mediúnico, de não transmitir a informação pedida.”

É precisamente assim, e tal observação parece suficiente para eliminar a hipótese de clarividência telepática, mas não a de uma presumível comunicação mediúnica entre vivos, visto que, em tal caso, ter-se-ia tratado de uma conversa entre duas personalidades integrais subconscientes e, em conseqüência, pareceria ainda verossímil presumir-se que a personalidade subconsciente da enfermeira tenha podido abster-se de comunicar aos parentes uma notícia que poderia inquietá-los.

Isto posto, em homenagem às regras da pesquisa científica, não parece porém racional descuidar da outra circunstância de que quem se manifestou mediunicamente foi a personalidade de uma morta que, interrogada a respeito de uma pessoa distante, respondeu: “Esperem um momento que eu vou ver”. E, como o desenvolvimento final dos fatos gira inteiramente em torno de tal fato de natureza espírita, não se pode deixar de comparar o episódio aos outros episódios iguais, acima citados, que têm caráter genuinamente espírita, tirando daí a convicção de que a hipótese espírita é indubitavelmente a mais verossímil e a mais provável também nas circunstâncias expostas.

Caso 35 – Retiro-o do já citado livro da Sra. Florence Marryat, *There is no death* (pág. 35), que escreve:

“Eu tinha o costume de levar meus filhos para o banho de mar no verão e, em uma das estações de banho, a fim de verificar até onde a mesinha podia realmente mover-se independentemente da “cerebração inconsciente” dos homens de ciência, eu me entendi com dois amigos, os Srs. Helmore e Colnaghi, meus habituais companheiros de sessão em minha casa, e combinamos continuar regularmente as nossas sessões apesar da separação: eu, em minha residência de beira-mar, todas as terças-feiras à noite, e eles em Londres, às quintas-feiras à noite, e isso a fim de transmitirmos algumas mensagens por intermédio do espírito-guia “Charlie”.

Na sessão da primeira terça-feira, eu disse a “Charlie”: “Pergunta-lhes se os seus corações sentem minha ausência” e a mensagem foi fielmente transmitida pela mesinha na quinta-feira seguinte. Na segunda terça-feira “Charlie” se manifestou logo, para transmitir, com a mesma fidelidade, a resposta dos amigos de Londres, que era assim concebida: “Informa à Sra. Marryat que Londres sem ela nos parece um deserto”, ao que eu repliquei com muita sinceridade, senão com pouca elegância: “Que tolice!” Poucos dias após eu recebia uma carta de meu amigo Helmore, na qual observa ele: “Receio que o nosso “Charlie” já ande enfadado com a função de portador de cartas, visto que, na última quinta-feira, apesar de nossa insistência para saber a mensagem da senhora, a mesa não fez outra coisa senão repetir “Que tolice!”

No caso exposto, nota-se uma circunstância que por si só basta para demonstrar a sua origem genuinamente espírita e é que, nas experiências em questão, os dois grupos de experimentadores, ao invés de fazerem as sessões na mesma ocasião, reuniram-se em dias separados, isto é, nas noites de terça e quinta-feira.

Em tais circunstâncias, não é mais possível recorrer-se a uma interpretação mais ou menos telepática dos fatos e, portanto, não é possível classificá-los entre os fenômenos de comunicações mediúnicas entre vivos, porque a mensagem telepática não pode, certamente, levar dois dias no espaço à espera de que se reúna um grupo de experimentadores longínquos a que teria de ser transmitida, pois fatalmente e instantaneamente deveria percorrer

o seu caminho pelo éter. Segue-se daí que, em tais circunstâncias, a lógica impõe que os fatos sejam interpretados conforme se manifestam notoriamente, isto é, concluindo-se pela presença real de uma personalidade espiritual que acolha a mensagem e a retenha na sua memória, à espera de chegar o dia de transmiti-la às pessoas às quais se destinam. Não é fácil cogitar-se de uma terceira solução para o caso em exame.

Caso 36 – Tomo-o do *Journal of the American S. P. R.* (1918, págs. 728/37). Trata-se de um episódio rigorosamente documentado. Seus protagonistas, devido à sua posição social, não desejam que os seus nomes sejam divulgados.

O Sr. T. J. T., que naquela ocasião era um alto funcionário do Ministério do Tesouro dos Estados Unidos, exercitava-se em experiências mediúnicas com a Sra. Willa L. No ano de 1900, o filho dessa senhora, o Capitão Henry L., partira para a China, onde haviam sido iniciadas hostilidades entre os aliados e o governo chinês. No dia 13 de julho deu-se o combate de Tien-Tsin e os jornais publicaram a lista dos oficiais mortos e feridos. Entre estes últimos achava-se o nome do Capitão Henry L. e a mãe dele, Sra. Willa L., ficou profundamente consternada. Na mesma noite o Sr. T. J. T. propôs que pedissem informações às personalidades mediúnicas sobre os ferimentos que ele recebera.

Estes são os antecedentes do caso. O Sr. T. J. T. continua a sua narrativa nos seguintes termos:

“Não se chegou a resultado algum, mas no fim da sessão a “prancheta” moveu-se com a rapidez característica e foi ditado: “Sou a vossa amiga “Carrie P.”. Noto que Willa achase profundamente preocupada. Que aconteceu?”

Relatamos-lhe o ocorrido, acrescentando que as personalidades mediúnicas que se manifestaram não se achavam em condições de fornecer informações sobre o estado do ferido.

Na noite seguinte fui novamente à casa da Sra. Willa L. e mal apoiei a mão sobre a “prancheta”, esta imediatamente se moveu e escreveu: “Sou Carrie. Já fui procurar o Henry e folgo em informar que ele está vivo. Ontem à noite, quando a deixei, disse comigo mesma: “Oh! se eu o pudesse ver e a-

liviar a dor da pobre mãe!” Pois bem, percebi que esse desejo ardente me havia posto em condições de vê-lo. Está ferido no lado esquerdo. Várias artérias cortadas, perdeu grande quantidade de sangue e está, portanto, fraquíssimo, porém resta esperança de cura. Acha-se ferido também na coxa direita.”

Ficamos bem impressionados com tal mensagem, em cuja autenticidade acreditamos inteiramente. Procuramos saber exatamente quais os locais das feridas, porém ela não nos soube dizer mais nada, esclarecendo que o seu modo de observar os fatos não é precisamente o que nós chamamos “ver”, mas antes uma “impressão” e, a seguir, empregou sempre o termo “impressão”.

Dois dias após, o *New York Herald* publicava uma narração da batalha de Tien-Tsin, na qual se lia o seguinte trecho: “O Capitão Henry L. transportou o Tenente B. debaixo de nutrido fogo do inimigo, ficando por sua vez ferido em um braço e uma perna. Atravessou a nado o canal sob fogo do inimigo, sem nunca abandonar o Tenente B. Em consequência, foi-lhe amputado um braço.”

Pedi, à noite, explicações sobre o caso a “Carrie”, porque ela havia informado que o capitão fora ferido do lado esquerdo, quando o telegrama dizia de um ferimento no braço que fora amputado. Respondeu-nos ela que não recebera “impressão” alguma de amputação, mas que se tratava de um ferimento no braço esquerdo, o que estava de acordo com a “impressão” que havia então recebido.

Poucos dias mais tarde, o *New York Sun* publicava um telegrama tratando do Capitão Henry L. e informando que ele se achava levemente ferido e dentro de breves dias estaria curado. (Soubemos depois que tal telegrama fora ditado ao correspondente do jornal pelo próprio capitão a fim de tranquilizar a sua progenitora.) Esse telegrama teve como efeito abalar a minha fé nas comunicações mediúnicas recebidas. Quando, à noite, referi o conteúdo a “Carrie”, insistiu ela em afirmar que, ao contrário, o Capitão L. se achava em condições de extremo abatimento, mas, ao mesmo tempo, negou

que lhe houvessem amputado um dos braços. Observa ela a propósito: “Li na mente dele o seguinte pensamento: “Que figura faria eu se me amputassem um braço?” Ora, penso eu que, se lhe tivessem amputado um braço, deveria sabê-lo.

Finalmente, em 29 de julho o Almirante Remey telegrafou à Sra. Willa L. nos seguintes termos: “Capitão Henry L. ferido por bala no braço esquerdo grande perda de sangue ruptura do antebraço amputado no ombro cura duvidosa.” Tratava-se de informações autênticas e definitivas, de sorte que “Carrie” ficou algo decepcionada ao verificar que não havia recebido “impressão” alguma com referência à amputação ocorrida. De qualquer modo, continuou a manter-nos diariamente informados sobre o estado do enfermo, repetindo-nos que o seu robusto organismo venceria a prova.

Alguns dias depois da data do último telegrama, “Carrie” nos disse que os cirurgiões tinham novamente operado o doente, mas que tudo ia bem. Depois nos informou da transferência do ferido, do hospital de campanha para outro hospital muito estranho e muito original (verificou-se que se tratava do hospital naval de Yokohama.)

Em setembro, o Capitão Henry achava-se em condições de escrever à sua progenitora, anunciando-lhe que no dia 27 de outubro partiria de Yokohama para repatriar-se, mas, já na noite de 17 de outubro, “Carrie” nos comunicava que ele estava em viagem e que se avizinhava da pátria. Observamos-lhe que, a julgar pela sua própria carta, ele só partiria no dia 27 do mês, mas ela insistiu em afirmar que o navio em que embarcara já se avizinhava das costas americanas e, de fato, no dia seguinte, 18, a Sra. Willa L. recebia um telegrama do filho anunciando-lhe que havia desembarcado no porto de S. Francisco. Ficara impaciente por regressar à pátria e se aproveitara de outro navio, embarcando logo.

Quando chegou em casa, estávamos, como é natural, ansiosos por verificar o que havia de exato, nas comunicações mediúnicas recebidas e ficamos sabendo que as informações a respeito de suas condições de saúde e da mudança de um hospital para outro eram inteiramente verdadeiras. Verifica-

mos também que, depois de ferido, ele percorrera três milhas para chegar ao hospital de campanha, atravessando a nado um canal cheio de cadáveres em putrefação, e quando foi colocado na mesa de operações, desmaiou por excesso de sangue perdido. Em consequência disso só foi operado oito dias depois, de modo que, no momento em que recebemos a primeira comunicação de “Carrie”, *o braço do ferido ainda não havia sido amputado*. No oitavo dia, manifestou-se a gangrena, e a operação foi feita. Poucos dias depois a gangrena reapareceu nas bordas da ferida e tornou-se necessária a segunda amputação.

A perda de sangue foi tal, que determinou um estado profundo de anemia cerebral, de forma que ele não se achava em condições de afirmar se, naquele instante, havia refletido sobre a figura que faria com um braço de menos. Em seguida foi transportado para o hospital de Yokohama.

O capitão negou que houvesse sido ferido na coxa direita e, em vista disso, a informação mediúnica a respeito parecia totalmente inexata, mas um dia em que eu o ajudava a despir-se, ele me chamou a atenção para a cicatriz existente na parte interna da sua coxa direita. Tinha as proporções de uma palma de mão e a aparência de uma profunda queimadura. Explicou-me que, quando desmaiara na mesa de operações, no mesmo dia em que fora ferido, foram aplicados sobre seu corpo vários recipientes especiais cheios de água quente e que um deles, introduzido entre as pernas, ficara esquecido e por isso a coxa direita resultou literalmente cozida e se formara no local uma chaga dolorosíssima. Compreendi então que a “impressão” de “Carrie” sobre uma ferida recebida pelo capitão, na coxa direita, indubitavelmente se originara do incidente exposto.

Concluindo: estou convencido de que a série de comunicações mediúnicas por nós recebidas eram o que afirmavam ser, isto é, uma série de mensagens provenientes, positivamente, de um espírito desencarnado.”

No caso supracitado, em última análise, tudo é verídico, mesmo as inexatidões, como aquela da queimadura interpretada como uma ferida. E até esta última resulta teoricamente mais sugestiva do que as informações precisas, pois que, por ela, fica confirmada a asserção da personalidade mediúnica comunicante, que não via diretamente os fatos, mas que vinha a conhecê-los pela “impressão”. Daí a possibilidade de freqüentes inexatidões nos informes obtidos desse modo, como é o caso na circunstância referida. E, uma vez admitido que a personalidade mediúnica de “Carrie” apreendia positivamente os informes, sob a figura de “impressão”, ficam com isto eliminadas as hipóteses da telepatia e das comunicações entre vivos, pois que, tanto em um como no outro caso, não deveriam ter-se verificado inexatidões da natureza exposta.

Estamos, portanto, obrigados, necessariamente, a admitir que no caso em apreço a personalidade mediúnica de “Carrie” era realmente o que ela dizia ser, isto é, o espírito de uma moça amiga da família do Capitão L. e que, nessa circunstância, fazia o papel de mensageiro entre o filho ferido e a mãe ansiosa por notícias. Em suma, trata-se de outro caso de manifestações positivamente espíritas.

Recordo, de fato, que, quando os opositores observam que, se se chegasse a provar que o médium retira das subconsciências alheias os informes verídicos que fornecem em nome de personalidades de vivos, então dever-se-ia presumir que consiga obter, das mesmas fontes, também os informes verídicos que fornecem em nome de personalidades de mortos.

Relembro que, quando os opositores observam tudo isso, formulam uma objeção com certa aparência de verdade e de força, conquanto efetivamente as suas induções em tal sentido sejam fruto de uma análise superficialíssima dos fatos, que demonstram, ao contrário, que nas comunicações mediúnicas entre vivos, longe de tratar-se de “clarividência telepática” ou de “telemnésia” (como presumem os opositores), o caso é de próprias e verdadeiras conversações entre duas personalidades espirituais subconscientes, demonstração esta que basta para subverter completamente os termos da questão, transformando as

comunicações mediúnicas entre vivos em ótimas provas em favor da autenticidade das comunicações mediúnicas com os mortos.

De qualquer modo, a solução da tese em tal sentido reclama ainda ser ela submetida a uma prova ulterior de análise comparada que lhe confira a necessária solidez e, para fazê-lo, deve-se deslocar um tanto os termos do debate, produzindo os fenômenos afins da “leitura do pensamento” e da “clarividência telepática” sobre os quais se fundam as induções dos opositores. Procedendo assim, chegaremos a alcançar o escopo de circunscrever os limites das faculdades subconscientes, provando incontestavelmente que não existem faculdades supranormais capazes de selecionar, a distância, tais informes nas subconsciências alheias e, ainda menos, de selecioná-las sem limite de tempo, de espaço e de condições, fazendo ainda observar que, nas comunicações entre vivos, as personalidades fornecem elementos destinados a identificá-las.

Os fenômenos da “leitura do pensamento” e da “clarividência telepática” são constituídos de um complexo variado de manifestações, mas não ocorre considerá-los aqui nos seus múltiplos aspectos, e sim nas suas fases máximas de manifestação. Recorramos, portanto, a exemplos extremos de cada uma das categorias em exame.

Eis dois exemplos, entre os mais extraordinários, de leitura do pensamento nas subconsciências alheias.

A Srta. Goodrich Freer, a conhecida sensitiva, a quem se deve um estudo magistral sobre as suas próprias experiências de “visão no cristal”, expõe nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. XI, págs. 114/44) numerosos incidentes de “leitura do pensamento em consciências alheias”, entre os quais o seguinte:

“Eu devia visitar certa amiga que se casara recentemente. Não conhecia o marido dela, mas, pelo que havia ouvido dizer, esperava encontrar um perfeito cavalheiro de alma nobre e elevada posição social. Quando me foi apresentado, notei que ele estudava os meios de ser agradável e de demonstrar delicada hospitalidade às pessoas reunidas em sua

casa; contudo, desde o primeiro momento em que tive ocasião de observá-lo com alguma atenção, fui perturbada por uma curiosa forma de alucinação que me pôs perplexa a respeito dele. Em qualquer situação que ele se achasse, fosse à mesa, na sala ou ao piano, no fundo do ambiente que o circundava, a sua pessoa desaparecia para ser substituída por uma visão na qual eu divisava o mesmo senhor na infância, olhando-me com a expressão do mais abjeto terror, com a cabeça baixa, as costas altas, os braços estendidos, como que para se defender de uma tempestade de murros que lhe caíssem sobre as costas.

Como era natural, eu me dispus a fazer indagações a seu respeito, conseguindo saber que a cena por mim vista lhe havia realmente ocorrido em sua infância, em uma escola civil, em conseqüência de uma baixa ação de fraude devido à qual fora vergonhosamente expulso e se empenhara em violenta discussão com os seus colegas.

Como explicar semelhante forma de visão verídica? Penso que seria simbólica e que representaria uma espécie de aviso prévio a respeito da atmosfera moral que circundava o homem que se achava defronte de mim, como amostra de suas qualidades de cavalheiro, e tal impressão minha foi justificada, porque as desconfianças que geraram em mim a tal visão foram amplamente confirmadas por fatos desagradáveis que se seguiram.

As visões desse gênero me parecem análogas às que são evocadas por meio da “psicometria”, as quais não são visões telepáticas e sim “impressões” psíquicas. E parece-me absurdo pretender-se que a cena por mim vista, ocorrida dez anos antes, naquele momento se achasse presente na memória do seu protagonista.”

Assim diz a relatora, que tem plena razão em não admitir que a sua visão tivesse origem no pensamento consciente do protagonista, que se houvesse recordado, naquele momento, do episódio vergonhoso sucedido em sua meninice. Eliminada tal hipótese, eis-nos frente a um exemplo de conformidade com aquele a

que se referem os opositores da hipótese espírita, exemplos em que o sensitivo colhe informações existentes, em estado latente, na subconsciência de um terceiro. Para as conclusões teóricas que teremos, a seu tempo, de extrair do episódio em exame, convém notar nele estas duas circunstâncias essenciais: em primeiro lugar, que o incidente em questão era relativo à experiência pessoal do protagonista e não se tratava de coisas de um terceiro qualquer por ele conhecido; em segundo lugar, que o incidente visto pela sensitiva, embora afastado no tempo, era de natureza tal a imprimir-se indelevelmente na alma de quem o havia suportado. Não era insignificante, como quase sempre são os informes fornecidos pelos mortos com o fim único de provar a sua identidade pessoal. As duas circunstâncias indicadas são de importância decisiva na interpretação teórica dos fatos, como dentro em breve demonstraremos.

Eis um segundo exemplo do mesmo gênero.

O célebre estadista suíço Zshokke possuía qualidades excepcionais de sensitivo clarividente e a sua notoriedade é, acima de tudo, devida às suas qualidades de sensitivo e não de político.

Escreve ele:

“Sucedem-me freqüentemente que, ao esbarrar pela primeira vez com uma pessoa desconhecida e enquanto, em silêncio, eu escuto as suas palavras, vejo passar diante de meus olhos, sem procurar, e perfeitamente distinta, uma visão da sua vida passada, enquadrada no ambiente em que se desenrolou, porém quase sempre vejo uma cena principal de sua vida e nada mais. Quando isso acontece, sinto-me de tal modo absorvido na contemplação da visão que se desenvolve na minha frente, que quase não percebo mais o vulto da pessoa que me fala, embora continue contemplando o seu rosto, bem como não ouço mais a sua voz.

Durante muito tempo eu tive menos confiança do que qualquer outro na veracidade de tais visões e, quando me decidia a revelar ao meu interlocutor o que estava vendo a seu respeito, esperava naturalmente ouvi-lo responder-me: “Nada disso é verdade”, e muitas vezes sentia um calafrio de

horror percorrer-me os ossos quando o interlocutor respondia confirmando a minha descrição, mas, outras vezes, o espanto que lhe aparecia no rosto punha-me informado da exatidão da minha visão antes que ele a confirmasse.

O incidente que passo a relatar foi um dos que mais me pasmaram: Cheguei certo dia à pequena cidade de Waldshut e fui hospedar-me no hotel *Vine Inn*, em companhia de dois jovens estudantes. Jantamos na *Table d'Hôte*, juntamente com numerosos outros viajantes que davam grandes gargalhadas quando se falava no Magnetismo de Mesmer e na Fisiognomia de Laváter (estudo do caráter de uma pessoa pelos traços fisionômicos). Um dos meus companheiros, que se sentia ofendido no seu orgulho nacional por aquelas risadas estúpidas, pediu-me que os contestasse e especialmente que fizesse calar um jovem que estava sentado na minha frente e que, mais do que qualquer outro, se permitia debochar e proferir ditos espirituosos contra os nomes desses dois grandes homens. No mesmo instante tive uma visão da vida do jovem e por isso lhe dirigi a palavra, perguntando-lhe se podia estar certo de que ele me responderia sinceramente se eu lhe revelasse coisas notáveis do seu passado, embora me fosse desconhecido, fazendo-lhe notar que, se eu obtivesse bom resultado, seria ir muito mais longe do que Laváter com os seus estudos.

Ele me prometeu que se as minhas revelações estivessem corretas, ele o confirmaria sem restrições. Então lhe descrevi tudo o que me havia aparecido na visão e todos os presentes ficaram, desse modo, informados da vida passada de um jovem viajante comercial a começar dos seus anos de escola para passar pelos seus muitos erros juvenis e terminar com uma falta muito mais grave com relação ao cofre de seu chefe e lhe descrevi ainda um quarto sem móveis, com as paredes caiadas de branco, onde à direita de quem entrava, em cima da mesa, se achava um pequeno cofre preto, etc., etc.

Durante a minha narração, um silêncio mortal reinava no ambiente, silêncio esse que só era por mim interrompido de vez em quando para interrogar o meu interlocutor se estava

correta a minha descrição. O jovem, cheio do maior espanto, não fazia outra coisa senão confirmar as minhas palavras, todas as vezes que eu o interrogava, com freqüentes movimentos da cabeça, o que fez também – e isso eu não esperava – quando lhe descrevi o último quadro. Surpreendido e comovido pela sua sinceridade, levantei-me e fui apertar-lhe a mão, do outro lado da mesa.

Dir-se-ia que cada homem traz consigo a história completa de sua vida como se ficasse escrita, em caracteres espirituais, em sua mente, onde outra pessoa, em “relação psíquica” com ele, pode lê-la.” (William Howitt – *History of the Supernatural*, Vol. I, págs. 99/100).

Também quanto a este segundo episódio, deve-se observar o que foi dito com relação ao primeiro, isto é, que os informes sobre a existência passada da pessoa submetida à indagação do sensitivo representam as coisas mais salientes do seu passado e, acima de tudo, dizem respeito exclusivamente à pessoa em questão e nunca a terceira pessoa que ele tenha conhecido quando viva.

Passo a narrar um exemplo igualmente notável de leitura a distância em subconsciências alheias (clarividência telepática).

O célebre mitólogo Andrew Lang em sua obra intitulada *The Making of Religion* (págs. 83/104) relata experiências de “visão no cristal” por ele feitas com a distinta senhorita inglesa Angus, que possuía delicados dotes dessa categoria de visões supranormais.

Entre outras coisas, narra ele o seguinte episódio:

“A última visão que apareceu no cristal interessava muito à sensitiva, mas desapareceu para dar lugar à aparição de uma senhora vestida com um penteador e deitada em um sofá, *com os pés descalços*. A Srta. Angus não conseguia distinguir o rosto dela, porque a imagem lhe aparecia voltada de costas, de modo que anunciou a nova visão com manifesta contrariedade, uma vez que estava interessada na imagem anterior. A Sra. Cockburn, entretanto, para quem nenhuma visão havia aparecido, mostrou-se contrariada com isso e

particularmente me manifestou o seu cepticismo sobre a veracidade das imagens aparecidas no cristal. Em um sábadó, dia 5 de fevereiro de 1897, porém, tive novamente ocasião de fazer experiências com a Srta. Angus, juntamente com a Sra. Bissott, e quando esta anunciou que havia pensado em certa coisa para aparecer no cristal, a Srta. Angus divisou no mesmo uma alameda de bosque ou de jardim perto de um rio, em um céu perfeitamente sereno e completamente azul. Na referida alameda achava-se uma senhora elegantemente vestida que, passeando, fazia girar sobre o seu ombro uma sombrinha belíssima, tendo os seus passos um encadeamento rítmico algo curioso. Ao lado dela estava um jovem cavaleiro, vestido com uma roupa branca leve como a que se usa na Índia. Tinha os ombros largos, pescoço curto, nariz afilado e escutava sorrindo, mas indiferente, as palavras da sua companheira, evidentemente muito viva e bem loquaz. O rosto dessa senhora estava um tanto pálido e descarnado, como de uma pessoa em más condições de saúde. Depois a cena mudou e apareceu o mesmo moço, sozinho, tomando conta de um grupo de trabalhadores ocupados em derrubar árvores.

A Sra. Bissott reconheceu logo, na imagem que apareceu no cristal, sua própria irmã Sra. Clifton, que se achava na Índia, e ficou muito espantada quando a Srta. Angus imitou o andar da pessoa vista no cristal, andar peculiar causado por uma enfermidade que a Sra. Clifton havia sofrido anos antes. Além disso, a Sra. Bissott e o seu marido reconheceram o cunhado no homem visto pela sensitiva e então apresentaram à Srta. Angus uma fotografia da Sra. Clifton quando noiva e a Srta. Angus observou que o retrato parecia muito com a senhora por ela vista no cristal, conquanto nele parecesse mais bonita. Depois mostrou um novo retrato da Sra. Clifton, recebido na Índia, no qual aparecia perfeitamente o rosto magro da visão no cristal.

No episódio exposto, fica excluído que se pudesse tratar-se de “clarividência no presente”, visto que, no incidente dos “pés descalços”, verificou-se que havia acontecido três horas

antes de ser visto no cristal, indício notório de que, uma vez estabelecida a “relação psíquica” (produzida por meio da progenitora presente à experiência), a sensitiva, ou melhor, as suas faculdades subconscientes retiraram tal incidente ainda vivo na memória da senhora afastada, incidente esse visto no cristal e transmitido pela personalidade subconsciente da sensitiva à sua própria personalidade consciente.

Diga-se o mesmo do episódio realizado entre a Inglaterra e a Índia e isto porque, tendo a sensitiva visto duas pessoas quando passeavam em um jardim e logo depois a outra visão de uma só delas quando dirigia um serviço de derrubada de matas, tal demonstra que, em um caso como em outro, não se podia tratar de “clarividência no presente”, mas sim de “clarividência telepática”, isto é, leitura do pensamento subconsciente de pessoas afastadas.

No dia seguinte, domingo, 6 de fevereiro, a Sra. Bissott recebeu inesperadamente, da Índia, uma carta de sua irmã, datada de 20 de janeiro, carta em que a Sra. Clifton descrevia uma localidade indiana para onde ela havia ido para uma grande cerimônia e passara num jardim, à margem de um rio. Acrescentava que, juntamente com o marido, deveria partir para outra localidade, de onde iriam para pleno campo, até o fim de fevereiro, pois que uma das atribuições de seu marido era superintender um trabalho de derrubada de matas, preparatório para a formação de novos campos de cultura. Era precisamente o que a Srta. Angus vira no cristal.

Quando a cética Sra. Cockburn foi informada de tais coincidências verídicas, teve uma idéia. Escreveu à sua filha para perguntar-lhe se na quinta-feira, 2 de fevereiro, porventura ela se achava sentada em um sofá, com os pés descalços. A moça respondeu-lhe que o fato era verdadeiro, mas, quando veio a saber da forma como isso chegara a conhecimento de terceiros, expressou toda a sua reprovação por essa forma de invasão ilícita na intimidade doméstica.

O incidente dos *pés descalços* se verificara entre as 4:30 e as 7:30 horas da tarde, ao passo que a visão correspondente se dera perto das 10 horas da noite.”

Do ponto de vista teórico, convém recordar, antes de tudo, que os fenômenos de “clarividência telepática” são condicionados pela necessidade imprescindível da “relação psíquica” que só pode ser produzida nas seguintes circunstâncias: quando o sensitivo conheça a pessoa afastada com a qual deseja entrar em relação ou quando a pessoa afastada, desconhecida do sensitivo, seja conhecida de outra pessoa que se encontre em companhia do sensitivo ou em relação com ele, ou quando ao sensitivo seja apresentado um objeto usado, durante muito tempo, pela pessoa afastada (psicometria). Recordemos, portanto, que, fora de tais condições, não é possível que um sensitivo entre em relação com uma pessoa afastada (entretanto, muitas vezes os opositores presumem que aconteça).

Além disto, convém notar que, no caso exposto, como nos casos precedentes, as visões da sensitiva se referiam unicamente a incidentes estritamente pessoais dos indivíduos vistos, bem como a incidentes ainda vivos em sua subconsciência.

Finalmente, não se deve esquecer que os referidos episódios representam os limites extremos a que chegam, potencialmente e rarissimamente, as faculdades inquiridoras da “leitura do pensamento” e da “clarividência telepática”.

Isto posto, querendo tirar-se as conclusões que os fenômenos da “leitura do pensamento nas subconsciências alheias” necessariamente encerram, dever-se-á reconhecer, em primeiro lugar, que, se os fenômenos em exame, que se realizam com o sensitivo e as pessoas juntas umas das outras, podem ser cientificamente demonstrados, contudo isto se refere, limitadamente, a incidentes ainda frescos na mente, consciente e subconsciente, da pessoa. Fica entendido que um incidente pode conservar-se vivo por efeito de sua realização recente, ou porque tenha ficado assinalado numa data marcante na mente, consciente e subconsciente, da pessoa. Repito que os fenômenos da natureza em questão não vão além de tais condições mnemônicas que predisõem a pessoa, isto é, que nunca se deu o caso de um sensitivo ter livremente retirado informes insignificantes e totalmente esquecidos na memória subconsciente de um consultante e ainda menos que da subconsciência do consultante tenha tirado informes insignifi-

cantes e totalmente esquecidos *referentes a terceiras pessoas por ele conhecidas em épocas remotas*, como pressupõem, constantemente, os opositores da hipótese espírita. E tal impossibilidade seria de presumir-se mesmo *a priori*, visto que somente as coisas pessoais podem constituir, na subconsciência, uma série sistematizada de recordações latentes, com uma “tonalidade vibratória”, para assim nos expressarmos, suficientemente viva para ser perceptível aos sensitivos. As simples recordações longínquas de incidentes insignificantes e totalmente esquecidos, sucedidos a terceiras pessoas conhecidas do consulente, não poderiam ter essa “tonalidade vibratória”.

Em segundo lugar, deve-se afirmar o mesmo, e com maior razão, a respeito dos fenômenos de leitura do pensamento *a distância* (clarividência telepática), fenômenos que, por sua vez, podem ser considerados cientificamente averiguados, conquanto se realizem raramente em comparação com os primeiros, em que o sensitivo e a pessoa estão juntos. E já se compreende, como mais do que nunca se deve observar a respeito, que não se conhecem exemplos em que um sensitivo tenha retirado, das subconsciências de pessoas distantes, informes insignificantes e esquecidos, ocorridos à pessoa em épocas remotas e muito menos ainda informes insignificantes e totalmente esquecidos *referentes a terceiros conhecidos no passado pela pessoa*. Portanto, mais do que nunca se deve repetir agora que os fenômenos de “clarividência telepática” são governados por leis indispensáveis que os circunscrevem em limites bem definidos e relativamente estreitos.

Isto posto, relembro que, nos comentários aos casos expostos no *subgrupo C*, ficou demonstrado que, de qualquer modo, nas comunicações mediúnicas entre vivos, não se trata absolutamente de “clarividência telepática” em que o médium surrupiasse informes às subconsciências alheias, mas sim de verdadeiras e próprias conversações entre duas personalidades integrais subconscientes. Depois disso, nos mesmos comentários, foram comparadas as comunicações mediúnicas entre vivos com as comunicações análogas obtidas dos mortos, fazendo salientar a absoluta identidade delas, visto que estas últimas são obtidas, na

sua imensa maioria, com o auxílio da “psicografia” e sob a forma de conversação, do mesmo modo que as comunicações entre vivos. Resulta daí que, se no primeiro caso se chega à certeza científica com relação ao fato de que as manifestações de vivos, longe de consistirem em efêmeras personalidades sonambúlicas, são autênticas personalidades de vivos, então deve-se concluir em sentido idêntico, nas manifestações de mortos que provem as suas identidades, fornecendo informes pessoais ignorados por todos os presentes.

Chegados a este ponto, fizemos notar que aos opositores restava uma única argumentação para confirmarem e era a de que, se as comunicações mediúnicas entre vivos se realizavam em forma de conversação entre duas personalidades subconscientes, isto não excluía que os médiuns pudessem igualmente retirar de terceiras pessoas afastadas, sob essa forma, informes que forneciam em nome dos supostos espíritos. A tal argumentação, respondemos observando que a ela se opunha, acima de tudo, a grande lei da “relação psíquica”, que é impossível de ser estabelecida com pessoas afastadas e desconhecidas do médium e dos presentes, o que fica provado pelos processos da análise comparada aplicados às manifestações telepáticas e clarividentes, impossibilidade essa que deveria ser considerada, ao contrário, muitíssimo possível, a fim de chegar a explicar, de algum modo, o montante de casos de identificação pessoal de mortos, sem admitir a hipótese espírita.

Depois acrescentemos que a ela se contrastava o outro fato de que, se a objeção em exame tivesse fundamento, então o automatismo psicográfico, no que tem de automatismo, deveria transcrever, inevitavelmente, as respostas obtidas das personalidades que dão os informes aos vivos distantes, visto que as manifestações mediúnico-psicográficas consistem nisso e em nada mais do que isso e, portanto, deveriam trair a origem “telemnésica” dos presumidos episódios de identificação espírita, observações estas que chegam a condições resolutivas a cujas conseqüências os opositores não tinham meios de subtrair-se, levando-se em conta que, se os casos de identificação pessoal dos vivos, em sua grande maioria, são obtidos por meio da “psicografia” e da

“tiptologia”, do mesmo modo que nos casos de identificação pessoal dos vivos, então o que fica cientificamente demonstrado com respeito às manifestações dos vivos deve estar cientificamente demonstrado com respeito às manifestações dos mortos.

Depois do que fica dito acima, é quase inútil observar que, do ponto de vista científico, deve ser excluída, de modo absoluto, a possibilidade teórica de explicar, *pela clarividência telepática, entrando pela telemnesia*, os casos em que as personalidades dos mortos comunicantes fornecem informes insignificantes e ignorados sobre a sua vida térrea, possibilidade teórica que deve ser excluída porque não existem manifestações supranormais que a confirmem, enquanto que existem numerosas manifestações de ordem análoga que a contradizem. Além disso, deve ser excluída porque se revela inconciliável com as modalidades de realização das manifestações em exame e, finalmente, deve ser excluída porque é igualmente inconciliável com a lei fatal da “relação psíquica”. E tudo isto basta para a demolição de qualquer hipótese.

E uma vez desocupado o terreno com a retirada das hipóteses insustentáveis, então surge, em toda a sua evidência, o grande valor teórico das “comunicações mediúnicas entre vivos”, as quais apresentam sobre as comunicações análogas dos mortos, a imensa vantagem de se prestarem a fornecer inferências teóricas incontestáveis, porquanto são baseadas em dados de fatos verídicos e completos, fornecendo a possibilidade de edificar, sobre fundamentos solidíssimos, a nova Ciência da alma. Pois que, se pela força das manifestações mediúnicas entre vivos somos forçados a admitir que, entre duas personalidades integrais subconscientes, podem desenrolar-se conversações espirituais a qualquer distância, então com isto vem-se a criar uma base inabalável e formidável em favor da existência e sobrevivência da alma. Digo *inabalável*, porque os fatos, sobre os quais se funda, são verificáveis não só nos seus efeitos, mas igualmente nas suas causas, e *formidável*, porque apenas encontrado um fundamento teórico de tanta solidez, então a inferência de que as manifestações mediúnicas entre vivos subentendem a existência subconsciente de uma personalidade integral, ou espiritual,

independente das leis biológicas que governam o corpo somático, torna-se a dita inferência uma necessidade lógica igualmente irrefutável, tanto mais quando se considerem as manifestações em exame cumulativamente com as outras manifestações inerentes à subconsciência humana, como a “clarividência no tempo e no espaço”, os fenômenos de “bilocação”, as criações “ideoplásticas” e a “visão panorâmica” no momento da morte.

E, uma vez admitida a existência subconsciente de uma entidade espiritual e integral, capaz de existir, de agir e de pensar independentemente dos laços da matéria, deste ponto até admitir-se-lhe a sobrevivência à morte do corpo não há senão um breve passo, inspirado antes de tudo pelo complexo das manifestações indicadas, mas depois tornado necessário pela existência das correspondentes manifestações de mortos que fornecem informes pessoais em tudo conformes com os fornecidos pelos vivos. Em outras palavras, uma vez provado que as personalidades dos vivos que se comunicam mediunicamente, longe de serem personificações efêmeras de ordem onírico-sonambúlica, são *os espíritos dos vivos* em cujo nome se manifestam, e uma vez demonstrado que a “telemnesia” não existe, então dever-se-á concluir em igual sentido quanto aos *espíritos de mortos*, toda vez que provem, com fatos, a sua identidade pessoal.

Conclusões

Chegados ao fim desta longa classificação, convém lançar um olhar retrospectivo às etapas ascensionais percorridas, para depois nos determos a discutir as questões teóricas de ordem particular e geral que derivam da mesma classificação. Vimos que os fenômenos das “manifestações mediúnicas entre vivos” se dividem em duas grandes categorias, na primeira das quais figuram as mensagens obtidas quando o agente e o percipiente estão longe um do outro.

A primeira categoria, que é análoga, quanto aos fatos, aos fenômenos de “leitura de pensamento”, salvo a circunstância de que as manifestações do gênero se realizam mediunicamente, varia muito pouco nas modalidades pelas quais se manifesta, de sorte que bem pouco tivemos que observar a respeito, porquanto os referidos casos apresentaram ocasião para formular considerações importantes sobre a gênese presumível de algumas mistificações anímicas que se dão nas comunicações mediúnicas entre vivos, como também sobre a natureza presumível do “controle mediúnico”, o qual consistiria, quase sempre, na transmissão telepática do pensamento e não em uma posse temporária do organismo do médium pelo espírito comunicante.

Enfim, os fenômenos examinados trazem uma primeira indução a favor da autenticidade das comunicações mediúnicas com os mortos, pois que, se a vontade de um vivo chega a ditar mentalmente uma carta inteira, palavra por palavra, servindo-se do cérebro e da mão de outrem (caso 3), então não se pode mais negar a possibilidade de que as personalidades dos mortos transmitam as suas mensagens, exercendo telepaticamente a vontade sobre o cérebro e a mão do médium. Enquanto os fenômenos de tal natureza abalavam os fundamentos da hipótese das “personificações subscientes”, pela qual todas as personalidades que se manifestam no domínio mediúnico não seriam mais do que efêmeras personificações, ou mistificações onírico-sonambúlicas da subconsciência, casos como estes em exame

demonstram a origem positivamente extrínseca das manifestações de mortos.

Passando à segunda das categorias indicadas, observou-se que ela é composta de manifestações que se diferenciam notavelmente entre si, de modo que pareceu indispensável dividi-las em seis *subgrupos*, nos quais foram consideradas, sucessivamente, as mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas imersas em sono e por pessoas em estado de vigília; depois as mensagens obtidas por expressa vontade do médium; outras transmitidas ao médium por vontade expressa de pessoas distantes; depois, os casos de transmissão em que o vivo comunicante estava moribundo e finalmente as mensagens mediúnicas entre vivos transmitidas com o auxílio de uma entidade espiritual.

Já no primeiro *subgrupo*, em que foram examinadas as mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas imersas no sono, tivemos oportunidade de salientar uma das maiores aquisições teóricas trazidas à luz pela presente classificação e é que a característica das comunicações mediúnicas entre vivos consiste no fato de que o agente e o percipiente desenvolvem comumente longos diálogos, os quais demonstram que já não se trata de fenômeno de transmissão telepática do pensamento e sim de uma verdadeira e própria conversa entre duas personalidades integrais, ou espirituais, com as conseqüências teóricas que daí decorrem.

Os casos pertencentes ao segundo *subgrupo*, no qual foram consideradas as mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas em estado de vigília, oferecem-nos ocasião de demonstrar a inexistência presumível de tal forma de comunicações, porquanto não se conhecem exemplos precisos e definidos que sirvam para demonstrar que uma pessoa em estado de vigília chegue, involuntariamente, a entrar em comunicação mediúnica com um sensitivo a distância, *sem pensar nele*. Como resultado do fato, dever-se-ia dizer, ao contrário, que para atingir tal fim é necessário pelo menos que a pessoa em estado de vigília e afastada pense no mesmo instante e mais ou menos intensamente, no sensitivo.

Os casos do terceiro *subgrupo*, nos quais são consideradas as mensagens obtidas por vontade expressa do médium, revestem grande valor teórico. O modo de interpretá-los reflete sua influência sobre o modo de interpretar uma importante classe de casos de identificação espírita: a identificação fundada sobre os informes fornecidos pelos mortos a respeito de sua vida terrena. Seu valor teórico emerge da circunstância de que as comunicações entre vivos, quando determinadas por expressa vontade do médium, confirmam, na aparência, a hipótese pela qual os informes pessoais verídicos fornecidos pelos supostos espíritos, de mortos comunicantes por meio dos médiuns, são, ao contrário, retirados pelos médiuns nas subconsciências dos vivos que conheceram o morto que se afirma presente (telemnésia). Mas, ao contrário dos casos reunidos no *subgrupo* em exame, surge a confirmação incontestável de que as comunicações mediúnicas entre vivos não consistem, absolutamente, em um processo telepático, de seleção inquiridora nas subconsciências alheias por parte dos médiuns, mas consistem, sim, em uma conversação entre duas personalidades integrais ou espirituais subconscientes, o que muda completamente os termos da questão, tornando-se insustentável a hipótese adversa.

Abstenho-me de resumir as conclusões a que se chega a tal propósito, pois que a sua importância exorbita dos limites de uma síntese conclusiva e reclama ser desenvolvida à parte, o que faremos em breve.

Os casos do quarto *subgrupo*, que se referem às mensagens transmitidas ao médium por expressa vontade de uma pessoa afastada, realizam-se muito raramente, enquanto que tal espécie de mensagens, com caráter espontâneo, é, ao contrário, bem freqüente nos casos de sono notório ou disfarçado do agente e estes últimos são muito mais importantes do que o primeiro. No caso de mensagem transmitida ao médium por vontade expressa de uma pessoa que se acha a distância, trata-se, limitadamente, de um fenômeno de transmissão telepático-mediúnica e, portanto, de mensagem pura e simples, que não assume nunca o desenvolvimento de um diálogo. No caso de uma pessoa em sono notório ou disfarçado, as manifestações tomam muitas vezes

proporções de diálogos e, quando assumem tal caráter, isto significa que já não se trata de um fenômeno de transmissão telepático-mediúnica do pensamento, mas sim de uma conversação verdadeira e própria entre duas personalidades espirituais subconscientes, a menos que se trate de mensagem de vivo transmitida com o auxílio de uma entidade espiritual.

De qualquer modo, o significado dos casos pertencentes ao *subgrupo* em apreço não deixa, por sua vez, de confirmar a hipótese espírita, porque, se a vontade consciente de um espírito de vivo pode agir a distância sobre a mão de um médium psicógrafo de modo a ditar o seu próprio pensamento, nada impede que a vontade consciente de um espírito de morto consiga agir de maneira semelhante. Do mesmo modo, se, com base nas comunicações mediúnicas entre vivos, em que é possível certificar-se da autenticidade do fenômeno, interrogando as pessoas colocadas *nos dois extremos do fio*, fica positivamente demonstrado que a mensagem mediúnica provinha de um espírito de vivo afastado, que se dizia presente no momento, então quando *no outro extremo do fio* se encontre uma entidade mediúnica que afirme ser um espírito de morto e o prove fornecendo dados ignorados dos presentes, torna-se teoricamente legítimo inferir daí que, *no outro extremo do fio*, deve achar-se efetivamente a entidade do morto que se afirma presente. Em outras palavras, para ambas as categorias indicadas deve-se excluir a hipótese das “personificações subconscientes” da qual tanto se tem abusado atualmente. Nada, portanto, de personificações efêmeras de ordem onírico-sonambúlica em relação com as comunicações entre vivos e, em consequência disto, nada de semelhança com respeito às comunicações com a entidade do morto, que fornecem a prova precisa de identificação pessoal.

No quinto *subgrupo* foram considerados os casos, por sua vez muito raros, em que a pessoa que se comunica mediunicamente morreu naquele momento ou se encontra moribunda. Esses casos representam a via de transição entre os fenômenos anímicos e espíritas, e isto porque, tratando-se de vivos no leito de morte, fica claro que a telepatia entre vivos por manifestação mediúnica aparece em semelhante circunstância como o último grau de uma

longa escala de manifestações anímicas pela qual se chega ao limiar da grande fronteira, além da qual não pode haver senão manifestações telepáticas de mortos, demonstrando-se mais uma vez que não há solução de continuidade entre as modalidades pelas quais se dão as comunicações mediúnicas entre vivos e as dos mortos. Em outras palavras, mais uma vez somos levados a reconhecer que o Animismo prova o Espiritismo.

Finalmente, no sexto *subgrupo*, no qual são examinadas as mensagens mediúnicas entre vivos, transmitidas com o auxílio de uma entidade espiritual, entra-se de velas soltas no grande oceano das manifestações transcendentais e pode-se demonstrar, a propósito, que a existência de semelhantes formas de comunicações mediúnicas entre vivos não pode ser contestada, porque se conhece uma longa série de experiências que não podem ser explicadas, absolutamente, nem pela telepatia nem pela clarividência telepática.

Baseados no complexo inteiro das manifestações analisadas, observo que as comunicações mediúnicas entre vivos constitui uma das questões mais interessantes e sugestivas que surgem no campo das pesquisas metapsíquicas, porque por ele é possível chegar-se à certeza científica sobre o fato muito importante da possibilidade do *eu integral subconsciente* ou, em outros termos, para o espírito humano, de entrar em relação com outros espíritos de vivos, seja mediúnica seja telepaticamente, ora separando-se temporariamente de seu próprio corpo somático (bilocação), ora comunicando-se ou conversando telepaticamente a distância, depois de ser estabelecida a “relação psíquica”. Todas essas circunstâncias concorrem para fornecer as provas da independência que existe entre o espírito humano e o organismo corpóreo. E, em consequência disto, a demonstração de que o espírito humano pode passar sem o organismo corpóreo nas suas relações espirituais com outras pessoas desencarnadas, depois da crise da morte.

Além disto, pela lei da analogia, servem para desembaraçar o caminho de qualquer obstáculo teórico em relação à possibilidade de comunicar-se mediunicamente com espíritos de mortos, pois que, uma vez conseguida a certeza científica da realidade

das comunicações mediúnicas entre vivos, então as comunicações análogas com entidade de mortos tornam-se o complemento natural das primeiras, salvo sempre a cláusula de que o morto comunicante demonstre a sua identidade pessoal, fornecendo a seu próprio respeito informes suficientes, do mesmo modo que os espíritos dos vivos os fornecem.

Seja dito tudo isto em tese geral, mas, para conferir toda eficácia às conclusões expostas é necessário investigar posteriormente a questão dos limites em que se pode desenvolver a ação telepático-mediúnica entre pessoas vivas, a fim de determiná-los, eliminando qualquer perplexidade que porventura se possa suscitar a propósito da autenticidade espírita das comunicações análogas com as entidades de mortos. (*)

(*) **Nota da Editora:** As comunicações mediúnicas de pessoas vivas foram objeto de longa e minuciosa pesquisa de Allan Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em Paris. Sócios efetivos ou correspondentes da Sociedade se inscreviam para experiências nesse sentido. Kardec os evocava, às vezes a grandes distâncias, sob controle de entidades espirituais que dirigiam os trabalhos mediúnicos. Os boletins da Sociedade, publicados na *Revista Espírita*, são preciosos informativos desse procedimento. As comunicações obtidas foram publicadas na íntegra, pois sempre eram psicografadas, na seção *Palestras Familiares de Além-túmulo*, da mesma revista. Foram essas as primeiras pesquisas e as primeiras demonstrações históricas da independência do espírito em relação ao corpo. Toda a coleção da *Revista Espírita*, referente à fase dirigida por Kardec, num total da doze volumes, foi publicada pela Edicel na coleção das *Obras Completas de Allan Kardec*. Essas pesquisas, cuja natureza científica se evidencia nas publicações referidas, feitas pela *Revista*, receberam a sanção posterior de outros investigadores, como se vê neste livro. Bozzano foi um dos que mais compreenderam a importância científica e procuraram aprofundar a sua significação no campo do conhecimento.

FIM

Notas:

- ¹ Na atual Parapsicologia esses casos de *clarividência no passado, no presente e no futuro*, já cientificamente comprovados, tomam respectivamente a designação técnica de *retrocognição, cognição e precognição*. (Nota da Editora).
- ² Fredrich Myers, *A Personalidade Humana*.
- ³ A médium se chamava Stanislaw Tomczik e seu apelido era Stásia. O espírito em questão se materializava em tamanho menor que a médium. Ochorowicz considerava a materialização como desdobramento psicobiológico da médium e a chamava de Pequena Stásia. (Nota da Equipe Revisora Edicel).
- ⁴ *Caleça* – Carruagem de quatro rodas e dois assentos, puxada por uma parilha de cavalos. (Dicionário Aurélio Século XXI)
- ⁵ Bozzano oferece aqui a solução da controvérsia parapsicológica atual entre a Escola de Rhine (Estados Unidos) de um lado, e a de Robert Amadou, católico (França) e J. Vassiliev, materialista (Rússia) sobre a natureza das *funções psi* ou paranormais. Para Rhine, trata-se de funções em desenvolvimento, e para Amadou e Vassiliev de funções arcaicas, em fase de extinção. Faltou a ambos os lados a explicação espírita (Nota da Editora).
- ⁶ Hipótese formulada arbitrariamente, como tantas ainda hoje propostas na Parapsicologia, para negar a existência do espírito e de sua intervenção nos fenômenos paranormais (Nota da Editora).
- ⁷ *Correspondência cruzada (cross-correspondence)* – Mensagem supranormal obtida por diferentes médiuns, cada um dos quais obtém dela uma parte que por si só não forma sentido e precisa da outra parte para se tornar inteligível. (A. Lobo Vilela – Vocabulário Metapsíquico, extraído da obra *Resumo da Doutrina Espírita*, de Gustave Geley).